

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**PRISCILLA CALMON DE ANDRADE**

**ATENÇÃO EM REDE NO #PROTESTORJ:  
perspectivas e fluxos de conversação no Twitter**

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PRISCILLA CALMON DE ANDRADE

**ATENÇÃO EM REDE NO #PROTESTORJ:  
perspectivas e fluxos de conversação no Twitter**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de Tecnologias da Comunicação e Estéticas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antoun.

Coorientador: Prof. Dr. Fabio Malini

RIO DE JANEIRO

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

A553a Andrade, Priscilla Calmon de Atensão em Rede no #ProtestoRJ: perspectivas e fluxos de conversação no Twitter / Priscilla Calmon de Andrade. -- Rio de Janeiro, 2016.  
160 f.

Orientador: Henrique Antoun.

Coorientador: Fábio Malini. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.

1. Atensão. 2. Mobilização social. 3. Redes sociais. 4. Conversação. 5. ProtestoRJ. I. Antoun, Henrique, orient. II. Malini, Fábio, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Priscilla Calmon de Andrade

**ATENÇÃO EM REDE NO #PROTESTORJ: perspectivas e fluxos de conversação no Twitter.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovada em 23 de março de 2016.

---

Prof. Dr. Henrique Antoun (Orientador)  
Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima (Coorientador)  
Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dra. Ivana Bentes de Oliveira  
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito d'Andréa  
Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais





**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**  
**APRESENTADA POR PRISCILLA CALMON DE ANDRADE NA**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ**

Aos vinte e três dias do mês de março de dois mil e dezesseis, às quinze horas, na sala 140 da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentada a dissertação de mestrado de Priscilla Calmon de Andrade, intitulada: **“ATENÇÃO EM REDE NO #PROTESTORJ: perspectivas e fluxos de conversação no Twitter”**, perante a banca examinadora composta por: **Henrique Antoun** [orientador(a) e presidente], **Fábio Luiz Malini de Lima** [coorientador(a)], **Ivana Bentes e Carlos Frederico de Brito d'Andréa**. Tendo o(a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua dissertação:

aprovada     reprovada     aprovada mediante alterações  
*resaltando a qualidade do texto e o desenvolvimento de metodologias  
atuais de pesquisa em interação e visualização de dados*

E, para constar, eu, Rodrigo de Souza Lessa, lavrei a presente, que segue por mim datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 23 de março de 2016.

Henrique Antoun [orientador(a) e presidente]

Fábio Luiz Malini de Lima [coorientador(a)]

Ivana Bentes [examinador(a)]

Carlos Frederico de Brito d'Andréa [examinador(a)]

Priscilla Calmon de Andrade [candidato(a)]

Aos que viram nascer junho de 2013.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Valquiria e Elimar, pelo investimento e confiança sem limites na minha capacidade e amor incondicional, sem vocês nada disso seria possível.

À minha irmã, por aguentar a minha pior parte e ter se duplicado na minha ausência entre duas casas e duas famílias.

À minha afilhada, Bella, por todo amor e carinho quando eu mais precisava, minha conquista só tem valor se for compartilhada com você.

Aos funcionários da Escola de Comunicação da UFRJ, em especial à Thiago Couto, pela sempre grande paciência e eficiência para resolução de todos os problemas possíveis.

Ao meu orientador, Henrique Antoun, por me passar parte de seu conhecimento com reuniões e orientações que jamais serão esquecidas.

Ao meu coorientador, Fábio Malini, obrigada pelo apoio até aqui, sem palavras para agradecer o quanto você foi importante para o desenvolvimento não só desta dissertação, mas para o meu amadurecimento profissional.

À professora Fernanda Bruno, por diversas reuniões e ajuda sobre o significado das mobilizações de junho e o que ela representou para o Rio de Janeiro, neste trabalho tem um pouco de você.

Aos meus amigos do Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic-Ufes), em especial Nelson Reis, por toda paciência e dedicação ao me ajudar incontáveis vezes ao longo deste trabalho, sobretudo com sua genialidade ao produzir grafos únicos, alguns deles presentes ao longo da dissertação, muito obrigada! E a Marianne Malini, alma de mãe, que acolhe com o coração, orienta com palavras e autores incontáveis da sociologia, obrigada por tudo.

À CAPES, pela bolsa e a disponibilidade exclusiva a este projeto.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram nesta caminhada, sobretudo aos amigos Jéssica e Matheus, pelas diversas vezes que com carinho e amor me abrigaram nas idas e vindas do Rio de Janeiro, a todos amigos pela fé inabalável em meu potencial. Não poderia deixar ainda de agradecer a meu companheiro de todo dia, Bernardo, por toda força, amor e apoio nos momentos finais deste trabalho. E por fim, mas não menos importante, aos familiares, pela confiança e amparo de sempre.

Esse trabalho é de vocês!

A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade,  
o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona.

(Manuel Castells)

## RESUMO

CALMON de Andrade, Priscilla. **Atenção em rede no #ProtestoRJ**: perspectivas e fluxos de conversação no Twitter. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho consiste em uma análise dos regimes de atenção em rede constituídos pela indexação da hashtag #ProtestoRJ no microblog Twitter. A inspiração para o estudo deste objeto surge a partir das Jornadas de Junho de 2013, quando uma insatisfação geral com a situação de demandas sociais no país, somados ao aumento da tarifa de transporte público em diversas capitais, coloca milhares de cidadãos às ruas reivindicando por reformas e melhorias na forma de constituição da economia e da sociedade brasileira. Entre as redes e as ruas este movimento coloca o Brasil na rodada das mobilizações sociais globais, sendo fundamental analisar, portanto, suas particularidades, funcionamento, arquitetura, organização e autogestão. Para isso, através de uma análise temporal entre os dias 16 a 21 de junho de 2013, buscaremos identificar as principais hashtags mobilizadoras de atenção, seguido pela investigação dos perfis de maior grau de entrada - que receberam o maior número de retweets, e as maiores comunidades presentes em cada dia, compreendendo assim a relação entre os discursos e perfis que fazem com que determinado tema seja mais discutido ou mobilizado em rede. Essa análise busca comprovar a hipótese do nosso trabalho: a de que perfis populares nas mobilizações políticas em rede utilizam táticas e técnicas de captura de atenção para garantir a visibilidade política e a divulgação de certa pauta em rede, enquanto perfis menores realizam a mobilização e discussão de temáticas mais controversas e polêmicas.

**Palavras-chave:** atenção; mobilização social; redes sociais; conversação; protestorj

## ABSTRACT

CALMON de Andrade, Priscilla. **Atenção em rede no #ProtestoRJ**: perspectivas e fluxos de conversação no Twitter. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The present study consists of an analysis of networked care systems constituted by indexing #ProtestoRJ hashtag on Twitter microblog. The inspiration for this study emerges from the Jornadas de Junho de 2013, a conference, when a general dissatisfaction regarding social needs throughout the country, combined with an increase on public transportation fares in many capitals, which took thousands of people to the streets claiming for reforms and improvements towards the constitution of economy and the Brazilian society. Amid networks and streets this movement managed to place Brazil at the table of global social movements, making primordial to analyse, therefore, its peculiarities, functioning, architecture, organization and self-management. In doing so, through a temporal analysis from 16 to 21 June 2013, we will seek to identify the main mobilizing attention hashtags, followed by the research of the highest degree of input profiles - which received the highest number of retweets, and the largest communities present in every day, thus understanding the relationship between the speeches and profiles that make certain topic to be further discussed or mobilized on the network. This analysis quests to prove the hypothesis of our work: the popular profiles on network political mobilizations use tactics and attention capture techniques to ensure political visibility and dissemination of certain network agenda, while smaller profiles perform the mobilization and discussion of most contentious and controversial topics.

**Keywords:** attention; social mobilization; social networks; conversation; protestorj

## **LISTA DE FIGURAS**

- Figura 1** - Foto compartilhada na rede sobre protesto do dia 17 de junho de 2013
- Figura 2** - Modelo de estatística do PageRank
- Figura 3** - Rede completa de hashtags do #ProtestoRJ
- Figura 4** - Maior rede de hashtags no #ProtestoRJ
- Figura 5** - Segunda maior comunidade de hashtags no #ProtestoRJ
- Figura 6** - Terceira maior comunidade de hashtags no #ProtestoRJ
- Figura 7** - Nuvem de palavras da rede completa #ProtestoRJ
- Figura 8** - Rede de retweets completa do #ProtestoRJ
- Figura 9** - A rede de atores com a métrica grau de entrada no dia 16 de junho
- Figura 10** - Cinco maiores comunidades do dia 16 de junho
- Figura 11** - 3ª maior comunidade em verde e 4ª maior em laranja do dia 16 de junho
- Figura 12** - Rede de atores do dia 17 de junho
- Figura 13** - Manifestação no centro do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco.
- Figura 14** - Cinco maiores comunidades do dia 17 de junho
- Figura 15** - Maior comunidade da rede do dia 17 de junho
- Figura 16** - Segunda maior comunidade da rede do dia 17 de junho
- Figura 17** - Terceira e quarta maior comunidade do dia 17 de junho
- Figura 18** - Rede de atores do dia 18 de junho
- Figura 19** - Cinco maiores comunidades do dia 18 de junho
- Figura 20** - Maior comunidade do dia 18 de junho
- Figura 21** - Quarta maior comunidade da rede do dia 18 de junho
- Figura 22** - Quinta maior comunidade no dia 18 de junho
- Figura 23** - Rede de atores do dia 19 de junho
- Figura 24** - Cinco maiores comunidades do dia 19 de junho
- Figura 25** - Terceira maior comunidade do dia 19 de junho
- Figura 26** - Quarta maior comunidade do dia 19 de junho
- Figura 27** - Quinta maior comunidade do dia 19 de junho
- Figura 28** - Rede de atores do dia 20 de junho
- Figura 29** - Cinco maiores comunidades do dia 20 de junho
- Figura 30** - Segunda maior comunidade no dia 20 de junho
- Figura 31** - Quinta maior comunidade do dia 20 de junho
- Figura 32** - Rede de atores do dia 21 de junho

**Figura 33** - Cinco maiores comunidades do dia 21 de junho

**Figura 34** - Maior comunidade do dia 21 de junho

**Figura 35** - Quarta maior comunidade do dia 21 de junho

**Figura 36** - Quinta maior comunidade do dia 21 de junho



## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 16 de junho

**Tabela 2** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 17 de junho

**Tabela 3** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 18 de junho

**Tabela 4** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada no dia 19 de junho

**Tabela 5** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 20 de junho

**Tabela 6** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada no dia 21 de junho

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – Mobilização em rede: entre conexões e poder</b> .....	21
1.1 Experiências de novas subjetivações: a cultura da Internet .....	21
1.2 Poder em rede: uma nova forma de fazer política .....	30
1.3 Movimentos Sociais e Sistemas-Rede .....	34
1.4 A participação política em rede .....	42
<b>CAPÍTULO 2 – Economia da atenção no capitalismo: emergência e captura</b> .....	48
2.1 Atenção no capitalismo cognitivo .....	48
2.2 Produção imaterial e o consumo de bens intelectuais .....	55
2.3 Formas de resistência: a biopolítica da multidão .....	59
2.4 Informação, atenção e escassez.....	63
2.5 Fluxos de atenção em rede: uma noção sobre algoritmos.....	68
<b>CAPÍTULO 3 – Cartografia em rede: um estudo do #ProtestoRJ</b> .....	73
3.1 Lutas globais a junho de 2013: onde tudo começou .....	73
3.2 A metodologia do estudo das redes .....	79
3.3 A rede de hashtags do #ProtestoRJ .....	85
3.4 Focos de atenção: a rede de atores entre os dias 16 a 21 de junho .....	90
3.4.1 A rede geral de RTs: as perspectivas temporais de 16 a 21 de junho .....	90
3.4.2 16 de junho de 2013: rede em alerta e mobilizada.....	92
3.4.3 17 de junho de 2013: perfis populares narram sobre a rua .....	99
3.4.4 18 de junho de 2013: a reflexão e crítica dos protestos .....	111
3.3.5 19 de junho de 2013: a grande mídia busca espaço .....	120
3.3.6 20 de junho: ativistas e mídia dominam a narrativa .....	129
3.4.7 21 de junho: rede territorializante se mobiliza.....	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	148
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	154

## INTRODUÇÃO

Cada vez mais estamos propensos a dispender de forma indeterminada o que de grande valia há em jogo na economia moderna: a nossa atenção. Neste trabalho, através do objeto a ser analisado, os tweets extraídos do #ProtestoRJ, buscaremos compreender as técnicas de produção de atenção em rede. Associada às publicações referentes à onda de protestos no Brasil em 2013, conhecida como Jornadas de Junho, a hashtag #ProtestoRJ emerge e ganha força quando milhares de cidadãos resolvem protestar pelo aumento da passagem do transporte público no Rio de Janeiro. Para Singer (2013) as Jornadas de Junho podem ser divididas em três grandes momentos: os protestos iniciais que tiveram como coletivo desencadeador o Movimento Passa Livre (MPL), com suas pautas e reivindicações direcionadas, sobretudo, ao transporte público, entre os dias 6, 7, 11 e 13 de junho; o boom ou explosão das manifestações, que começa no dia 17 e segue até o final de junho; e por último, do final de junho a julho, a diminuição da intensidade dos protestos, com sua segmentarização em mobilizações espalhadas com objetivos mais focados e específicos. Neste trabalho, em particular, estudaremos o segundo momento – o estouro das manifestações – analisando os *tweets* entre os dias 16 e 21 de junho de 2013. A escolha pelo período em questão se dá por serem datas que antecedem e sucedem as duas manifestações na cidade, a primeira do dia 17 de junho, com 100 mil pessoas às ruas, e a do dia 20, que contabilizou 300 mil manifestantes.

Este é, portanto, um objeto que se debruça sobre o aspecto em rede e formação social dos coletivos que, em conjunto, agem para a obtenção de um projeto em comum. Nota-se no #ProtestoRJ, por exemplo, a ação em conjunto dos manifestantes que reivindicavam melhorias em aspectos sociais do país: como investimentos em saúde pública, mais educação e segurança, além de pedidos pelo fim da corrupção no país e críticas aos gastos públicos com a Copa do Mundo da FIFA e a Copa das Confederações

Graças ao recente empoderamento dos cidadãos às novas tecnologias de informação e comunicação, o usuário deixa de ser um simples telespectador para se tornar um ser ativo sobre a criação e o compartilhamento de conteúdo que tem à sua disposição. Somado a isso, novas táticas de atuação em rede e de tentativa de apreensão da atenção do outro se tornam cada vez mais frequentes: está configurada a “economia da atenção”. Nela, de acordo com seus interesses, o cidadão com o seu perfil pode expressar suas

ideias, interagir em rede, compartilhar, comentar e publicar. Com esse forte poder de publicação na rede, muitas mudanças tornaram-se evidentes no rumo da história. Investigaremos, portanto, o poder de articulação e mobilização destas novas mídias, em particular, o Twitter, uma importante ferramenta online que proporcionou a pessoas comuns a construção e o relato de suas próprias histórias e experiências. De acordo com John Arquilla e Davi Ronfeldt (2003) a partir do momento em que o poder de compartilhamento e colaboração está nas mãos dos perfis na rede, as ameaças começam a surgir em direção a uma ação coletiva que possa acontecer organizada neste espaço e saem à frente aqueles que não só se estruturam enquanto tal, mas conhecem o funcionamento e dinâmica da rede.

Dessa forma, a hipótese inicial deste trabalho é de os perfis populares em mobilizações políticas que acontecem entre as redes e as ruas utilizam táticas e técnicas de captura de atenção para garantir a visibilidade política, assim como a disseminação de determinada pauta em rede. Assim, buscaremos analisar de que forma os movimentos sociais criam mecanismos de atenção para suas pautas e utilizam as redes como forma de atrair ainda mais visibilidade e reconhecimento. O resultado pode ser, por exemplo, perfis populares que utilizam sua alta influência para circular determinado assunto, enquanto temáticas mais urgentes e de forte discussão social, como violência policial, aparece em segundo plano, realizadas por perfis menos populares.

Essas características serão visíveis a partir da análise cronológica da rede, ou seja, buscando determinar as ordens dos acontecimentos históricos e os fluxos comunicacionais seguindo uma sequência lógica (entre os dias 16 e 21 de junho de 2013). Dessa forma será possível compreender o movimento de captação de atenção em rede, em uma sobreposição de camadas e temáticas, que se adensam e desagrupam ao longo do tempo. Neste movimento de “agregar” e “desagregar”, “aparecer” e “desaparecer”, os coletivos em rede deixam pistas nas redes, rastros estes que revelam pontos de vista particulares sobre diferentes temáticas predominantes num dado período. Sendo assim, com a análise dos tweets das Jornadas de Junho no Rio de Janeiro, podemos compreender como dada mobilização faz entrar e sair em cena certos regimes de atenção constituindo por temáticas de maiores incidências em determinados momentos da narrativa contada pelos atores envolvidos. Nesse processo utilizaremos a extração das principais hashtags envolvidas para compreender o panorama geral dos acontecimentos, assim como as principais comunidades estruturais de hashtags que circundam e alimentam a rede #ProtestoRJ.

Por fim, para ter acesso aos diferentes grupos de opinião, de julgamento, de perfis de cunho mobilizadores e difusores de informações, analisaremos os perfis que apresentam o maior grau de entrada, ou seja, o maior número de retweets, assim como as principais comunidades de cada dia de protesto, identificando se os discursos mais populares (dos perfis de maior grau de entrada) também geram alta transformação social, ao serem compartilhados entre fortes clusterizações ao longo dos dias de protesto, ou se apenas são republicados na rede, sem alterar o fluxo da narrativa ou gerar discussão sobre determinada temática.

Algumas questões centrais relacionadas a topologia da rede e análise dos tweets irão nortear este estudo: qual a singularidade das formas de narrativa configuradas em rede através dos perfis de maior grau de entrada? Estes realizam muitos tweets ou apenas alguns que o fazem ser altamente compartilhados? Há relação entre as maiores comunidades e os perfis de maior grau de entrada? Onde encontra-se os focos de disputa de atenção nos tweets do #ProtestoRJ? Como se dá a constituição de certos temas frequentes nas redes, em um processo de formação de opinião pública, se estes não têm origem nos fluxos comunicacionais da mídia tradicional? Em resumo, busca-se compreender a centralidade de tendências no #ProtestoRJ partindo da investigação de: 1) maiores hashtags, 2) grau de entrada dos perfis, 3) comunidades mobilizadoras na rede.

Para isso, nesta pesquisa, serão analisados 49.523 retweets extraídos do período específico do #ProtestoRJ selecionados para a análise, que nos fornecerão, a princípio, pistas topológicas, ou seja, de como os elementos em rede estão dispostos, sendo possível, através desses rastros em rede, entender o movimento de produção de tendências e focos de atenção, ou seja, a transferência e a transmissão de mensagens através de um contato com o outro, neste caso através de um retweet, como uma forma de compreender as subjetivações envolvidas e os processos de formação de comunidades que compartilham objetivos em comum. Portanto será possível entender como esses atores, ao assumirem a função de narradores em rede, constituem sua própria narrativa, contada entre as redes e as ruas.

A metodologia aplicada neste trabalho refere-se a uma cartografia em rede no campo da mobilização política e seus modelos de comunicação distribuída, por meio da seguinte forma: todos os dados utilizados para a análise da formação da rede emergente em torno do #ProtestoRJ são extraídos do Twitter a partir de um processo de mineração de dados, com o uso do software YourTwrapperKeeper. Nele, podemos inserir qualquer hashtag desejada e a partir dessa informação os tweets referentes a ela serão rastreados e

compactados em um arquivo geral, que pode ser de diversas extensões, como o formato .csv, a ser utilizado neste trabalho. O passo seguinte, após a extração, é a filtragem do material entre os dias 16 a 21 de junho de 2013, escolhidos para análise, seguidos pela divisão do material em dois arquivos, retweets (consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a lista de seguidores) e menções (uma forma de resposta ou citação a um usuário da plataforma, através do uso, por exemplo, do “@”). Essa divisão é feita através de um script processado na linguagem de programação “R” que reúne diversas informações do tweet em um arquivo de texto contendo, por exemplo, qual perfil publicou, além do local e horário do tweet<sup>1</sup>.

Em seguida, com os dados compilados, o próximo processo é a parte empírica do trabalho: a realização de um mapa cartográfico, processo que seguirá as pistas fornecidas por Bruno Latour para ver o social se formar com o rastreamento de suas conexões. Esse é o passo da visualização, que se inicia com a inserção dos arquivos no software Gephi, uma plataforma open source interativa de visualização e exploração de vários tipos de rede e sistemas complexos. Através deste programa é possível aplicar algoritmos de desenhos configuráveis para serem executados em tempo real. Por exemplo, a velocidade, a gravidade, repulsa, estabilidade, inércia ou ajustes de tamanho são configurações que podem ser executadas pelo programa. O software é constantemente atualizado e suas técnicas são desenvolvidas para aumentar a nitidez e legibilidade das redes. Com ele, a face visível das redes, os grafos, saltam aos olhos e permitem a análise inicial: a da estrutura topológica e o comportamento da rede. Nesta fase, a de análise da rede, serão utilizadas as estatísticas do Gephi: medidas que auxiliam no entendimento dos papéis sociais e subjetivações constituídas pela ação dos perfis nas redes sociais.

Importante destacar que estes são estudos percursos desenvolvidos pelo Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo em parceria com o MediaLab da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no que se refere a constituições de projetos sobre novas abordagens teóricas e empíricas que se debruçam sobre as modalidades de poder e contrapoder que se apresentam na web 2.0. Dessa forma, esta pesquisa traz consigo uma demonstração dos resultados obtidos a partir deste árduo caminho de análise em rede, com o estudo de grafos e estatísticas, áreas predominantemente dominadas pela matemática e que, agora, com o estudo

---

<sup>1</sup> Após uma série de modificações ao script original, realizado por um pesquisador do Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic), Jean Medeiros, foi possível gerar um arquivo de informações que além de ter as informações básicas do tweet, também dizia quem realizou quanto quem deu o retweet, além do seu conteúdo e horário.

comunicacional, abre caminho para o amplo desenvolvimento no campo das Ciências Sociais Aplicadas.

O avanço da pesquisa está diretamente relacionado aos resultados obtidos por um caminho metodológico dividido em duas principais vertentes: revisão bibliográfica e mapeamento de mobilizações políticas em rede. No primeiro capítulo será realizado um percurso histórico pelos movimentos sociais, a princípio pontuando a emergência de uma nova subjetivação, sujeitos que em rede encontram força para compartilhar, colaborar e agir em comum, criando sob a forma de resistência e ativismo, regimes de luta e ação entre as redes e a ruas. Ressaltaremos, portanto, o nascer da web 2.0, novos sujeitos, o que se entende por movimentos sociais e o uso da terminologia sistema rede para referir-se às mobilizações políticas atuais.

No segundo capítulo abordaremos os regimes de atenção no capitalismo, em uma análise histórica, do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo, que reflete sobre as alterações sociais que configuraram a emergência de um novo tipo de trabalho: o imaterial, e conseqüentemente um novo sujeito, caracterizado por seus aspectos cognitivos e inteligíveis tidos como diferenciais para a construção de um novo tipo de riqueza: produzida por todos nos mais diversos âmbitos da vida. Em seguida, abordaremos de que forma o novo sujeito se apresenta enquanto parte ativa da constituição do trabalho imaterial, desde sua produção ao seu consumo.

Por fim, através do mapeamento em rede, no último capítulo, realizaremos uma análise das redes emergente do #ProtestoRJ, em uma investigação que leva em conta dois aspectos essenciais para o entendimento do objeto: o tempo e a atenção. A exclusão do tempo significaria, neste mapeamento, destituir a produção histórica inerente em redes de opinião, já que cada tempo forma, em si, um aspecto particular sobre as diferentes singularidades e subjetividades que se constituem no interior da rede. É por isso que o tempo é um fator essencial para reflexão e análise desta pesquisa, moldando o desenho da rede e explicando a formação dos diferentes modos de ver e de se comunicar em rede. Esse processo se realizará através da análise cronológica dos dias de protesto. Ao mesmo tempo, os regimes de atenção também serão visualizados de perto, compreendendo a centralidade de atenção em rede como um movimento concreto das pessoas, aqui, a hashtag passa a ser analisada a partir de seu viés centralizador de conteúdo e criador de tendências do momento, como os *Trending Topics*, no Twitter, processo este possível pela investigação dos perfis de maior valor de grau de entrada e as maiores comunidades de cada dia de manifestação.

Ao investigar determinadas temáticas presentes dentre esses perfis mais populares e maiores comunidades buscamos compreender quais assuntos foram mobilizados para compor as subjetivações que estão inscritas na cronologia do protesto no Rio de Janeiro. Esta metodologia traz consigo uma conclusão: numa rede, os nós não apenas formam laços, como também são moldados pelos tópicos de discussão num processo conversacional. São esses tópicos, portanto, que ajudam a compreender o fluxo de atores em determinada camada da rede social, como o #ProtestoRJ. Portanto, não basta analisar os atores por si só, pois essas figuras só existem em suas relações com o outro. É preciso adentrar nesses laços sociais e entender o que determinada anúncio representou naquele contexto específico, qual a atitude de um *tweet* e qual a intenção do perfil ao publicar aquela informação.



## CAPÍTULO 1 – Mobilização em rede: entre conexões e poder

### 1.1 Experiências de novas subjetivações: a cultura da Internet

Este trabalho nasce, como já apontado anteriormente, de um projeto da multidão. Junho de 2013 atravessou as redes e as ruas e deixou evidente, como aponta Bentes (2013), que estávamos sendo povoados e imersos em um novo “bios”, mergulhados em uma “mídiosfera constituída de redes, dispositivos, dados, processos de interação humano/ não humanos” (BENTES apud ANTOUN; MALINI, 2013, p.10). Neste cenário, percebemos que a Internet não seria, portanto, algo que utilizamos somente para ter acesso a conexões e conteúdos, ela nos corta, nos atravessa e nos molda através das diferentes conexões que estabelecemos, “somos nós as redes sociais”.



**Figura 1** - Foto compartilhada na rede sobre protesto do dia 17 de junho de 2013

Para adentrarmos no processo de investigação deste trabalho, o estudo dos regimes de atenção em rede do #ProtestoRJ e suas formas de captura, é fundamental refletirmos sobre uma ideia já bastante discutida entre acadêmicos, e não por isso menos importante, que é o processo de produção e publicação de informações em rede, intensificados desde o nascer da Web 2.0, pelas ferramentas de comunicação atuais, e potencializados pelas novas tecnologias que permitiram o amplo acesso ao ambiente virtual. Neste espaço vemos emergir novas subjetividades, perfis em rede, que em conjunto articulam uma construção própria, de diferentes narrativas online, com seus diversos desencadeamentos e conexões. Ainda é tempo de refletirmos sobre ela.

Grandes mudanças na relação que temos com as tecnologias foram antecipadas pelos anos 90, que viram nascer, pela primeira vez na história, empresas implantadas diretamente no ciberespaço, apesar de muitas delas não terem conseguido sobreviver a este meio recém-criado e bastante competitivo. Nos anos 2001, o estouro da bolha das empresas ponto.com marcou a crise que fez despencar as ações de empresas de tecnologias e informações baseadas da Internet, e sinaliza, como afirma Tim O'Reilly (2005), o momento em que uma nova tecnologia ascende: a web 2.0.

Este conceito da web 2.0 nasceu em uma conferência de brainstorming entre O'Reilly e a MediaLive Internacional. Na ocasião, Dale Dougherty, pioneiro da web e vice-presidente da O'Reilly, notou que o caminho da web estava longe de uma ruptura, estando prestes a se tornar mais importante que nunca com o surgimento de novas aplicações e sites com uma regularidade cada vez maior (O'Reilly, 2005). Este cenário estava marcado pelo aparecimento de novas aplicações, como o Google AdSense, Flickr, BitTorrent, Napster e Wikipedia.

Essa era a web dos wikis, das mídias sociais e do uso cada vez maior do que seria o uso da inteligência coletiva para produção de projetos em comum e compartilhados entre múltiplos indivíduos. Com o seu caráter de descentralização, na web 2.0, o usuário deixava de ser um mero telespectador e se tornava um ser ativo sobre a criação e compartilhamento de conteúdo – impulsionado em grande parte pelas melhorias nas interfaces gráficas da Internet. Segundo Renata Gonçalves Curty (2008) na web 1.0 a tecnologia conectava os usuários, agora são as pessoas que se conectam através da tecnologia. Nesse cenário, a tecnologia tem posição coadjuvante em uma web centrada em suas manifestações coletivas. O momento era de grande euforia para quem via na web 2.0 o futuro das relações mediadas pelo próprio usuário. Não era preciso ser um habilidoso programador para publicar na web, bastava ter um computador para postar informações e compartilhá-las com quem lhes interessasse. Estava dado o poder nas mãos dos usuários. Como afirma Dan Gillmor (2005) as comunicações teriam passado por uma transformação. Agora, todos tinham um meio que seria o que quiséssemos que ele fosse, de um para um, de um para muitos ou de muitos para muitos.

Todos podíamos escrever, não apenas ler, de formas nunca antes possíveis. Pela primeira vez na História, qualquer pessoa que dispusesse de um computador e de uma ligação à Internet podia, pelo menos no mundo desenvolvido, ser proprietária de um órgão de imprensa. Qualquer um podia publicar notícias. (GILLMOR, 2005, p.41).

De propriedade do autor do site, o modelo da web 1.0 adotava a estrutura de “homepage”, configurado e editado pelo usuário. Aqui, explica Malini (2011), o jornalismo online estabeleceu sua genealogia, nascendo como um grande projeto das corporações globais de fazer da Internet um meio capaz de controlar as interações de leitores online. A home fundava o que o autor chama de metáfora da visita, termo denominado por Janet Murray, em 1997. Essa visita era nada mais do que a possibilidade de navegação entre os links que o usuário seria capaz de seguir nesse universo que se constituía o site, cuja interação era controlada pelos editores que filtravam os conteúdos que os visitantes poderiam acessar.

A cultura da homepage abriu o caminho para a possibilidade da construção de uma narrativa multimídia com uma linguagem específica: o hipertexto. Essa realidade se concretizaria com uma nova possibilidade para o campo da publicação, a transposição do jornalista para a Internet. Malini (2011) destaca os benefícios trazidos pela web para vários campos, os veículos independentes, por exemplo, passaram a ter um público mais abrangente e global, o ciberativismo, encontrou o espaço para criar e difundir seus movimentos sociais, e os veículos tradicionais de comunicação tentaram estabelecer suas bases online, numa verdadeira fábrica de jornais online, em que o formato das notícias encontrava o padrão ideal no “breaking news”, notícias em tempo real dos mais diversos assuntos.

Era o tempo dos portais. Não havia empresa, da maiúscula à minúscula, que não tinha como meta ser um “portal de notícia” na web: a ideia era ser um super nó que concentrava todo tipo de conteúdo. Eram tempos de ‘gestão de conhecimento’. O que fez, por conseguinte, que um volume maior de pessoas, empresas e instituições requeressem o status de produtores de notícias. (MALINI, 2011, p.03)

Da cultura da homepage nasce a possibilidade de qualquer pessoa com conhecimento em linguagem html criar seu próprio canal de comunicação. O próximo passo seria o desenvolvimento de veículos colaborativos e compartilhados de comunicação.

Com uma nova configuração, o século XXI começava sendo povoado pelas organizações tradicionais gerenciando seus próprios portais de notícias e os novos profissionais inseridos neste meio tentando exercer o jornalismo de forma melhorada com as ferramentas que possuíam. E assim continuaram no esteio da economia até o que

Malini (2011) chama de “napsterização da sociedade”<sup>2</sup>, ou seja, quando os perfis e leitores das redes passam a não mais apenas visitar ou ler um conteúdo, mas compartilhá-lo. Dessa forma, explica o autor, o valor da rede passa a ser calculado a partir da quantidade de grupos e comunidades que se consegue criar e mobilizar na Internet, ou seja, na quantidade de interações geradas e na socialização dos conteúdos, constituindo o que seria a base das redes peer-to-peer, “ou que popularmente passou-se a chamar de redes sociais na Internet ou web 2.0” (MALINI, 2011, p.3).

Neste cenário da web 2.0, o usuário é substituído pelo perfil, ou seja, deixa de ter uma home e passa a existir e ter voz em sua timeline. Essa mudança registra a importância das relações pessoais – consequentemente das redes sociais na Internet – para a afirmação de um “eu público”. O autor, dono do perfil, antes de ser público é autor, e para autor, é antes, público. O modelo da timeline se organiza segundo uma cronologia inversa, em que o novo aparece no topo (top-down), e se estabelece como uma interface padrão para a narrativa colaborativa na Internet. Ela une a atualização contínua típica do padrão jornalístico de *breaking news* com a participação coletiva peer-to-peer (ANTOUN e MALINI, 2013). Dessa forma, ocorre uma dependência da produção colaborativa, ou seja, se você não tem amigos não será lido por ninguém, e se tem poucos amigos, poderá ler pouca coisa em outras timelines.

Assim, a dinâmica da rede social opera dentro de uma esfera pública midiática na qual não é o veículo de comunicação que constitui o público, mas este que faz o seu próprio veículo de comunicação, através de suas conexões e capital social. O autor, o verdadeiro DNA das redes sociais, só existe se for conectado com outros autores. O valor dessa rede está agora baseado na quantidade de interações geradas, no número de replies, menções, curtidas, comentários e compartilhamentos (MALINI, 2011).

Esses perfis em redes sociais permitem que a conversa entre as pessoas se agrupe em torno de determinados temas. No microblogger Twitter, por exemplo, encontramos assuntos reunidos em torno de uma hashtag, ou seja, uma palavra-chave, que se for muito comentada pela rede aparece nos *Trending Topics*, um agregador de comentários sobre o mesmo tema que são realizados na plataforma naquele momento. Para Santaella e Lemos

---

<sup>2</sup> Criado em 1999, por Shawn Fanning e Sean Parker, o Napster foi o programa de compartilhamento em rede que travou a grande luta jurídica entre indústria fonográfica e as redes de compartilhamento de música na Internet. Em formato MP3, o Napster permitia que usuários realizassem download de um arquivo diretamente de um computador de outro usuário, através de uma rede descentralizada, denominada peer-to-peer (ponto a ponto). Malini (2011) traça uma analogia do funcionamento dessa nova ferramenta online com a organização da sociedade em rede, agora capaz de compartilhar conteúdo online. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Napster>>. Acesso em 18 de novembro de 2015.

(2010) o auge da era dos perfis é marcada pela dualidade entre predadores e colaboradores. Em que os primeiros estão interessados em usar seus dados em proveito próprio, sem gerar valor para o grupo, enquanto o segundo agrega valor ao coletivo, que faz com que por meio do reconhecimento, impacte positivamente na reputação do usuário. É o que acontece nas redes sociais da Internet (RSIs) e em grandes análise de dados extraídos de redes sociais, quando, por exemplo, vemos perfis que se destacam por sua alta popularidade, atraindo assim atenção para si e para temática que levanta, e que na maioria das vezes não gera grandes transformações em relação a este conteúdo, enquanto, por outro lado, há fortes comunidades que levantam entre si importantes questionamentos, mantendo a rede viva ao redor das principais discussões no #ProtestoRJ

De fato, o perfil convertido em autor coletivo e suas relações com os outros é o que compõem, como afirma Antoun e Malini (2013), o DNA das redes sociais. Portanto, nela, não haverá a princípio, espectador, mas uma comunidade de parceiros e colaboradores em uma conversa, em uma timeline, gerando um efeito de sobreposição discursiva que acontece de acordo com o regime de atenção em rede. Nela, poderá ser observado o fluxo contínuo de informações que funcionam como um streaming, ao vivo, de mensagens e dados transmitidos ininterruptamente, sendo cada perfil uma comunidade de autores, exprimindo para sua rede de amigos sua amostra de crenças e valores sobre determinada temática, discussões ou até mesmo hashtags. Em particular, a hashtag, a ser estudada neste trabalho, merece observações acerca do seu uso político. Ao indexá-la nas mensagens, o perfil em rede faz dela:

Um movimento de apresentação da ação política em seu assunto e transforma as mensagens em quantidades intensivas de argumentos de uma controvérsia. A hashtag cria um regime de atenção cujo principal motor reside na capacidade da *tag* ser controversa e inconclusa, porém influente. (ANTOUN e MALINI, 2013, p.214).

Dessa forma, as redes sociais deixam de ser o local em que apenas se configuram relações entre centros receptores e transmissores de mensagens, na velha estrutura sustentada pelos veículos tradicionais de comunicação e a ideia de “irradiação de mensagens”, para se estabelecerem enquanto redes de agenciamento coletivo de subjetivação em rede. Timeline e hashtag, juntas, tornam-se a representação de uma forma de *transmissão ao vivo* das novas subjetividades em rede, assim como a representação da ação coletiva das mobilizações sociais em uma rica e viva perspectiva do mundo que são constituídas a partir desta categoria indexadora de conteúdo.

Em outras palavras, o que está em curso é a passagem de uma hierarquia vertical, em que a informação era controlada pelos grandes meios de comunicação, no modelo “um para muitos”, para a formação de algo mais democrático e horizontal, em que “todos falam para todos” – apesar, é claro, de algoritmos e mecanismos de controle do fluxo de atenção de sites de redes sociais serem capazes de direcionar e limitar o acesso a um conteúdo a determinado tipo de pessoa, ou seja, priorizando, por exemplo, a certos perfis a publicação sobre certa temática ou de usuários específicos (que normalmente são os que possuem maior interação entre si).

O surgimento das mídias sociais e blogs marca o nascimento de um novo sujeito da Internet. Ao invés de consumidor passivo de informações, o dono do perfil no Orkut e MySpace, passava a ter as ferramentas necessárias não somente para construção de sua própria narrativa, mas também para a sua disseminação em tempo real. Somados a isso, os dispositivos móveis conectados à rede, como celulares e tablets, potencializam a capacidade de produção e republicação do indivíduo. Com um conhecimento cada vez mais apurado, esse sujeito contribui para o abalo da hegemonia da imprensa tradicional e contribui para a construção própria de focos de atenção, notícia e compartilhamentos de informações. O autor Manuel Castells acredita que essa capacidade interativa do novo sistema de comunicação dará lugar a “uma nova forma de comunicação, a *autocomunicação de massas*, que multiplica e diversifica os pontos de entrada no processo de comunicação” (CASTELLS, 2009, p.188).

Sob as raízes da produção colaborativa, ou seja, com criações coletivas formadas por informações descentralizadas e distribuídas ao longo da rede, os novos meios de comunicação alteram não somente a instituição noticiosa, mas a própria concepção da notícia, convergindo para um “ecossistema de comunicações, ocupado por uma mistura de organizações formais, coletivos informais e indivíduos” (SHIRKY, 2012, p.60). A visão de Clay Shirky (2011) reforça a ideia do poder das mídias sociais como ferramentas de transformação de nossos comportamentos e da nossa sociedade. O autor apresenta uma importante reflexão sobre o que chama de “excedente cognitivo” – apontado por diferentes autores como trabalho imaterial, fruto do capitalismo cognitivo – um recurso que surge quando a soma de tempo, talento e energia das pessoas permitem que, em conjunto, elas possam direcionar esse excesso para grandes transformações. Quando o tempo livre cumulativo mundial pôde ser considerado em sua totalidade, explica o autor, duas transições importantes já haviam sido marcadas:

[...] a criação de muito mais de 1 trilhão de horas de tempo livre por ano na parte instruída da população mundial, e a invenção e disseminação da mídia pública, que permite aos cidadãos comuns, antes deixados de fora, o uso desse tempo livre na busca de atividades das quais gostem ou com as quais se importem. Compreender essas duas mudanças, tão diferentes do panorama da mídia do século XX, é apenas o começo da compreensão do que está acontecendo hoje e o que será possível amanhã. (SHIRKY, 2011, p.30)

Cabe destacar, entretanto, que apenas o excedente cognitivo, ou seja, o tempo livre, não é suficiente para que indivíduos se reúnam ou façam algo sozinhos. É necessário compreender então não apenas que tipo de ação que ele viabiliza, mas o “como e onde” dessas ações. Assim, compreender o que nosso excedente cognitivo tem tornado possível, ao refletir sobre as ações possíveis em rede, explica Shirky (2011), é buscar entender os meios pelos quais estamos acumulando nosso tempo livre, as motivações que nos levam a usufruir deste novo recurso e, por fim, a natureza das oportunidades que desenvolvemos e criamos uns para os outros. “Nós coletivamente, não somos apenas a fonte do excedente, somos também quem determina seu uso, por nossa participação e pelas coisas que esperamos uns dos outros quando nos envolvemos em nossa nova conectividade (SHIRKY, 2011, p.31).

Quando os custos de produção e distribuição de informação desaparecem, a atividade de publicar se torna a ação exercida em rede com este excedente cognitivo, processo este que Shirky (2012) chama de amadorização em massa. Potencializados pelas ferramentas eletrônicas, os novos sujeitos são capazes de gerar novas formas de ações coletivas, construídas através de grupos colaborativos maiores e mais distribuídos, com um alcance enorme. Entretanto, para este empreendimento em grupo funcionar é necessário que se siga uma escala de atividades, que começa com o compartilhamento e segue até a cooperação e ação coletiva.

A primeira delas, o compartilhamento, é a forma mais simples de se utilizar as ferramentas sociais e a que menos exige do participante, funciona no modelo “largar” ou “pegar”, em que você pode optar por compartilhar seu trabalho ao público ou apenas aos “amigos” da rede. Em seguida, o segundo degrau é ocupado pela cooperação, que exige um pouco mais de esforço dos envolvidos, já que para haver cooperação você precisa se adaptar para sincronizar seu comportamento com o de outras pessoas, que estão fazendo o mesmo por você, ela gera identidade do grupo – já que você sabe com quem e para que está cooperando. A forma mais forte de cooperação é a produção colaborativa, ou seja, “ninguém pode receber crédito individual pelo que é criado, e o projeto não pode surgir

sem a participação de muitos” (SHIRKY, 2012, p.47). Por último, a ação coletiva, é a mais difícil forma de relacionamento em grupo, pois exige do outro o comprometimento em uma atividade, e mais que isso, é preciso tornar a decisão do grupo aceita por todos os demais.

Em rede, esta possibilidade de dispendar o tempo livre em atividades torna-se algo que pode ser explorado nas mais diversas direções, seja em prol de uma ação social até a construção de canais pessoais em páginas como o Facebook e YouTube. De toda forma o que se observa desta capacidade de todos serem mídias sociais, ou seja, seu próprio canal de notícias, é que os perfis propagam comunicação social. Portanto, publicar significa que os assuntos do momento não serão apenas produzidos por instituições noticiosas (os veículos tradicionais de informação), mas originados de uma soma de “veículos informais, coletivos informais e indivíduos, que fazem provocar a emergência não somente de novas formas de espalhar, de modo colaborativo, as notícias, mas sobretudo de contá-las” (MALINI, 2011, p.05).

Não tardou para que diversos autores buscassem conceituar a emergência destes novos sujeitos em rede e questionassem sobre suas potencialidades e possibilidades de agir em comum. Rheingold (2004) os nomeiam de “smart mobs”, as multidões inteligentes, uma mobilização coletiva e espontânea de pessoas organizadas pelo uso de sistemas eletrônicos, capazes de atuar conjuntamente ainda que não se conheçam. Os membros deste grupo, afirma o autor, cooperam de modo inconcebível em relação a outras épocas pois utilizam sistemas informáticos e de telecomunicações que os permitem conectar a outros sistemas do entorno, assim como os telefones móveis de outras pessoas. Participantes vão adicionando não participantes e quanto mais cresce, mais inteligente fica. Sendo aí, portanto, onde reside sua força, ou seja, a penetração das novas tecnologias nas antigas práticas sociais de associação e cooperação.

Pierry Lévy (1998), em uma visão bastante positivada, denomina a capacidade deste novo ser em rede como uma “inteligência coletiva”, que está distribuída por toda parte e que se valorizada e coordenada, resultará em um positivo reconhecimento e mobilização das competências. “A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas” (LÉVY, 1998, p.29). Para Johnson (2001) essa nova dinâmica forma os “coletivos inteligentes”, que são complexos sistemas adaptativos com comportamento emergente. Esse processo se assemelha à lógica do enxame, com a ausência de líder, pensamento descentralizado e padrões de comportamento construídos



coletivamente (em grande escala) através do processo bottom-up (conhecimento de baixo para cima).

Bruno Latour (2012) chama de “ator-rede”, conceito que não se reduz a um único ator nem a uma rede, mas a uma série de elementos conectados entre si. A singularidade dessa vertente proposta pelo antropólogo é de que os próprios atores possuem a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social e a nossa função é tentar ouvi-los e não falar por eles. Ao empregar a palavra ator deve-se ter claro que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois, o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar. Nesse processo proposto por Latour (2012) tanto os atores humanos quanto não humanos estão ligados em uma rede social de elementos, materiais e imateriais. Ou seja, o que compõe o social não é somente as relações humanas, mas também processos imateriais – como máquinas, capital, imagens, entre outros.

Gillmor (2004) nomeia de mídia cidadã, quando o público deixa de ser um mero leitor e passa a fazer parte do processo de construção da notícia, alterando o papel unidirecional que o jornalismo sempre exerceu na sociedade, dando lugar a múltiplos discursos e vozes sobre um mesmo fato. “Tudo se resume a algo de muito simples: os leitores (ou telespectadores ou ouvintes) sabem mais do que os profissionais dos media. Uma verdade por definição: eles são muitos e nós, na maior parte das vezes, somos um só” (GILLMOR, 2004, p.119).

A notícia está agora em todos os lugares virtuais, no que Antoun e Malini (2010) chamam de mídias de multidão (multi-mídias), produções que ocorrem de forma cooperativa e articulada, no qual seu produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos que ao mesmo tempo são mídias para outros públicos. E essa multidão, segundo Antônio Negri (2011), não é nem encontro de identidade, nem pura exaltação das diferenças, mas é o reconhecimento de que, por trás de identidades e diferenças, possa existir ‘algo comum’. Dessa forma, o compartilhamento em rede, por exemplo, surge como uma forma de identificação entre esses indivíduos em busca do “comum”

Todos esses autores corroboram para uma mesma direção, existe uma multidão de pessoas cada vez mais conectadas, em um sistema baseado em redes, no qual o número de conexões só tende a aumentar e a caminhar para verdadeiras mudanças na sociedade no que diz respeito à governos, a democracia e ao agrupamento em torno de causas diversas. Essas multidões inteligentes reunidas caminham seguindo sua força de

colaboração e seguem derrubando não só a hegemonia de meios de comunicação tradicional, como também tornando mais transparentes governos e instituições.

## 1.2 Poder em rede: uma nova forma de fazer política

É evidente que as novas tecnologias da comunicação potencializaram o que Howard Rheingold (2004) chama de “multidão inteligente”. Os perfis, agora conectados e em rede, encontraram neste novo espaço o lugar para disseminarem seus conteúdos e informações, o que se tornou possível, em parte, pelas diversas ferramentas e sites de rede social criados para tal fim. Uma vez republicadas e compartilhadas nestes espaços de trocas, as informações tomam rumos diversos e seguem gerando transformações na forma de se agir e manifestar-se em rede.

De fato, o processo de iniciar uma conversação se tornou mais fácil no nosso dia a dia, hoje trocamos informações com desconhecidos por temas de interesses, indexamos hashtags, estamos atentos aos *Trending Topics* do Twitter, participamos de eventos e mobilizações sociais no Facebook, produzimos conteúdos próprios e compartilhamos os alheios, ou seja, estamos ligados em uma teia de conexões que nos permitem gerar o que Hardt e Negri (2011) chamam de “produção do comum”. Portanto, a seguir buscaremos entender não somente os benefícios trazidos pela revolução da tecnologia e a potência produtiva que esse processo proporciona aos usuários, mas sim investigar como a constituição dessa voz ativa na sociedade pelos perfis em rede afeta as relações de poder e atividade política na esfera pública. O primeiro passo será dado para compreensão deste conceito de poder.

Para Castells (2009) o poder se baseia no controle da comunicação e da informação, a exemplo da já enraizada relação de poder estabelecida pelos veículos tradicionais de mídia e suas estruturas de comunicação de massa. O poder de comunicação é, para o autor, o centro da estrutura e dinâmica da sociedade, sendo sua forma básica a capacidade de moldar mentes. De todo modo, para entender esta capacidade, explica Castells (2009), a comunicação se torna fundamental, uma vez que é a partir dela que a mente humana interage com seu entorno social e natural.

Este processo de comunicación opera de acuerdo com las estructuras, la cultura, la organización y la tecnología de comunicación de una determinada sociedad. El proceso de comunicación influye decisivamente en la forma de construir y desafiar las relaciones de

poder em todos los campos de las prácticas sociales, incluida la práctica política (CASTELLS, 2009, p.24)

Antes de aprofundarmos nas relações entre poder e comunicação faz-se necessário compreender o que de fato se entende como poder e qual o uso que faremos deste termo neste trabalho. Aqui, assim como a definição proposta por Castells (2009), poder se refere a um processo relacional assimétrico na qual um ator social é capaz de intervir nas decisões de outros atores de modo que prevaleça a vontade, interesse e valores daquele que o detém. Há duas formas de poder apresentadas pelo autor, a primeira parte da ideia de coação, ou seja, do uso da força para dominação, e a segunda, na ideia de construção de um significado partindo dos discursos através dos quais os atores sociais guiam suas ações. É nesta última vertente que focaremos nossos estudos.

Dizer que o poder é “relacional” significa dizer que ele não é um atributo e sim uma relação que se dá entre aqueles que detém o poder e aqueles que estão submetidos a ele. Por outro lado, afirmar que o mesmo é “assimétrico” quer dizer que a influência em uma relação de poder é sempre de um maior grau de influência sobre o outro. A grande questão a ser compreendida é a seguinte: se as estruturas sociais estão sustentadas pelas relações de poder, uma vez que um ator participe de uma estratégia visando alcançar certo objetivo, será necessário intervir em uma série de relações de poder que inevitavelmente irão afetar os processos sociais. Ou seja, não há poder dos atores separado do poder contra outros atores sociais (CASTELLS, 2009). O poder de fazer algo, para Hanna Arendt (1958) é sempre o poder de fazer algo contra alguém, ou contra os valores e interesses deste alguém.

Para Castells (2009) há quatro diferentes tipos de poder na sociedade contemporânea e cada um deles define os processos concretos de exercício do poder: o primeiro deles, o poder de conectar em rede, *networking power*, se refere a atores e organizações que estão incluídos nas redes globais em relação a aquelas pessoas e coletivos que não estão integradas nas mesmas, ou seja, é uma relação que opera a partir da lógica de inclusão/exclusão. Neste regime de poder os procedimentos podem se dar a partir de um processo de filtro, o que quer dizer que os atores sociais podem estabelecer suas posições de poder em uma rede acumulando recursos valiosos e depois utilizando estas estratégias de filtragem para que aqueles que não acrescentam valor a rede ou a coloquem em perigo não tenham acesso a ela.

O segundo poder é o da rede, *network power*, e se refere a assimetria que resulta do processo de coordenação de padrões, o que significa dizer que o poder não é exercido pela exclusão da rede, mas pela imposição das regras de inclusão. Dessa forma, o poder da rede é o poder dos padrões de comunicação sobre seus componentes. Por padrão o autor entende os protocolos de comunicação, que determinam as regras a serem aceitas quando se está em um regime em rede. Assim, o poder da rede é o poder dos padrões da mesma sobre seus componentes, ainda que este poder favoreça o interesse de um conjunto específico de atores sociais e do estabelecimento de padrões de comunicação.

O terceiro poder, denominado poder em rede (*networked power*), é a capacidade relacional de impor a vontade de um ator sobre a do outro, com base na capacidade estrutural de dominação integrada nas instituições da sociedade. De acordo com essa ideia, a questão de quem possui o poder nas redes da sociedade em rede, é para Castells (2009), muito sensível ou impossível de se responder. Isso se torna difícil de responder devido as relações próprias de poder que se estabelecem dentro de cada rede específica.

Por fim, as formas mais cruciais de poder segundo Castells (2009) seguem a lógica do poder para criar redes, *network-making power*, que resulta da capacidade de construir e programar redes de acordo com interesses e valores do que o autor chama de “programadores”, ou da capacidade de conectar diferentes redes e assegurar a sua cooperação compartilhando objetivos e recursos, o que funciona através dos “conectores”. A capacidade de programar os objetivos da rede é claramente decisiva pois uma vez moldada a certos padrões a mesma atuará de forma eficiente, reconfigurando e estruturando seus nós para atingir determinados objetivos. Entretanto, deve ficar claro, explica o autor, que o modo de programar a rede é algo específico e característico de cada uma delas, portanto as relações de poder devem ser entendidas a partir das especificidades de cada rede em particular. Em comum o que todas elas possuem são “las ideas, las visiones, los proyectos y los marcos los que generan los programas” (CASTELLS, 2009, p.76). Na sociedade em rede descrita por Castells (2009) a cultura encontra-se incorporada ao processo de comunicação, assim, explica o autor, o princípio ativo na capacidade de programar cada rede refere-se ao controle das redes de comunicação ou da influência exercida sobre ela.

Por outro lado, o controle dos pontos de conexão entre diferentes redes, exercida pelos conectores, tem como objetivo a articulação dos sistemas operativos diversos da sociedade, a exemplo das relações entre redes religiosas e políticas para promover uma agenda religiosa em uma sociedade laica, ou entre redes empresariais e acadêmicas para

troca de conhecimento e recursos para as universidades. Essas redes devem ser capazes, explica Castells (2009), de comunicar-se uma com as outras, induzindo a troca de informações e limitando as suas contradições, de conectar-se uma com as outras.

Os conectores não são pessoas, porém estão formados por pessoas. São atores, constituídos por redes de atores que atuam em interfaces dinâmicas e que funcionam especificadamente em cada processo de conexão. Os programadores e conectores são aqueles atores e redes de atores que, graças a sua posição na estrutura social, exercem o poder para criar rede, a forma suprema de poder na sociedade em rede. (CASTELLS, 2009, p.78, tradução nossa)

Para Castells (2009) o terreno em que operam estas relações de poder tem mudado a partir de duas formas principais: primeiro, ao redor da articulação entre global e local, e, segundo, a partir da organização em rede, ao invés de unidades individuais. Deve-se atentar, entretanto, que apesar das redes serem múltiplas e diversas, suas relações de poder são específicas e particulares, sendo apenas uma forma de poder comum a todas elas, ou seja, a exclusão. E mesmo a exclusão pode ser entendida em sua particularidade, pois uma pessoa pode ser, por exemplo, excluída de uma rede e incluída em outra. De que forma então se dá a construção de poder para aqueles que estão incluídos em redes centrais que estruturam a sociedade? Para Castells (2009) é a ação dos conectores e programadores das redes globais que garantem o exercício do poder na sociedade de rede, sendo a resistência a programação ou a interrupção das conexões, as formas de contrapoder, normalmente exercidas pelos movimentos sociais ou sociedade civil.

Os meios concretos de conexão e programação determinam em grande medida as formas de poder e contrapoder na sociedade em rede. A conexão de diferentes redes requer a capacidade para construir uma interface cultural e organizativa, um idioma comum, um meio comum, o apoio de um valor universalmente aceitado: o valor de troca. (CASTELLS, 2009, p.84, tradução nossa)

Isso significa dizer que o poder de programação da rede condiciona o poder de conexão, uma vez que os programas das redes determinam as possíveis interfaces do processo de conexão. Os discursos demarcam as opções do que a rede pode ou não fazer. Na sociedade em rede, os discursos se geram, difundem, debatem, internalizam e finalmente se incorporam na ação humana, no âmbito da comunicação socializada construída em torno das redes globais e locais de comunicação digital, incluindo os meios de comunicação e Internet. O poder da sociedade em rede é o poder de comunicação.

### 1.3 Movimentos Sociais e Sistemas-Rede

No ciberespaço as possibilidades de ações coletivas políticas organizadas e os processos de produção de resistência são dinamizados pelas novas tecnologias comunicativas digitais, ou seja, o debate político é descentralizado e as formas de participação de atores políticos inovadas, corroborando para o que Lemos (2009) chama de reabertura dos canais de conversação aberta e livre. Estes canais, para o autor, seriam a base para a ação política e seguiriam uma nova lógica comunicacional, não se baseando mais no consumo massivo da informação para só depois gerar uma conversação em esfera pública, como na estrutura dos meios tradicionais de comunicação. Agora, a comunicação na nova esfera pública se dá no ciberespaço, “[...] através da produção, compartilhamento e da distribuição de conteúdo” (LEMOS, 2009, p.12).

A inserção das novas tecnologias nos processos políticos provoca um deslocamento no poder, que agora não mais se concentra apenas ao território e a instituição, mas se expande para além das fronteiras e desenvolve-se em meio a conexões das redes globais (HARDT e NEGRI, 2001 apud BACHINI e CHICARINO, 2014). Nas margens de um mundo que parecia ter chegado ao limite, afirma Castells (2013), os indivíduos mais uma vez se uniram para encontrar novas formas de agir e de comunicar. De pouco em pouco vimos nascer a partir de 2010, com a Primavera Árabe, uma rede de indignados que saíram de centenas a milhares de pessoas que passavam a compartilhar dores e esperanças na Internet. Pessoas formavam redes a partir de suas opiniões individuais ou filiação organizacional, elas estavam unidas. No ciberespaço indivíduos das mais diversas idades passavam a reivindicar o direito de fazer a sua própria história, em uma manifestação de consciência que dava forma aos grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2009, p.12)

Assim, explica Castells (2013), em um mundo ligado pela Internet e com rápida difusão de mensagem, as mobilizações sociais se espalhavam por contágio e por diferentes motivações. Não era apenas pobreza, crise econômica ou falta de democracia que causava essas rebeliões em rede, mas sim, sobretudo “a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor” (CASTELLS, 2009, p.12).

Antes de adentrarmos no estudo dos últimos movimentos em rede, que começou no mundo árabe e se espalhou por todo o mundo, vale a pena destacar alguns conceitos chave de movimento social e o que de junho de 2013 tem de semelhante com essas representações. Dessa forma, sucintamente, pontuaremos a dinâmica e perspectivas de transformação social dos movimentos, buscando identificar as características que fizeram com que os perfis em rede encontrassem no ciberespaço um local de amplificação de discursos, jogos de poder e trocas conversacionais.

Deve-se ter em mente, entretanto, que há uma grande variedade de teorias que buscam estudar esses movimentos sociais, sendo fonte inesgotável de análises e investigações. Portanto, aqui, realizaremos uma breve reflexão dessa literatura, destacando alguns pontos fundamentais para a análise dos movimentos sociais na era da Internet, bem como a crítica à utilização deste termo para designar à estrutura e formação das Jornadas de Junho de 2013.

Para Machado (2007) por movimentos sociais deve-se entender a formas de organização e articulação em que exista um conjunto de interesses e valores em comum. Essas formas de ação coletiva visam, utilizando processos não institucionais de pressão, alterar a ordem existente, influenciando os processos sociais e políticos e também a decisão de governos e organismos referentes à esfera da política pública. Segundo este autor, até os anos 70, a luta política dos movimentos sociais era frequentemente associada ao quadro de luta de classes nas sociedades capitalistas, sob a ótica marxista estruturalista, sendo identificados como produto da ação histórica da sociedade, diante às contradições do capitalismo. Entretanto, a partir do momento em que os movimentos sociais passam a proliferar, ganhando alcance e reconhecimento, além de diversos coletivos, surge o termo “novos movimentos sociais”. Estes seriam os movimentos das mulheres, ambientalistas, pacifistas, entre outros, que, de origem urbana se afastavam do caráter classista dos movimentos sindicais e camponês, por exemplo. De acordo com Machado (2007) essa diversificação dos movimentos acontece devido, sobretudo, ao aprofundamento dos mecanismo e instituições democráticas nas sociedades ocidentais capitalistas.

Alonso (2009) aponta que esta nova vertente teórica, dos novos movimentos sociais, possui como característica, além da crítica da ortodoxia marxista, o enquadramento macro histórico e a associação entre mudança social e formas de conflito. A especificidade desta teoria, ao contrário de outras que também emergiram na época, a

exemplo da Teoria de Mobilização de Recursos<sup>3</sup> e a Teoria das Práticas Políticas<sup>4</sup>, é a sua interpretação cultural para os movimentos sociais. A explicação de Touraine (1978 apud Alonso, 2009) destaca os padrões da sociedade como fundamentais para o entendimento deste deslocamento do foco de estudo. Para o autor os conflitos produtivos e atores das mobilizações da sociedade industrial teriam como motor propulsor estes próprios trabalhadores, e após os anos 60 um novo padrão de sociedade emerge, a princípio denominada “sociedade programada” e logo depois de “sociedade pós-industrial”, em que a indústria e o trabalho teriam perdido a centralidade. Portanto, nesta nova sociedade os conflitos do trabalho pareciam ter sido diluídos e englobados pela sociedade democrática a partir da expansão dos direitos, aumento dos salários e outros benefícios concedidos aos trabalhadores. A novidade estaria na nova forma de dominação, ressalta Alonso (2009), que teria se tornado eminentemente cultural, pelo controle da informação pela tecnocracia. “Técnicas e cultura passariam a interpenetrar-se, as distinções entre mundo público e privado teriam se nublado, fazendo com que os conflitos, antes restritos ao plano econômico, avançassem para a vida privada” (ALONSO, 2009, p.49)

Os novos movimentos sociais, explica Della Porta e Diani (2006), apresentam duas vantagens ao ser comparado com os movimentos sociais marxistas: primeiro, colocam o ator no centro da análise, e, segundo, capturam a característica inovadora do movimento que não se define, exclusivamente, em relação ao sistema de produção. Na visão de Melucci (1996 apud Tavares e Paes de Paula, 2015) a transformação dos movimentos sociais a partir da década de 70 se dá pela mudança do foco de movimentos de atores políticos ou organizacionais, passando a dar forma aos “movimentos como meio”. Ou seja, a mudança acontece nos papéis e comportamentos dos atores, que de um lado tendem a engajar-se em ações para reforma, inclusão e novos direitos, e, de outro, para ações e questionamentos das condições culturais, que representem conflitos e dilemas básicos da sociedade.

A reflexão de Marteleto (2001) aponta para as mudanças de perfil e dinâmica dos movimentos sociais, o que quer dizer a alteração do foco das mobilizações e

---

<sup>3</sup> A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR) se explica a partir da racionalidade, afirmando que o ato de agir se dá de forma deliberada e individual, resultado de cálculo racional entre benefícios e custos. Esta teoria privilegia a racionalidade e nega o destaque a ideologia e valores na formação de mobilizações. (ALONSO, 2009, p.53)

<sup>4</sup> A Teoria do Processo Político (TPP) supõe que “a coordenação dentre os potenciais ativistas é crucial para produzir um ator coletivo, mas os agentes coletivos não são preexistentes; eles se formam por contraste durante o próprio processo contencioso. A TPP adiciona um elemento cultural à explicação.” (ALONSO, 2009, p.55)



reivindicações, agora sendo direcionado para condições de vida da população e não mais à esfera referente a produção e trabalho. Assim, as lutas passam a ser baseadas na ampliação do acesso ao espaço público.

Para Tavares e Paes de Paula (2015) os movimentos sociais contemporâneos assumem o formato de uma rede solidária e de importantes significados culturais. Referindo-se a obra de Melucci (1996) os autores definem estes movimentos como sistemas de ação e redes complexas entre os diferentes níveis e significados de ação social. A pesquisadora Scherer-Warren (2005) destaca que para melhor compreensão dos movimentos sociais contemporâneos deve-se entender como os indivíduos se tornam sujeitos de seus destinos pessoais e transformam-se em atores políticos por meio de suas conexões em rede. Nesse sentido, a autora propõe uma abordagem que considere a relação entre sujeitos e atores coletivos e sua transformação em movimentos sociais a partir de uma dimensão das redes referentes ao tempo, espaço e sociabilidade. Assim, a temporalidade atribui-se a ideia de novas formas de comunicação em rede em tempo real permitindo a conexão entre tempos sociais distintos; por espacialidade entende-se a criação de territórios de um novo tipo, do local ao global, presencial e virtual, e a conexão entre ambos; e, por fim, a sociabilidade, que significa atentar-se para as novas formas de relações sociais no que se refere a intensidade, alcance, intencionalidade e conectividade como novas dimensões da esfera pública.

Ainda refletindo sobre essa temática, Scherer-Warren (2006) destaca que ao referir-se às redes de movimentos sociais deve-se entender que neste tipo de organização há diferentes formas de poder, o poder é distribuído, os centros de poder são democratizados, e como há vários pontos de conexão o poder se distribui. Entretanto, mesmo neste modelo de rede, há nós mais fortes que detêm maior poder de decisão e influência sobre o resto da rede:

As redes, assim como qualquer relação social, estão sempre impregnadas pelo poder, pelo conflito, bem como pelas possibilidades de solidariedade, de reciprocidade e de compartilhamento. Portanto, o que interessa é saber como se dá o equilíbrio entre essas tendências antagônicas do social e como possibilitam ou não a autonomia dos sujeitos sociais, especialmente os mais excluídos e que, frequentemente, são as denominadas "populações-alvo" desses mediadores. (Scherer-Warren, 2006)

Pressupondo a identificação de sujeitos coletivos ao redor de valores, objetivos e um projeto em comum, esta rede de movimento social, proposta por Scherer-Warren

(2006), define os atores ou situações antagônicas que devem ser transformadas e combatidas. Logo, para a autora, o movimento social constitui-se em torno de uma identidade e identificação, definindo adversários ou opositores ao redor de um processo contínuo de construção e articulação de trocas coletivas. “A ideia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos” (WARREN-SCHERER, 2006, p.113)

Ao longo das reflexões sobre as características dos novos movimentos sociais torna-se clara a influência da comunicação no processo de constituição destas relações sociais. De acordo com Melucci (1980 apud Alonso, 2009) a nova configuração da dominação da sociedade estaria baseada no controle da informação e intervenção nas relações sociais, que seria exercido pela ciência e tecnocracia. O que acontece, explica o autor, é uma dissolução das esferas públicas e privadas, que teriam transformado as relações interpessoais, sexuais e de identidade biológicas, como o consumo, lazer, envelhecimento, morte, em novas zonas de conflito. Os novos movimentos sociais seriam, portanto, formas particulares de resistência, que busca reapropriar-se de tempo, espaço e relações cotidianas, a partir de “contestações ‘pós-materialistas’, com motivações de ordem simbólica e voltadas para a construção ou o reconhecimento de identidades coletivas” (ALONSO, 2009, p.64)

As teorias sobre os novos movimentos apontam, segundo Alonso (2009), para um mesmo postulado central: a ideia de que uma mudança de forma macrossocial teria alterado as formas de comunicação e dissolvido a distinção entre público e privado, por consequência, alterando as subjetividades e gerando novas zonas de conflito. Para a autora, as reivindicações teriam se deslocado do mundo do trabalho para a vida cotidiana, o que demanda, de certa forma, a democratização destas estruturas e a criação de novas identidades e valores. “Os movimentos de classe dariam lugar, assim, a novos movimentos expressivos, simbólicos, identitários, caso do feminismo, do pacifismo, do ambientalismo, do movimento estudantil” (ALONSO, 2009, p.67).

Tendo como alicerce grupos ou minorias do que grandes coletivos, estes novos movimentos sociais girariam ao redor do reconhecimento da identidade e estilos de vida, recorrendo à ação direta, pacífica, sob a forma não hierarquizada, descentralizada e desburocratizada. Como direção reforça o caminho da sociedade civil e das mudanças estruturais a longo prazo e não mais prioritariamente ao Estado. Dessa forma, a ênfase na

esfera cultural das mobilizações destaca a supervalorização da cultura na análise, que deve ser destacado sob o ponto de vista do objeto e não do analista. (ALONSO, 2009)

Com essas reflexões em questão podemos lançar a pergunta: e onde junho de 2013 e seus conflitos aí se inserem? Há diversos autores que apontam o equívoco em relacionar o que foi junho de 2013 aos conceitos tradicionais de movimentos sociais. Segundo Engelke (2013), por exemplo, a categoria “movimento” talvez não seja a maneira mais adequada para referir-se a estes fenômenos, sendo a terminologia adequada algo muito mais próximo a ideia de “movimentações”, “movimentos antissistêmicos” ou “redes organizadas”. Em parte, essa discussão provém de Rodrigo Nunes (2014) que ressalta as divergências entre os movimentos tradicionais e as mobilizações de hoje. Para o autor, junho de 2013 teve relação com três características principais, sendo as duas primeiras irreversíveis, ou seja, o uso das redes sociais, em primeiro lugar, seguida pela queda dos custos de organizações, e, por fim, a terceira tendência, que corresponde a crise de mecanismos de representação, o qual não será resolvido rapidamente. Para abarcar este fenômeno, Nunes (2014) utiliza o conceito de “sistema rede” ao buscar compreender de que forma as manifestações nas ruas e redes se conectam:

Os sistemas redes não são um mero agregado de indivíduos; são internamente diferenciados, com zonas mais esparsas e núcleos mais densos, mais orgânicos, mais organizados. Normalmente, são estes núcleos que tem o papel de convocar, definir protocolos, garantir um mínimo de estrutura, inclusive física, às ações (NUNES, 2014, ONLINE).

A reflexão central do autor aponta para a mudança na concepção de movimento de massa. Para Nunes (2014) durante muito tempo associou-se que a mobilização de um grande número de pessoas só existiria nas condições de ser estruturado por “organizações com muitos membros, uma estrutura formal, uma liderança instituída” (NUNES, 2014, p.2). Porém, o fenômeno de junho de 2013, ressalta o autor, veio para alterar essa ideia, comprovando que um movimento de massa poderia ser constituído na ausência deste tipo de organização. O sistema-rede, portanto, funcionaria como uma mesclagem de camadas, uma formação de perspectivas diversas<sup>5</sup>, sendo cada uma das camadas uma rede, desde

---

<sup>5</sup> Latour (apud Viveiros, 2007) destaca que a rede é uma perspectiva, um modo de inscrição e descrição. A rede se configura através de seus aglomerados, não é um grupo, mas a formação de grupos, na medida em que se associam diferentes elementos e suas próprias diferenciações a fazem-na ir divergindo de si mesma, sendo percebida como múltipla. Ela deve ser entendida enquanto noção de agregado, em uma busca de associações entre elementos heterogêneos.

peessoas na rua, perfis no Facebook e Twitter, espaços físicos de encontro de pessoas, enfim, todas elas pertencendo ao mesmo sistema e interagindo a todo tempo. Logo, a crítica de Nunes (2014) ao uso da terminologia “movimento” se explica por não estarmos falando, ao referir-se a junho de 2013, e ao #ProtestoRJ, objeto deste trabalho, como uma:

[...] base social claramente delimitada, liderança definida, processos claros de tomada de decisão, mas de um sistema complexo de interações contínuas, dentro do qual pode haver de tudo: movimentos tradicionais, partidos, sindicatos, pequenos coletivos, redes informais de amigos, indivíduos ‘soltos’. E, portanto, diferentes identidades, objetivos, práticas. (NUNES, 2014, p.03).

Estas instituições tradicionais, a quem a democracia atribui papel de mediar as vontades coletivas dos indivíduos, ressalta Nunes (2013), perderam o seu posto privilegiado de portar uma interpretação dos fatos sociais à medida que o fenômeno crescia. Dessa forma, partidos e movimentos organizados, que se apresentavam como capazes de “mobilizar multidões [...] depararam-se com o que lhes era impensável: um movimento de massa sem organização de massa” (NUNES, 2013, online). Entre a pluralidade de indivíduos ou a falta de unidade delas, esta “massa” apresenta sua diferenciação interna, tendo suas próprias zonas mais densas e mais organizadas, de conexões, assim como de afinidades e identidades. E é a diferenciação contínua entre os grupos, identidades, conexões, que dá a cara ao que foi junho de 2013 e suas potencialidades.

Interessante notar a ideia de contágio defendida também por Nunes (2013) sobre os protestos de 2013. Para muitos críticos a Internet e o ativismo sociais tinha um aspecto negativo: o laço fraco. Em outras palavras, o ativismo do sofá, que retuita, compartilha, mas não gera o grau de compromisso que estar na rua exige. De acordo com o autor, em partes, estes críticos não estavam necessariamente errados. Isso porque o contágio se deu da direção dos laços fortes (como Movimento Passe Livre, Comitês de Copa, dentre outros) para o que chama de “cauda longa” de laços fracos. E, ainda, em condições com a apresentada em junho, a qualidade dos laços podem torna-los mais fortes.

No primeiro momento, portanto, o que se vê é uma infraestrutura básica do contágio, e à medida que a onda crescia novos nós e conexões eram adicionados, tornando-a ainda mais forte. Ao mesmo tempo, explica Nunes (2013), a convergência de novos nós excedia a capacidade de agregação, fazendo com que emergissem novos

núcleos capazes de abarcar esses perfis, as conexões e sua intensidade, portanto, cresciam fortemente e de forma muito rápida, formando o “sistema-rede”, maior e mais diverso.

Entre a vertente tradicional dos movimentos sociais e os sistemas-rede onde estaria o #ProtestoRJ? Em uma mescla dos dois. Em primeiro lugar, há os movimentos sociais tradicionais, como Movimento Passe Livre, que alavancou a onda de protestos no Brasil com a pauta “Não é Por 0,20 centavos” e seu debate já consolidado sobre transporte público, assim como propostas e estratégias. Em segundo lugar, estaria a movimentação de diferentes atores na formação de “sistemas redes”, que funcionariam a partir de uma liderança que se dá de forma distribuída no tempo e espaço, podendo ser assumida por diferentes grupos ou indivíduos, não seriam, portanto, movimentos sem líderes, mas com muitos líderes, que já estão em ação e os que são em potencial. Essa seria uma função “disseminada” e “articulada”, podendo ser ocupada por qualquer um (NUNES, 2014, p.7).

Vamos no ater de formar breve a este conceito de liderança distribuída e a ideia de horizontalidade, que de muito tem a se complementar a noção de participação política em rede. A horizontalidade destes movimentos ou sistemas-rede não pode representar, e que tenhamos isso claro em todo trabalho, que todos possuem o mesmo peso que qualquer outro indivíduo (NUNES, 2013, online). Sabemos que há, em qualquer rede, como já abordado anteriormente, relações de poder que se dá entre o que o detém e o que a ele é submetido, ou, ainda, perfis que se destacam por sua popularidade, grande número de conexões ou capacidade de acender a diferentes grupos através de suas publicações em rede. Dessa forma, a ideia de liderança distribuída, tendo em mente as relações usuais de poder e popularidade em rede, deve estar associada ao conceito de que “um indivíduo ou grupo não precisa de um status pré-estabelecido de ‘liderança’ para lançar uma ideia ou iniciativa capaz de conquistar adesões exponencialmente maiores que qualquer ideia ou iniciativa que tenham tido antes” (NUNES, 2013). Logo, como aponta Nunes (2013) se a horizontalidade não significa dizer igualdade é porque não há uma “topografia plana”, e, apesar de nós conectados serem mais ouvidos, novas iniciativas e lideranças podem surgir a todo instante. A potencialidade encontra-se por serem todos potencialmente líderes, embora, em certos momentos alguns sejam mais semelhantes que os outros.

#### 1.4. A participação política em rede

Ao longo de toda a história movimentos sociais são produtores de novos valores a partir dos quais as instituições da sociedade se alteram criando diferentes maneiras e normas de organização da vida social (CASTELLS, 2013). Sob um processo de comunicação autônoma e livre, os fenômenos recentes de mobilizações sociais - e aqui me refiro aos recém movimentos que tiveram seu marco histórico com a Primavera Árabe - estabeleceram redes de comunicação fora do controle institucional, desviando-se de governos e empresas de mídia, e, encontrando nas redes sociais da Internet sua plataforma chave de lutas e disputas entre atores.

É claro neste cenário o inegável avanço proporcionado pelas novas tecnologias à abertura de governos e a troca entre atores civis e instituições, sobretudo relacionado à noção de democracia e de participação política na esfera pública, a exemplo dos governos eletrônicos, também chamados e-democracia, democracia digital, democracia eletrônica (GOMES, 2005). Essas e diversas outras denominações demonstram a tentativa das instituições de abrirem as portas para a transparência e a troca de informações com a sociedade civil. Os resultados podem ser vistos em portais da transparência, voto eletrônico, consulta de contas públicas online, além de espaços de publicação de opinião e discussão sobre temáticas de interesse comuns a governos e cidadãos. Não iremos nos aprofundar, entretanto, nesta vertente democratizante da participação civil online, cujos benefícios estão dados e minuciosamente discutidos por diversos teóricos (MARQUES, 2006; MAIA, 2000; MIGUEL, 2003; AMARAL, 2010), mas sim, compreender, de que maneira e a partir de quais motivações, a participação política leva o indivíduo a fazer parte de uma ação coletiva.

Para Castells (2013) a questão chave do entendimento dos movimentos sociais está em compreender por que uma pessoa ou dezenas e centenas delas decidem se reunir para alcançar algo que foram instruídas a não realizarem por serem possivelmente punidas, por exemplo. O autor aponta para a necessidade de compreender, como já citado anteriormente, as motivações de cada uma delas:

[...] como essas redes negociam a diversidade de interesses e valores presente em cada uma delas para se concentrar num conjunto de objetivos comuns; como essas redes se relacionam com a sociedade em geral e com muitos outros indivíduos; e como e por que essa conexão funciona em grande número de casos, estimulando indivíduos a ampliar as redes formadas na resistência à dominação e a se envolver num ataque multimodal a uma ordem injusta (CASTELLS, 2013, p.22).

É neste espaço em que se tecem múltiplas relações e conexões entre perfis, em outras palavras, na Internet, que para Marques (2005) se estabelece uma espécie revigorante da esfera pública, capaz de conceder a vozes marginais formas de expressão sem as barreiras governamentais e das indústrias de entretenimento e informação<sup>6</sup>, e, ainda, proporcionando a reciprocidade discursiva da esfera civil<sup>7</sup>. Assim, a Internet funcionaria como “uma propriedade fundamental para o estabelecimento de um espaço argumentativo digital, o que tornaria o computador um meio de comunicação diferenciado em termos políticos” (MARQUES, 2005, p.167). Sendo assim, através desta troca de experiência online, explica Marques (2005), os cidadãos novamente conseguiram exercer influência para tomada de decisões na esfera pública política e tornaram-se capazes de realizar discussões com outros cidadãos de questões de interesse público.

Voltando a questão da participação, Gomes (2011) reflete sobre a origem e significado deste termo, que para o autor se equivaleria a ideia de que em uma comunidade política todos que quisessem pudessem participar, ou, ao menos, haveria uma participação de massa. No quadro da filosofia da democracia, explica o autor, a participação civil é realizada para benefício próprio e não “um valor democrático por ser um valor em si mesmo, mas apenas na medida em que pode produzir algum benefício para a comunidade política” (GOMES, 2011, p.24). Já no modelo moderno da democracia, ressalta Gomes (2011), observa-se um afastamento entre a participação direta dos cidadãos e as decisões que afetam a comunidade política, como por exemplo, no sistema político contemporâneo, que para o autor tende a se desconectar da base civil da sociedade, com exceção dos sistemas eleitorais.

Ao encontro da ideia de Clay Shirky sobre participação online nas redes sociais, Gomes (2011) aponta que as pessoas participam de iniciativa quando as visualizam como uma boa oportunidade para atingir os fins que desejam. Dessa forma, meios precisam ser vistos como oportunidades, e estas são denominadas pelo autor como uma “conjunção de ocasiões e circunstâncias em que meios podem produzir fins desejáveis de maneira que os custos [...] sejam largamente compensadas pelos benefícios” (GOMES, 2011, p.31). Para Shirky (2011) todos nós possuímos motivações intrínsecas, ou seja, que nos fazem desejar realizar algo pelo prazer proporcionado, e, além das ferramentas para comunicação e novos meios para compartilhar essas motivações, precisamos também levar em conta a oportunidade, “maneiras reais de tirar proveito de nossa capacidade de

---

<sup>6</sup> (MITRA, 2011, p.45 apud MARQUES, 2005, p.167)

<sup>7</sup> (ALLAN, 2013 apud MARQUES, 2005, p.167)

participar em conjunto do que antes consumíamos sozinho” (SHIRKY, 2011, p.90). Segundo Gomes (2011), as pessoas devem ser capazes de identificar e determinar as razões para tal participação e estas funcionarem como motivações para a ação em geral.

Essas discussões e questionamentos levantam problemáticas como o aumento da cidadania na comunidade política, além do jogo político imanente que prevê lutas pela influência e alterações de decisões políticas do Estado (GOMES, 2011). E aqui podemos citar o objeto deste trabalho, o #ProtestoRJ, uma representação do poder político da rua e das mobilizações políticas ao fazer frente às ações arbitrárias do Estado, em particular do Rio de Janeiro, como o aumento da passagem do transporte público, que começou em São Paulo e gerou comoção e força em diversas capitais brasileiras. Essa esfera civil, para Gomes (2011), é um “sujeito de interesses nas lutas democráticas que, embora seja determinante para constituir a esfera de decisão política do Estado, na arena da luta por influência sobre decisão política é constantemente batida por agências de interesses particulares”.

Deve-se deixar claro, entretanto, a diferenciação entre ação e participação política, uma vez que, como pontua Gomes (2011), participação é apenas uma das esferas das formas de ação. E o que isso significa? Que acompanhar discussões políticas, ler blogs e assistir vídeos políticos é um tipo de ação, mas não, literalmente, participação política. Por outro lado, escrever num blog sobre política, realizar mobilizações online, postar vídeos políticos, são formas de participação na vida política. Logo, o primeiro grupo é importante para orientação do indivíduo na participação política, e o segundo é a participação em sentido completo (GOMES, 2011). Ambas vertentes, entretanto, têm a sua importância:

Primeiro, porque sendo a participação, principalmente, um meio de empowerment civil, a saúde democrática de um Estado dever-se-ia medir em função do poder relativo que o cidadão tem de fazer prevalecer a sua opinião e a sua vontade face às instancias que com ele concorrem na determinação da decisão política no Estado e na sociedade. Segundo, porque iniciativas do primeiro tipo (voltadas para favorecer a ação política) são fundamentais para habilitar e qualificar a participação, se e quando ela acontecer, bem como para motivar o cidadão a participar. As pessoas precisam de meios para participar tanto quanto precisam de liberdade e de informação que os habilite a tanto. Terceiro, porque uma democracia saudável não é necessariamente aquela em que pessoas participem massivamente, empregando uma multiplicidade de meios, mas aquela em que todos os concernidos pelas decisões que afetam a comunidade política possam se tornar participantes, se e quando quiserem, e, ainda, no que queiram. (GOMES, 2011, p.37)



Como em Castells (2013), a questão da participação política em Gomes (2011) é explicada pelo desejo, tanto quanto relacionada ao meio, motivo e oportunidade, também encontrado em Shirky (2011). Dessa forma, o cidadão ao desejar criar canais de participação estará assegurado pela ideia de que em uma sociedade democrática todo cidadão poderá atuar como participante. Neste cenário de uso intensivo das ferramentas digitais de comunicação no ciberespaço, o indivíduo pode encontrar-se em estado de latência no que se refere a participação e engajamento (GOMES, 2011). Pode ainda não participar ou não querer, mas encontra-se na iminência da ação, ao consumir, por exemplo, informações políticas e acompanhando agendas políticas e de transparência.

As características desta nova infraestrutura comunicacional, é claro, colocam na participação online a esperança da possibilidade de espaços de lutas mais democráticos, além de trocas conversacionais e interações. Para os entusiastas, destaca Maia (2011), esse novo espaço apresenta aspectos essenciais para o amplo acesso ao mundo virtual, por ser “descentralizada, horizontal, imediata, de baixo custo, atingindo simultaneamente a inúmeros usuários – que antes não estava ao alcance dos cidadãos” (MAIA, 2011, p.68). Ademais, destaca Maia (2011), outros autores apontaram os problemas e barreiras digitais da Internet, que poderia, por exemplo, “criar novas assimetrias entre os cidadãos ou ampliar e aprofundar algumas das injustiças sociais existentes” (MAIA, 2011, p.68). Um destes problemas apontado pela autora se dá entre os “plugados” e “não plugados”, ou seja, aqueles que possuem acesso à Internet e os que não possuem nem acesso nem recurso para utilizá-la. Há também, como aponta a autora, estudos que demonstravam que os obstáculos a democracia participativa, como a falta de informação e de trocas entre representantes e representados, continuavam existindo em cidades com acesso as novas tecnologias. De fato, essas reflexões demonstram que a Internet por si só não leva automaticamente o indivíduo a participação política, “é preciso, antes, olhar tanto para as motivações dos sujeitos quanto para os usos que eles fazem dela, em contextos específicos” (MAIA, 2011, p.69).

Atualmente, explica Maia (2011), essa é uma importante questão que tem sido discutida e afirmada pelos autores em relação a participação em rede, ou seja, de que apenas a existência da Internet não gera um aumento na organização e participação política em rede, caso o mesmo não possua motivações e interesses particulares em certa questão. De acordo com a autora estudos demonstram que a Internet é muito mais utilizada para manter laços já existentes do que criar novos, e, ainda, que pessoas ativas

no ambiente off-line tendem a ter o mesmo comportamento no ambiente online. Logo, não se deve atribuir efeitos únicos às novas formas de comunicação digital. Em primeiro lugar, porque, como aponta Maia (2011), a Internet ao invés de uma atividade uniforme compreende um largo número de ações diversas, uma vez que as pessoas podem tanto engajar-se em atividades individuais quanto coletivas. Em segundo lugar, a Internet não estaria em posição de competição com outras atividades, mas sim construída de forma integrada a outras esferas da vida. Por fim, em terceiro lugar, destaca-se que ferramentas tradicionais conceituais têm se mostrado precária para abordar os novos fenômenos de participação civil, devendo agora direcionar-se para pesquisas que focalizem atividades exercidas online em sintonia com as formas de participação política e diversidade de associações da vida no mundo contemporâneo. Em outras palavras, a relação entre as redes e as ruas.

Apesar de críticas e questões acerca dos reais benefícios trazidos pelas novas tecnologias da informação e comunicação, não deve ser deixado de lado um aspecto essencial para entendimento da discussão ao longo deste trabalho, a ideia de que estas novas ferramentas, através de motivações singulares e específicas da nossa época, possibilitaram a abertura de “novos horizontes para o ativismo político e o engajamento nas lutas sociais” (MACHADO, 2007, p.277). Assim, como aponta o Machado (2007), os movimentos têm contribuído para luta e fortalecimento de demandas sociais, oferecendo formas de organização política e ação em rede, que não existiam antes:

O que tece tais redes de coletivos sociais são relações, conflitos e processos políticos e sociais que ocorrem na sociedade, cujas causas são consequências que se entrelaçam no cotidiano cada vez mais compartilhado dos atores. Assim como outros aspectos das relações mediadas por computadores, os conflitos e processos de mudança reverberam e se difundem nas redes telemáticas até alcançar o cotidiano das pessoas e “conquistar” suas mentes. Os agenciamentos para a mudança social ocorrem sob novos contornos, nos quais interação, intenção, conexão, identidade e ação, desempenham papéis cada vez mais fundamentais, fazendo com que os atores sociais tenham uma extensão e influência cada vez maior, criando um ambiente propício à emergência de novas formas de ação coletiva (MACHADO, 2007, p.279).

Com isso em mente, no próximo tópico discutiremos as transformações em curso na sociedade possibilitada pela assimilação destas novas práticas culturais com foco nos regimes de atenção que circulam neste ambiente, buscando entender a emergência dos movimentos que de globais a locais propagaram e estabeleceram conexões interligando

diferentes atores políticos, “trata-se de um jogo em que as múltiplas identidades sociais, interesses e ideias se articulam e se combinam com grande dinamismo em torno de objetivos e fins determinados” (MACHADO, 2007, p.278). Encorajados pelas redes e suas relações de afinidade, discussões e trocas conversacionais, os perfis criam em torno de si redes de atenção, que em menor ou maior grau colaboram para a construção de um sentido geral das manifestações, em particular o #ProtestoRJ, uma narrativa rica composta por atores populares, micronarrativas e usuários capazes de mobilizar ricas discussões e ações entre as redes e as ruas.

## **CAPÍTULO 2 – Economia da atenção no capitalismo: emergência e captura**

### **2.1 Atenção no capitalismo cognitivo**

Neste trabalho, que investiga a topologia e estrutura dos regimes de atenção perpassados no #ProtestoRJ através da análise de sua rede, buscaremos realizar um resgate histórico de alguns conceitos chaves, e que de certa forma se encontram como plano de fundo, para a discussão mais atual que se dará no próximo capítulo, referentes às mobilizações políticas, protestos entre as ruas e as redes, bem como a disputa pelo foco da atenção. A princípio, portanto, faz-se necessário realizar um resgate histórico do conceito de capitalismo cognitivo e trabalho imaterial, a fim de compreender a transição entre o capitalismo industrial ao cognitivo, e, depois, analisar de que forma a economia da atenção se fez presente neste modelo político-econômico dominado por novas formas de produção de afetos, invenções e relações em redes sociotécnicas. Configurado em um modelo baseado em redes e fluxos, investigaremos as noções básicas deste regime de atenção – como ele se estabelece no cenário atual do capitalismo cognitivo – em que saem à frente aqueles que dominam suas técnicas de produção e captura.

As transformações socioeconômicas, do fordismo ao pós-fordismo, configuram a passagem de uma lógica de reprodução a uma lógica da inovação, de um regime de repetição ao da invenção (CORSANI, 2003). A este regime autores como Lazzarato, Negri e Cocco denominam “capitalismo cognitivo”, uma fase produtiva marcada pela alteração do valor do capital, em que a inovação e a presença de novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) tornam-se os principais fatores de valorização. Do fordismo, com suas mercadorias padronizadas, produzidas a partir de tecnologias mecânicas e marcada pela divisão técnica do trabalho – com uma memória a não ser a corporal – desloca-se para o pós-fordismo, momento caracterizado pela valorização do conhecimento e do tempo de produção, enquanto difusão e socialização, permitidas pela capacidade e competência então garantidas pelas NTIC. “A um tempo sem memória, tempo da repetição, opõe-se um tempo da invenção, como criação contínua do novo” (BERGSON, 1989 apud CORSANI, 2003). A inovação configurava-se enquanto processo de “produção de conhecimentos por conhecimentos”, assim, valorizava-se o tempo de criação, o tempo subjetivo e cognitivo incorporado tanto à mercadoria quanto materializado em formas de inovações produzidas através da cooperação social.

O passo fundamental, destaca Corsani (2003), é apreender o conceito do trabalho adequado para abarcar a especificidade deste sujeito, dono de uma capacidade criativa e inovadora, de sua potência cognitiva. Este conceito, denominado trabalho imaterial, relaciona-se aos aspectos ligados a circulação e também à inovação, encontrados no centro de um processo acumulativo que passa de reprodutivo a produtivo, libertando assim o sistema fabril assalariado. As novas estruturas surgidas a partir do pós-fordismo alteram as relações entre “fábrica e o território, entre as forças de trabalho e a sociedade, entre os serviços e os usuários” (COCCO e MALINI, 2002, p.03), emergindo um modo de produção socializado e permeado por ferramentas comunicacionais que alimentam a economia do conhecimento. Neste cenário, o trabalho imaterial configura-se como paradigma, pois é a partir dele que inicia-se uma transformação profunda nos papéis hierárquicos do sistema industrial, entrando em crise a separação entre produção e reprodução. Assim, o paradigma social do pós-fordismo integra os dois momentos (produção e reprodução) e as torna imediatamente produtivas, através da circulação e comunicação (COCCO e MALINI, 2002).

Para Cocco et al (2003) foram as novas tecnologias da informação e da comunicação os fatores determinantes para formação das estratégias de comunicação, assim como para a consolidação das atividades imateriais, no âmago da produção fabril. Dessa forma, as NTIC auxiliam “a produção, a circulação e a acumulação de conhecimentos em uma escala potencialmente global e sem fronteiras, liberada de qualquer constrangimento temporal e espacial” (CORSANI, 2003, p.22). É o trabalho vivo potencializado por sua inteligência, criatividade e capacidade de invenção, que se apresenta de imediato como cooperativo. Em sua análise, Enzo Rullani (2000 apud Corsani, 2003) enfatiza que no capitalismo cognitivo a novidade encontra-se na ideia de que o conhecimento é ao mesmo tempo um recurso e um produto:

Graças às novas tecnologias de informação e comunicação, os conhecimentos podem circular independentemente do capital e do trabalho. Porém, ao mesmo tempo, esses conhecimentos nascem e se difundem por heterogênesse (ou seja, ao longo de trajetórias desenhadas por aportes criativos cumulativos, cooperativos e largamente socializados) nos contextos de produção e uso. É por isso que se pode falar a justo título de produção de conhecimento por conhecimentos, o que traduz e denota a ideia de que se passa de um regime de reprodução a um regime de inovação. (CORSANI, 2003, p.27)

E o que faz do conhecimento uma mercadoria diferente das outras? Primeiramente, afirma Corsani (2003), sua matéria-prima e seus recursos não são escassos, são potências criativas, e, ao contrário das mercadorias o seu consumo não o torna esgotável ou degradável, quanto mais são utilizados mais serão beneficiados o seu produtor e o seu receptor, pois, o conhecimento cresce na medida do uso subjetivo que possui. Em segundo lugar, a troca de conhecimento não implica perda ou sacrifício, uma vez que no processo de troca aquele que o forneceu não fica privado do conhecimento, pelo contrário, o fortalece. Por fim, o conhecimento possui um valor-utilidade, só tendo serventia quando trocado, quando se difunde, e essa difusão muitas vezes coincide com a sua socialização. O território é agora a grande fábrica social. O trabalho passa de produção disciplinar de mercadorias para uma produção virtuosa de atividades (MALINI, 2007).

Com efeito, a inserção dos aspectos cognitivos na indústria pós-fordista faz com que o trabalho dependa cada vez mais de uma atividade intelectual e imaterial, estando o conhecimento social presente em todos os espaços de reprodução social, em todas as redes e fluxos que perpassam pela vida dos sujeitos. Dessa forma, todos os sujeitos, ao menos potencialmente, se tornam produtivos. Quando a riqueza é considerada sob o aspecto do inteligível, das relações subjetivas, a economia política se vê confrontada com um problema de que os conhecimentos são bens que se opõe drasticamente à propriedade das mercadorias. “Os primeiros são bens ‘inteligíveis, inapropriáveis, não-cambiáveis e inconsumíveis’, enquanto os segundos são bens ‘tangíveis, apropriáveis, cambiáveis e consumíveis’” (LAZZARATO, 2003, p.63).

Categorias do capitalismo, como troca, valor e propriedade, entram em crise, explica Lazzarato (2003), quando aspectos imateriais, como afetos, paixões e conhecimentos passam a fazer parte do aspecto econômico da mercadoria, pois estes são bens raros. A forma comum da troca de mercadorias deste trabalho imaterial é baseada, enfim, na emanção ou adição recíproca, na ideia de que se dá e retém ao mesmo tempo, em forma de conhecimento. Assim, nessa troca mútua em que ambos enriquecem, o poder de dar e reter refere-se ao que o autor chama de qualidade específica da memória, enquanto força psicológica, e da atenção, entendida como uma forma de esforço intelectual.

Peter Pál Pelbart (2002), refletindo sobre a obra de Gabriel Tarde e as contribuições posteriores de Maurizio Lazzarato, enfatiza a capacidade intelectual dos indivíduos frente a um regime que não seja dependente dele e nem de sua valorização: como funcionaria então essa nova forma de lidar com o capital? Todos produzem, afirma

o autor, mesmo os que não estão diretamente ligados ao processo produtivo. “Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação” (PELBART, 2002, p.05). Todos podem inventar nos mais variados âmbitos da vida social, em momentos de lazer, conversas – a invenção torna-se potência do homem comum e a subjetividade força viva, potência do ser, psíquica e política. Neste novo capitalismo, conclui o autor, consumimos mais do que bens, mas formas de vida. Absorvemos maneiras de ver o mundo, pensar, morar e vestir, e esse processo acontece através dos fluxos informacionais, de imagens, conhecimentos, que faz com que novas maneiras de viver e sentidos de vida sejam incorporados a nossa subjetividade. Instala-se uma nova relação entre capital e subjetividade. Enaltece-se os fluxos e conectividades em rede, a fluidez, novas formas de exploração e exclusão, novos tipos de misérias e novas angústias: a de estar desconectado.

Nesta economia exige-se do trabalho riqueza cognitiva: inteligência, imaginação, conectividade, afetos, ao invés da força física, o trabalho mecânico, a solidão no compartimento. Não faltam, entretanto, estudos que apontam elementos de captura e resistência nestas novas formas de trabalho imaterial, que levam os indivíduos ao extremo de sua capacidade de agir, pensar, comunicar e sentir. Há algo, no campo do trabalho imaterial, afirma Costa (2012), que aprofunda o uso dos recursos das riquezas subjetivas, constituindo algo como uma nova fronteira do sistema capitalista. Não se trata, explica o autor, de extrair os recursos da terra ou energia do corpo humano, mas explorar a subjetividade dos indivíduos e dela retirar os usos psíquicos que faz esta nova economia girar.

Em uma análise consistente, Costa (2012) indaga sobre as condições de sustentabilidade do trabalho imaterial. Ele reflete sobre o quanto de energia subjetiva tem sido utilizada para sustentar o chão de fábrica dos nossos dias, a produção de conhecimento, afetividade e sobretudo informação. E lança o questionamento: não seria preciso dar ritmos mais sustentáveis a esta produção imaterial? Já se falou anteriormente sobre a dinâmica do trabalho imaterial e o funcionamento de sua produção, bem distinto do fábrica industrial. Na produção industrial o corpo é levado aos limites da exploração e a ruína do corpo significa o fim, a parada, sendo possível distinguir esse momento, quando o corpo é levado a ruína, pois assim revela-se finito. O que torna visível a ideia, reitera Costa (2012), de que um operário pode ser facilmente substituído por outro, como uma peça quebrada da maquinaria. Mas neste período que atravessamos a exploração das atividades cognitivas parecem chegar a limites divergentes ao que o corpo impunha.

E como avaliar os limites de um corpo? Convocados cada vez mais sob a forma de esforços de memórias, afetos, inteligência, ideias e comunicação, somos levados a nos questionar: até que ponto este esforço é capaz de chegar, com que clareza vemos as novas formas de exploração deste trabalho? A começar pelas formas de resistência dos dias atuais, esta não passa apenas pela imobilização do corpo, a greve das ideias é algo de outra natureza, pois se “a mente não pode deixar de funcionar, isso pode significar que ela pode trabalhar continuamente, ou que não temos a mesma noção dos limites que construímos em relação ao nosso corpo” (COSTA, 2002, p.04). Se estamos sempre pensando, agindo, comunicando, estaríamos, portanto, sempre em ação, trabalhando, em qualquer lugar, e é aí, segundo o autor, que se encontra a força do capitalismo atual.

Como explica Christian Marazzi (2002) a revolução tecnológica ao mesmo tempo em que amplia a capacidade de comunicação, troca de informações, afetos e relações, reduz o tempo que ficamos atentos a nós mesmos. Dessa forma, neste mercado contemporâneo de excesso de informação no qual estamos submetidos, um dos grandes desafios é lidar com esse tipo de exacerbação, de absorver tantas informações disponibilizadas nas diversas redes que nos rodeiam. Diante desta impossibilidade de captar total atenção do consumidor em frente à face da oferta total de bens é que nasce a disputa econômica pela concentração de ambientes de comunicação capazes de dominar a atenção de um grande número de pessoas.

Pasquinelli (2013) propõe a máquina cibernética como o dispositivo capaz de escapar da fábrica e cada vez mais converter a cooperação social e a comunicação em forças produtivas. Aqui, é a convergência entre a informação e metadados, vindos das informações extraídas do outro no ciberespaço, que abre o caminho para uma nova forma de controle biopolítico: a sociedade de metadados e suas diferentes formas de captura de atenção no ambiente digital. No cerne desta sociedade encontra-se o código digital, que pode referir-se a três diferentes elementos: 1) às cifras binárias que codificam um sinal analógico; 2) às linguagens em que são escritos os programas de computadores; e 3) à fonte textual ou roteiro que seguem os programas de software, sob a lógica do algoritmo (PASQUINELLI, 2013). O foco particular do algoritmo estabelece, explica o autor, a forma lógica intrínseca das máquinas informacionais e do código digital:

Qualquer código, formalmente analisado, encapsula um algoritmo. O algoritmo – receita de passos ou passos expressos em cartas de fluxos, código ou pseudocódigo – leva ao máximo a operacionalidade do



software. É difícil conceituar ‘programa de computador’, sem algoritmo (MACKENZIE, 2006, apud PASQUINELLI, 2013, p.29).

Como forma atual de captura de atenção no universo informatizado, é fundamental destacar o papel do algoritmo, que não se apresenta apenas como uma abstração matemática, “mas projeta também uma verdadeira e própria subjetividade física no que está fora de si mesmo. O algoritmo existe na tela e ele ‘joga’ o operador que se encontra em frente à máquina à sua volta” (PASQUINELLI, 2013, p.30). Ao dizer que este é dotado de uma subjetividade particular o autor entende que o mesmo não é objeto autônomo, mas é formado e modelado por forças sociais externas. De toda forma, destaca Pasquinelli (2013), existem dois tipos de algoritmos, e estes atuam diferentemente: o primeiro, para traduzir informação em informação (ao codificar um fluxo em outro fluxo) e, o segundo, representado por algoritmos cuja função é acumular informação e daí retirar os metadados, ou seja, (informação sobre a informação). Com efeito, é nesta escala de acumulação de metadados que transparece a nova perspectiva sobre a economia e governança dos novos meios de produção:

Os metadados representam a ‘medida’ da informação, o cálculo da sua dimensão ‘social’ e a sua imediata tradução em valor. [...] o aparato cibernético tem de ser continuamente alimentado e mantido pelos fluxos de informação produzidos pelos trabalhadores, mas é especificamente na informação sobre a informação, ou metadados, que se melhora a organização de toda a fábrica, o design da máquina e o valor do produto. (PASQUINELLI, 2013, p.31)

Assim, nesta economia da atenção, a grande acumulação de informação e a extração de metadados operados diariamente por motores de busca, como Google, Amazon, e redes sociais, como Facebook e Twitter, representa, afirma Pasquinelli (2013) um complexo campo de pesquisa conhecido como big data. Dessa forma, reitera o autor, os metadados podem ser usados para: 1) medir acumulação de informação e o valor das relações sociais, 2) aprimorar o design do conhecimento maquínico, e, por fim, 3) monitorar e prever o comportamento da massa, em uma espécie de vigilância de massa.

Como a termo-máquina industrial media o valor da mais-valia em termos de energia por unidade de tempo, a info-máquina do pós fordismo põe o valor no interior de um hipertexto e o mede em termos de link por nó (como se vê claramente no exemplo do algoritmo de *PageRank* do Google)”. (PASQUINELLI, 2009, apud PASQUINELLI, 2013, p.31)

Em primeiro lugar, e essencial para a investigação deste trabalho, os metadados são usados para compreender as relações sociais. Assim, a acumulação de informação é a medida da produção de relações sociais, de interações, sendo muitas vezes utilizadas no intuito de transformá-las em valor de mercadoria. As diversas formas de tecnologias digitais, a exemplo da cartografia a ser utilizada posteriormente neste trabalho, permitem detalhar estas relações sociais, que são, como aponta Marx (apud Pasquinelli, 2013), a constituição da natureza do capital.

Ao analisar uma rede social como o Facebook, por exemplo, Pasquinelli (2013) ressalta o modo como esse tipo de mídia transforma a comunicação coletiva em economia da atenção, ou a economia do prestígio, estabelecida pelo algoritmo *PageRank*<sup>8</sup> do Google - que dá peso numérico a elementos hiperligados, como as páginas da Internet, com intuito de medir a importância de cada "nó" no grupo através de um motor de busca. Os metadados descrevem, portanto, “uma mais-valia em rede – onde por rede se entende a rede de relações sociais em sentido marxiano, o capital como relação social” (PASQUINELLI, 2013, p.31).

Em segundo lugar, o metadados são usados para o aperfeiçoamento da inteligência máquina, oferecendo informação para melhorar e sintonizar a inteligência de todo o dispositivo. Os fluxos de informação são, portanto, utilizados tanto para o aprimoramento da organização interna dos sistemas como também para a criação de algoritmos mais eficientes. Dessa forma, eles são transformados em capital fixo, ou seja, em inteligência da máquina. “Os metadados descrevem aqui uma mais-valia de código – de onde o código é a cristalização do conhecimento vivo e o general intellect marxiano” (PASQUINELLI, 2013, p.32).

Por último, o autor aborda o uso dos metadados como forma de vigilância, ou seja, de controle biopolítico dos dados. Nesta forma de captura dos dados, mais do que o controle sobre o indivíduo ou qualquer outro usuário, os metadados podem ser utilizados para o controle das massas e para a previsibilidade do comportamento coletivo, possibilitando, por exemplo, que mídias como o Facebook e Twitter possam ser facilmente manipuladas através da extração de dados sobre as tendências do tráfico geral. Esta sociedade de metadado, apresentada por Pasquinelli (2013) surge então como uma espécie de evolução da “sociedade de controle” apresentada por Deleuze (1992), diferenciando-se pelas formas ativas de fluxos de dados produzidos nas atividades diárias

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/PageRank> . Acesso em 27 de abril de 2015.

dos usuários. No cenário da captura da atenção, evidencia-se o momento de investigar o conteúdo da caixa preta da mais-valia em rede e dos algoritmos projetados para a captura do comum.

## **2.2 Produção imaterial e o consumo de bens intelectuais**

Em um regime marcado pela valorização do conhecimento, comunicação e afeto, a produção tende cada vez mais a apreender as informações e as tendências do mercado e fazer com que elas circulem a partir de determinado produto. Para Malini (2007) nesta produção imaterial a relação produtor e consumidor se altera, sendo o cliente agora parte ativa na constituição do mesmo. “A fábrica não concentra sozinha o trabalho, porque este, ao se tornar imaterial, se apresenta como uma faceta intelectual (a inteligência), afetiva (o domínio relacional e assistencial) e tecnicocientífico (informatizado e cientificizado)” (MALINI, 2007, p.106).

Lazzarato e Negri (2001) apontam alguns aspectos do ciclo da produção imaterial pós-taylorista e os confrontam com características da grande indústria e sua produção. Ao centro, comunicação e relações sociais tornam-se produtivas, enervando as relações sociais entre indústrias e serviços, obrigando-as a reformular novas formas clássicas de produção. A primeira característica apontada pelos autores refere-se ao tratamento particular da informação: voltada anteriormente aos aspectos da produção, a empresa pós-industrial preocupa-se com os aspectos finais do produto, em sua relação com o cliente, seu consumo e aspectos financeiros. Sob esta relação, aspectos comunicacionais estabelecem suas bases, como o marketing, que utiliza a informação extraída para gerar tendências de mercados, assim como para fazê-las circular, através da construção desse mercado segmentado e qualificado para determinado tipo de consumidor final. Da padronização da mercadoria, o produto do trabalho imaterial é agora específico, cada vez mais particular e focado nos desejos e anseios daqueles que foram estudados para consumi-los. “Parece então que a mercadoria pós-industrial é o resultado de um processo de criação que envolve tanto o produtor quanto o consumidor.” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.44).

Em segundo lugar, quanto aos serviços, estes agora passam a ser antes de tudo “relações”, tornando-se parte de um processo de construção, cooperação e inovação. “Se o produto é definido com a intervenção do consumidor [...] torna-se então sempre mais difícil definir as normas de produção dos serviços e estabelecer uma medida ‘objetiva’ da

produtividade” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.45). Com efeito, toda economia pós-fordista encontra-se sob a égide da produção imaterial. Publicidade, moda, produção audiovisual e desenvolvimento de *softwares* são alguns dos exemplos apontados pelos autores que destacam a relação que estes novos produtos do trabalho imaterial proporcionam, em uma espécie de interface entre a relação recém estabelecida entre produção e consumo. Assim é o trabalho imaterial, através do processo comunicativo, que traz inovação para essa relação, que “dá forma e materializa as necessidades, o imaginário e os gostos do consumidor” (ibidem, p.46). Em contrapartida, os produtos devem atender a estas necessidades e desejos.

Por fim, o último aspecto refere-se à mercadoria produzida pelo trabalho imaterial, uma vez que esta carrega consigo o caráter de transformação, pois não se encerra no ato em que se consome, pelo contrário, se amplia, transforma e altera o ambiente do consumidor. Da necessidade de se consumir, estimulada de forma indireta pelo “produto”, a ênfase passa para aspectos diretos e pensados para induzir certos comportamentos de consumo, constituindo-se como um processo de comunicação social. “A publicidade e a ‘produção da capacidade de consumir, do impulso ao consumo, da necessidade de consumir’, transformaram-se num ‘processo de trabalho’” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.46). Dessa forma, afirmam os autores, o trabalho imaterial produz primeiramente uma relação social, sendo sua matéria-prima a subjetividade e o ambiente ideológico em que estes aspectos se reproduzem. Do controle social, a subjetividade passa a ser agente transformador e produtivo, construindo o que chamam de “consumidor/comunicador”, um ser “ativo”:

O fato de que o trabalho imaterial produz ao mesmo tempo subjetividade e valor econômico demonstra como a produção capitalista tem invadido toda a vida e superado todas as barreiras que não só separavam, mas também opunham economia, poder e saber. O processo de comunicação social (e o seu conteúdo principal: a produção de subjetividade) torna-se aqui diretamente produtivo porque em um certo modo ele “produz” a produção. O processo pelo qual o “social” (e o que é mais social, vale dizer: a linguagem, a comunicação etc.) torna-se econômico não foi ainda suficientemente estudado. (LAZZARATO, NEGRI, 2001, p.47)

Negri (1993) propõe uma visão na qual o ser humano não deva ser entendido sob certo aspecto “unidimensional”, devendo, portanto, recusar qualquer tipo de concepção normalizadora da comunicação ou da mídia, uma vez que não é possível considerar os indivíduos como uma massa amorfa, que “aceita tudo que lhes é imposto”. Assim como não se deve crer que os indivíduos não possuam características próprias ou que construam

mecanismos de fuga capazes de gerar formas de resistência dentro do próprio sistema de comunicação. Para autor é através da acumulação da comunicação que o ser humano e sua consciência se transforma, tornando-o apto ao reconhecimento coletivo, a ampliação dos saberes e a capacidade de transformação, sendo o mundo da comunicação o lugar em que essas grandes forças do saber e da própria comunicação se apresentam como forças produtivas:

A comunicação se torna a forma pela qual se organiza o mundo da vida com toda a sua riqueza. A nova subjetividade se constitui dentro desse contexto de máquinas e trabalho, de instrumentos cognitivos e autoconsciência poética, de novo meio ambiente e nova cooperação. O trabalho humano de produção de uma nova subjetividade ganha toda a sua consistência no horizonte virtual aberto cada vez mais pelas tecnologias da comunicação (NEGRI apud PARENTE, 1993, p.174-175).

Através dessa atividade comunicacional, explica Negri (1993), é possível levar a cabo a transformação social, “sem outro limite senão a finitude de nosso desejo. Uma finitude que tem como único obstáculo a infinitude de sua tarefa” (ibidem, p.175). A reflexão do autor mostra que o triunfo do que seria um paradigma comunicacional e a consolidação da mídia, longe de indicar um mundo preso na necessidade e na reificação, indica a abertura dos espaços de luta para essa transformação social e a democracia radical:

Trata-se de construir um sistema de comunicação pública baseado na interrelação ativa e cooperante dos indivíduos. Trata-se de ligar comunicação/produção/vida social em formas de proximidade e cooperação cada vez mais intensas. Trata-se, em suma, de pensar numa democracia radical, na sociedade como produção, a ser posta em forma nas condições do horizonte pós mídia (NEGRI apud PARENTE, 1993, p.176).

Nesta nova fase da produção pós-industrial, organizada através da linguagem, a comunicação se insere e atua no sistema de reprodução por meio de novas formas tecnológicas. Para apreender o processo de formação da comunicação e sua relação com o econômico, Negri e Lazzarato (2001) utilizam o modelo de “produção estética” no lugar da “produção material”, como uma maneira de abarcar as formas e conteúdos da produção do produto ideológico: considerando elementos que as categorias econômicas do modelo anterior arriscaria cancelar. Entre autor/reprodução/recepção este modelo de produção estética necessita para compreensão e execução de uma dupla transformação: os três

momentos devem ser entendidos sob sua forma social e os mesmos devem ser compreendidos como articulação de um ciclo produtivo.

O novo papel do consumo é entendido então a partir do ciclo de produção do trabalho imaterial que abarca quatro processos principais: em primeiro lugar, o trabalho se constitui sob o modelo de redes e fluxos e não existe senão por essas formas. A submissão à lógica capitalista desta forma cooperativa e o seu valor de uso no trabalho não encerra a autonomia e independência da sua construção e sentido. Em segundo lugar, percebe-se que o produto ideológico fruto deste trabalho imaterial torna-se para todos efeitos uma mercadoria, produzindo novas estratificações na realidade, assim como novas formas de ver e sentir, sendo completamente internos ao processo de produção da comunicação social. Ou seja, se tornam mercadorias sem perderem sua especificidade.

O terceiro processo, da recepção dos públicos, afirma que estes dotam-se de uma dupla função produtiva: tornam-se o próprio modelo do consumidor (público/cliente). É ao mesmo tempo a quem a obra foi direcionada, como também o receptor do produto por meio do qual o produto encontra um lugar de morada. A recepção é, portanto, um ato criativo e parte integrante do produto. Dessa forma, enfatizam os autores, ao tornar-se mercadoria, o produto não poderá negar ou suprimir este duplo processo criativo.

O público é entendido por Lazzarato (1999) como o “público da imprensa, da televisão ou das redes informáticas” (idem, p.82), ele é, portanto, uma variação, um tornar-se, algo que está sempre em movimento. Para Tarde (apud Lazzarato, 1999) o instrumento principal da regulamentação destes públicos é a estatística. Esta, por sua vez, pode traduzir em séries temporais os atos sociais (como morrer, comprar e vender) e as intensidades (como os desejos e as crenças), cujo objetivo final é definir a relação social envolvida nessas tendências e variações, capazes então de “regular o aleatório que constitui o específico dos públicos” (LAZZARATO, 1999, p.84).

Estes atos e estas intensidades são infinitesimais e moleculares, conscientes e inconscientes e constituem “fluxos” (“correntes”, segundo sua definição) que ultrapassam as distinções de individual e coletivo. Difundem-se, através da imitação, por “contágio” e “propagação”, além do contato físico característico das multidões. Estes atos e estas intensidades, por sua natureza e por seu número, são ‘disciplináveis’. Somente um tratamento probabilista pode assegurar sua regulação. Estes atos, acrescentamos nós, são definidos no tempo e pelo tempo (LAZZARATO, 1999, p.84).

Ao contrário de uma cartografia, essa medida, segundo Lazzarato (1999), explica o que seria uma espécie de curvografia (neologismo criado pelo autor), que propõe às estatísticas uma dinâmica temporal e de tendências. No público, persegue-se um estranho ideal de sociabilidade no qual “os cérebros se tocam a cada momento através das múltiplas comunicações” (ibidem, p.78), a exemplo do que acontece hoje com a Internet. Assim, a ideia é de que a invenção e a imitação presente no público se difundam de maneira quase que instantânea, através de uma onda em um meio “perfeitamente flexível”, sendo possível a partir da ação de uma mente sobre a outra.

Por fim, o quarto processo de produção imaterial, afirma que a transformação do produto em mercadoria não poderá impedir o processo de criação entre o trabalho imaterial e o público organizado pela comunicação. Assim, são as formas de vida que constituem-se como fonte de inovação, ou seja, a inovação sendo fruto de uma relação de criação social: “Ao econômico resta senão a possibilidade de gerir e regular a atividade do trabalho imaterial e de criar os dispositivos de controle e de criação do público/consumidor através do controle da tecnologia da comunicação e da informação e dos seus processos organizativos” (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.52).

Com efeito, o econômico tem como limitação a apropriação das formas e produtos oriundos da cooperação envolvida no trabalho imaterial, sendo possível normatizá-los e padronizá-los, enquanto os elementos de cunho cognitivo - a inovação e os processos criativos - estão ligados diretamente aos aspectos que somente as formas de vida produzem. Em outras palavras: a produção imaterial tende hoje a transformação não só das formas de trabalho e da sociedade como um todo, ela não cria apenas bens de cunho imaterial, mas sobretudo relações, que debruçam-se sobre a própria vida social: a produção de formas de vida por meio de formas de vida. Assim, o que o trabalho imaterial produz é subjetividade “quem somos, como encaramos o mundo, como interagimos uns com os outros: tudo isto é criado através dessa produção biopolítica e social” (HARDT e NEGRI, 2012, p.101)

### **2.3 Formas de resistência: a biopolítica da multidão**

Na transição do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo configura-se, como já falado anteriormente, uma nova ontologia social do trabalho, um novo sujeito social, desempenhando múltiplas funções. “O trabalho se transforma integralmente em trabalho imaterial e a força de trabalho em ‘intelectualidade de massa’” (LAZZARATO

e NEGRI, 2001, p.27). Nesta nova economia, a informacional, afirma Malini (2004), são exigidos do trabalhador não mais um automatismo burro ou aptidões físicas, mas sim aspectos como a inteligência, imaginação, comunicação, afetividade. Uma esfera antes extremamente privada e subjetiva, mas que agora faz parte da constituição do trabalho.

De acordo com Marazzi (1994 apud Lazzarato e Negri, 2001) esta nova fase do trabalho pós-fordista pode ser descrita como uma: “desarticulação e destruição da comunidade e sua rearticulação e reconstrução segundo os imperativos da empresa” (ibidem, p.97). Dizer que certa comunidade<sup>9</sup> está subsumida à lógica capitalista é, portanto, referir-se à subsunção de formas linguísticas, políticas e as relações que as definem. Assim, incorpora-se ao trabalho, com sugere Negri e Lazzarato (1993), o que é de mais comum ao homem: sua capacidade de comunicação, sua linguagem e seus vínculos.

A emergência do conhecimento como o mais importante valor produtivo da sociedade configura uma nova estruturação do trabalho, uma vez que toda a sociedade é colocada a trabalhar, em que todos atuam na construção da riqueza social, ao mesmo tempo em que percebam e sintam-se regulados pelos novos dispositivos de poder (MALINI, 2007). De fato, a produção da riqueza depende da existência das comunidades biopolíticas, desde os trabalhadores domésticos até os trabalhos precários, e toda a produção coletiva que estas comunidades são capazes de gerar. Neste novo regime, a qualidade do trabalho passa a ser medido pela capacidade, como afirma Negri e Lazzarato (2001) de criar “mais comunidade”, sendo o controle do trabalho alheio o comando sobre elementos em comuns que existem em comunidades.

A lógica do capitalismo cognitivo é de que o próprio trabalho, agora imaterial, gera/cria/sustenta em torno dele redes de cooperação e comunicação, denominadas por Hardt e Negri (2012), como produção biopolítica, local de resistência e geração de positividade. E é no estado de exceção no qual nos encontraríamos hoje, segundo os autores, sendo a guerra a regra e a paz a exceção, que emerge o regime de biopoder, “uma forma de governo destinada não apenas a controlar a população, mas a produzir e a reproduzir todos os aspectos da vida social. Essa guerra traz morte mas também, paradoxalmente, deve produzir vida” (HARDT e NEGRI, 2012, p.34). Em outras palavras: seria em certo estado permanente de guerra que se exerce o biopoder - um regime que domina a vida e ameaça com a morte.

---

<sup>9</sup> Conceito de comunidade aqui é usado para designar formação de grupos sociais que compartilham entre si características em comum.



O biopoder estaria acima da sociedade, como uma autoridade soberana, que impõe ordem e governa seus cidadãos. Por outro lado, a produção biopolítica é a forma de resistência, aquela que cria valor – através de relações e formas sociais através das formas colaborativas do trabalho. Essa forma de produção dominante da contemporaneidade, que cria bens imateriais, trabalha com afetos e perceptos, comunicações e colaborações, que cria relações sociais e formas de vida concreta, seria o “biopolítico”. Com Hardt e Negri (2012) o conceito de biopolítica sai da zona prioritária da perspectiva do poder e da racionalidade refletida no corpo passivo da população e suas condições de reprodução e se torna uma potência da vida<sup>10</sup>.

Para Antoun e Malini (2013) a existência de um biopoder midiático na Internet, por exemplo, que se apropria das vidas e da riqueza produzida em comum, não deve significar uma versão apocalíptica que expresse somente a subsunção da vida ao capital. A grande questão na qual se encontra a Internet, em particular, é de que ela ao mesmo tempo em que é palco para debates abertos, horizontais e democráticos, é também cerceada pelos mecanismos de poder que a regulam, seus protocolos e arquitetura que a mantém sob um biopoder que cria subjetividades. Por outro lado, o trabalho da multidão mostra que este não se esgota aos comandos do biopoder, surgindo então uma biopolítica capaz de tornar-se potência de resistência, envolvendo lutas e produções de poder. Dessa forma, quando o biopoder busca capturar o comum, as redes de contrapoder funcionam na cooperação e programação de redes autônomas, em modelos democráticos e horizontais de comunicação. A biopolítica da rede se ativa enquanto uma liberdade positiva, em um campo de significados de acontecimentos sociais com narrativas próprias e compartilhadas, enquanto o biopoder configura uma liberdade negativa, sempre em vias de controlar-se e fazer submeter-se a padrões e regras pré-definidas.

Os esforços de Maurizio Lazzarato (2006) nos desdobramentos da concepção de biopolítica também valem adendo, sobretudo por seu viés político dado a análise do capitalismo, antes de modelo econômico, como um modelo de criação de mundos e produções de subjetividades. Seu debate gira em torno do que chama de uma “economia

---

<sup>10</sup> Foucault (1980) destacava duas formas principais de poder sobre a vida que desenvolveu-se a partir do século XVII, modelos que para ele não era antiético e constituíam polos de desenvolvimento ligados por um feixe intermediário de relações. De um lado, estava o corpo como máquina, a anátomo-política do corpo humano, que adestrava-os, ampliava as aptidões, aumentava as utilidades e suas docilidades e a adequava aos sistemas de controles eficazes e econômicos. Do outro lado, já no século XVII, era a biopolítica da população que surgia como o mecanismo de poder, formado por um corpo espécie, em um corpo atravessado por processos biológicos e mecânicas do ser vivo, era um poder que se preocupava com o nascer, a mortalidade, a duração da vida, ou seja, todas as esferas do viver dos indivíduos.

da informação”, responsável por captar e colocar no trabalho não mais o seu “tempo de trabalho”, mas o “tempo de vida”, um tempo caracterizado por sua potência e criação contínua de processos de inovação. Assim, ele propõe uma nova conceituação de biopolítica, que passa a referir-se não apenas aos processos biológicos da espécie que agem sobre o “homem-espécie” e a multiplicidade dos homens, e sim uma vida a-orgânica situada no “virtual”, lugar de toda criatividade. “Um vitalismo temporal e não mais apenas orgânico, um vitalismo que remete ao virtual e não exclusivamente aos processos biológicos” (LAZZARATO, 2006, p.82).

A vida torna-se então hibridizada e emoldurada pelas relações sociais baseadas na economia da informação e a biopolítica deixa de ser vista como poder sobre a vida para um conceito de potência da vida. Esta vida a-orgânica proposta por Lazzarato é traduzida em termos sociológicos pelo autor com a associação ao conceito de “público”, como uma característica das sociedades disciplinares. A ideia era de que a biopolítica e seu objeto compreendesse não somente a população (como na concepção original foucaultiana) mas também englobasse o “público”:

No final do século XIX entrava-se na era dos públicos, ou seja, uma época em que o problema fundamental era manter juntas as subjetividades quaisquer que agem a distância umas sobre as outras, em um espaço aberto. A subordinação do espaço ao tempo define um bloco espaço-temporal encarnado, segundo Tarde, nas tecnologias da velocidade, da transmissão, do contágio e da propagação a distância (LAZZARATTO, 2006, p.75).

É em contraposição a “era das multidões” que Tarde (apud Lazzarato, 2006), propõe a era dos públicos, constituída por uma presença ligada ao tempo e não mais ao espaço como nas técnicas disciplinares, relacionando-se a memória, ao virtual e a toda uma tecnologia de propagação de conteúdo. Com o público, a multiplicidade torna-se molecular e coletiva e assume a forma de fluxo, variação e velocidade – e esse agregado só poderia ser regulado em um espaço aberto enquanto fluxos e todos os elementos “fluidos” que constituem o local de ação, como o tempo e a velocidade. A proposta de Lazzarato (2006) é lançar uma definição da biopolítica requalificada a partir da noção temporal e virtual, nas quais os públicos se tornam o modelo mais dinâmico e desterritorializado – um evento. Ele recusa a ideia de um corpo biopolítico reduzido ao mecanismo e organismo assim como em seus aspectos unicamente biológicos e de reprodução – como uma forma de escapar as formas fordistas de produção de

subjetividade – e propõe uma nova concepção situada no corpo e no tempo, “um corpo que vai do molecular ao cósmico e uma temporalidade não cronológica” (LAZZARATO, 1999, p.90).

A aposta se situa em uma desterritorialização que busca a separação entre o “tempo de trabalho” e “tempo de vida”, fazendo emergir um tempo subjetivo que produz, que cria, enquanto potencialidade e criação, tempo este que não pode mais ser capturado pela lógica capitalista e é direcionado a novos dispositivos de produção de subjetividade ligadas ao tempo-potência. Assim, o trabalho escapa aos mecanismos de controle sensores-motores da mesma forma que a vida de sua redução biológica, configurando então vida e trabalho enquanto produção e recepção de afetos, velocidade, tempo e intensidade. Nessa noção de vida enquanto algo capaz afetar e ser afetado (situado no virtual) é onde a economia da informação captura e compõe uma nova relação entre forças e signos organizados a partir dos motores temporais. É nesta economia da informação que emerge a produção da subjetividade. (LAZZARATO, 1999).

#### **2.4 Informação, atenção e escassez**

Vimos anteriormente que a introdução da subjetividade na produção industrial configura a emergência de um novo tipo de trabalho, o trabalho imaterial, caracterizado pela troca de informações, de partilha de observações e de saberes (MALINI, 2007). Assim, as formas de vida produzidas pelo capitalismo cognitivo colocam a informação como um peso do sistema econômico, sendo fragmentada, disponível em quantidades enormes e de fácil acesso. Por outro lado, visualiza-se o regime de atenção tornando-se cada vez mais escasso:

A fábrica, o local de trabalho, deixam então de ser o principal terreno do conflito central. A frente de batalha estará ali onde a informação, a linguagem, o modo de vida, o gosto, a moda, são produzidos e modelados pela força do capital, do comércio, do Estado, da mídia; alia onde, dito de outro modo, a subjetividade, ‘a identidade’ dos indivíduos, seus valores, as imagens que fazem de si mesmos e do mundo são perpetuamente estruturadas, fabricadas e moldadas (GORZ, 2004, p.53 apud MALINI, 2007).

Neste novo paradigma, explica Leonardo Lazarte (2000), o peso do sistema econômico produtivo repousa sobre a informação, exercendo assim, em conjunto com a comunicação um papel central na produção. Há várias denominações para expressar esta

sociedade pós-industrial – marcada por um novo paradigma técnico-econômico – e a mais comum delas, “sociedade de informação”, foi utilizada em exaustão para referir-se a fase marcada não mais aos produtos da sociedade industrial, mas “aos processos produtivos proporcionados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações” (WERTHEIN, 2000).

Esta “sociedade informacional”, como denomina Castells (1999), apresenta alguns aspectos centrais que servem de base material para o estabelecimento do paradigma da tecnologia da informação. Em primeiro lugar, a característica essencial deste novo regime é que a informação é sua matéria prima; o segundo aspecto refere-se a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, sendo agora a informação parte dominante em todas as esferas e atividades da vida humana, moldados pelo novo ambiente tecnológico; a terceira característica aponta para a lógica de redes, característica de relações complexas, mas que graças às novas tecnologias pode ser materialmente implementada em qualquer tipo de processo, estruturando o “não estruturado” e preservando a “flexibilidade”; em quarto lugar, referente ao sistema de redes, a noção de flexibilidade é fundamental para garantir a reversibilidade dos processos e a reconfiguração necessária para adaptação a nova sociedade marcada por constantes alterações e fluidez organizacional; por fim, a quinta característica refere-se a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, que conecta diferentes áreas do saber e alteram as formas com as quais pensamos todos os processos.

Inseridos nesta nova configuração geral, o trabalhador do conhecimento utiliza a informação como matéria prima, sendo esta usada em todos os âmbitos da vida humana. Por conseguinte, o fator decisivo para o gerenciamento desta importante ferramenta social aparece no processo atencivo: na seleção de informações de interesse, na escolha entre as multitarefas, na busca de informações em meio a tantas possibilidades, entre outros desafios enfrentados pela grande quantidade de dados e informações disponibilizados em rede.

Há uma gama de historiadores que se dedicaram ao estudo da atenção, trabalhos que vão do século XVIII ao século XIX, ocupando o tema da atenção e estabelecendo o seu valor de acordo com os modelos econômicos e sociais de cada época. Pode-se dizer que durante os últimos 300 anos de sociedade ocidental, a atenção foi conceituada de diversas formas, e seu uso sempre perpassado por julgamentos morais, éticos, e de valorações sociais (CALIMAN, 2004). Antes de adentrarmos no estudo da atenção no ciberespaço, já no século XX, e suas reflexões sobre o novo modelo capitalista, se faz

necessário pontuar algumas vertentes que contribuíram para a visão que se forma hoje sobre esse modelo de percepção.

Há historiadores que acreditam que a atenção sempre esteve presente nos estudos da filosofia e psicologia. Outros, como Jonathan Crary (1999) afirmam que é a partir do século XIX que o seu controle tornou-se fundamental para o discurso científico e vida moderna. Em certo momento de seu estudo, a atenção é vista como fundamental para estabelecimento de uma experiência subjetiva necessária a integração a certo modelo político-econômico em vigência. Hagner (1999 apud Caliman, 2004) aponta o século XVIII como momento em que técnicas de auto experimentações e auto-observações tornaram-se necessárias para constituição de um conhecimento do indivíduo enquanto burguês, assim como a racionalização do tempo que se iniciava. Por outro lado, Caliman (2004) destaca que desde o século XX presenciamos a fase mais recente da instituição dos valores da atenção, em que a economia monetária é substituída pela economia da atenção.

No século XVIII, a psicologia científica, se comparada à visão naturalista dos cientistas do século anterior, passou a ver a atenção como um valor, um poder que poderia ser controlado e desenvolvido pelo poder da mente. Para Caliman (2004), neste momento, a atenção começava a ser entendida como um ato mental, tendo papel ativo na constituição da identidade pessoal, da subjetividade e constituição de um eu personificado. Assim, a atenção direcionada, com a mente que poderia ser treinada, capacitada e desenvolvida, passava a ser solução para dois problemas da época: o da sedução da imaginação e da associação apressada e falsas percepções.

Com este alcance da atenção ativa e direcionada tornava-se mais fácil alcançar, o que seria para Wolff (apud Caliman, 2014) a clareza como o efeito mais importante na fase iluminista. “A atenção era a faculdade, o estado ou função da mente diretamente conectada a este ideal” (ibidem, p.03). Para muitos autores, afirma Caliman (2014), a teoria de Wolff populariza-se devido ao seu aspecto moral, a ideia de um indivíduo racional, consciente e atento, o “fermento da civilização”. Dessa forma, ao torna-se valor moral, o gasto de atenção ou sua economia, passa a ser observado, julgado e analisado.

Neste processo de racionalização da atenção e sua economia, o vocabulário também tem algo a oferecer: antes do século XVIII ao falar em atenção utilizava-se os verbos “dar e emprestar”. Dava-se atenção a alguma coisa ou alguém, ou se emprestava atenção. Mas é a partir de 1760, explica a autora, que “prestar atenção” (*pay attention to*) passa a ser empregado, em um sentido mais comercial. Nesta época, a sociedade inglesa

crescia seu processo de comercialização e por consequência aumentava a necessidade de indivíduos adaptados a estes processos, e assim, a valoração da moral da atenção tinha seu começo. Ainda neste século, a atenção também se tornava assunto médico, com o excesso de concentração sendo detectado como doença característica de cientistas e escolares (DASTON apud CALIMAN, 2014).

A moral da atenção cresceu num terreno repleto de ambivalências. Na ciência natural do século XVIII, ela ocupava um lugar contraditório ao unir em uma mesma prática coragem, paciência, disciplina, destreza manual, prazer, sedução, renúncia, abdicção e sacrifício. No modelo do indivíduo atento, a razão, a disciplina, as emoções e o interesse criaram em si relações diversas, não necessariamente de oposição e exclusão. (CALIMAN, 2014, p.04)

A psicologia e filosofia do século XIX também buscou apreender os mecanismos e técnicas da atenção, nesta fase, entendia-se que o interesse, prazer e emoção não conseguiriam sustentar a atenção, ao contrário, era a vontade que deveria sustentá-la. Para Nayrac (1906 apud Caliman, 2004) era a emoção e o sentimento os inimigos primeiros da atenção, contra os quais não havia possibilidade de integração, sendo objetivo final da atenção controlá-los e inibi-los. Deste modo, a vida era escrita como um processo adaptativo no qual as relações internas (do indivíduo) deveriam ser ajustadas às relações externas (modelo econômico, político e social). O corpo deveria se ajustar então ao sistema vigente, e aqueles que não se adaptassem, indivíduos desatentos, distraídos, e descontrolados, tornavam-se, como prefere a autora, “inaptos, incapazes de inibir e controlar seu próprio corpo” (CALIMAN, 2004, p.5).

Em uma rica análise, Crary (2012) destaca que todo o estudo do século XIX foi sobre o conhecimento exaustivo sobre o corpo, para a formação de um indivíduo adequado às exigências produtivas da modernidade e as tecnologias emergentes de controle e sujeição. Na era da disciplina<sup>11</sup> um observador adaptável e produtivo era necessário não somente em teoria, mas também na prática, como aquele que conseguisse

---

<sup>11</sup> Da época clássica a moderna, explica Foucault (1980) o poder se transformou, de suas formas de controle, reforço e incitação, para novas relações destinadas a produzir forças e fazê-las crescer, organizá-las mais do que oprimi-las. O direito de morte é deslocado para o direito sobre a vida e a necessidade de garantir, manter e desenvolver o corpo social. Está configurada a era disciplinar. Nesse momento, era sobre a vida que o poder se exercia e estabelecia suas bases, a morte tornava-se um limite, o momento em que a vida lhe escapa. Entre os séculos XVII e XVIII a tecnologia passa a gerir os corpos, tornando-os dóceis e aumentando sua capacidade de força útil, o poder centraliza-se no corpo máquina, por meio da extorsão de suas forças para os sistemas econômicos.

ajustar-se as demandas de uma sociedade rodeada por imagens e signos diversos. O ganho destacado por Crary, é então, o da possibilidade de configuração de um olhar e atenção de um observador que se altera enquanto perpassa por diferentes dispositivos, problemáticas, práticas e discursos.

Na atualidade, a preocupação com o gerenciamento da atenção torna-se temática central quando a mesma se torna escassa para os indivíduos. Hoje ela tem-se configurado moeda de negócios, ou seja, aqueles que não a possuem buscam conquistá-la, por outro lado, os que a detém, a querem dominar ainda mais. A maioria das pessoas, até o século XX, possuía condições suficientes para absorver as informações disponíveis, mas são, nos séculos seguintes, inundadas pela grande quantidade de informação que as novas tecnologias colocam a disposição dos indivíduos, que o gerenciamento da atenção se tornou um processo cada vez mais complexo. Para sobreviver à essa imersão e à necessidade de angariar atenção, os mercados buscam cercar a atenção do público.

Assim como nas cadeias de consumo capitalista, a conquista pela atenção na web se processa pela necessidade de estar sempre no centro da rede. Um produto que busca ser o mais vendido almeja ser a primeira opção de compra de seu consumidor final, o primeiro a ser visto na prateleira do supermercado, estar em uma posição privilegiada do mercado. Dentro desse espaço virtual a melhor forma de captar atenção é ouvir os atores envolvidos, escutar o que as pessoas buscam, quais seus sonhos, jogos, mercadorias e possibilitar o acesso a elas a estes mecanismos (LÉVY, 2013). Caso contrário a velocidade com que partem para novas possibilidades é imensa nesse espaço virtual. A atenção é escassa e disputada.

Na definição de Davenport e Beck (2001) a “atenção é o envolvimento mental concentrado com determinado item de informação. Os itens entram em nosso campo de percepção, atentamos para um deles e, então, decidimos quanto à ação pertinente” (ibidem, 2001, p.25). Ela ocorre então em dois momentos: 1- a fase de estreitamento, quando seleciona-se os estímulos ao nosso redor, e 2- a fase de decisão, em que age-se de acordo com as informações que captam nossa atenção. Na economia do ciberespaço a atenção encontra-se em dar exatamente o que os indivíduos buscam, ir direto ao ponto. Construir uma informação que será útil para um indivíduo, segundo os autores, corresponde a construir uma cadeia de atenção direcionada a um negócio da inteligência coletiva, uma vez que é útil para você poderá ser útil para aqueles que compartilham das mesmas ideias, desejos e anseios pessoais.

Como qualquer relação, a economia da atenção exige certo tipo de retorno a quem a consome, assim como para aqueles que a possuem. Em seu modelo de redes, Albert Barabasi (2009) apresenta um fenômeno baseado na ideia de que “rico fica mais rico”, presente em muitas redes e que poderia explicar as leis de potências observadas na Web assim como no cenário das conexões de Hollywood. Segundo este modelo, parte-se de um pequeno número de nós e a cada passo temporal cria-se um novo nó, que é ligado aos nós já existentes. A chance de um novo vértice ser conectado a outro já existentes depende da conectividade deste último, ou seja, quanto mais “rico”, mais conectado for um vértice, maior a probabilidade de um novo vértice a ele se conectar. Assim como as redes encontra-se o ciclo da economia da atenção, quanto mais atenção recebe-se, mais fácil se torna atrair atenção. Os que são ricos de atenção ficam cada vez mais ricos. A esse processo Barabasi (2009) chama de conexão preferencial, que incorpora o modelo de crescimento de rede, e Davenport e Beck (2001) denominam de “retorno crescente”.

Da mesma forma, no modelo de redes, existem os perfis denominados “populares”, ou seja, grandes autoridades e mobilizadores de redes de opiniões e hashtags, que se mantém ativo e forte na rede devido a sua capacidade de se tornar popular em determinado momento ou de manter-se naquela posição privilegiada devido ao peso daqueles que os seguem. Isso não significa, entretanto, como apontaremos no próximo capítulo, que os discursos e mensagens de maior relevância são realizados por estes canais, mas que a atenção, no #ProtestoRJ, em particular, por fatores externos (como número de seguidores, alto índice de compartilhamento e republicação) move-se de um lado a outro, normalmente entre estes perfis mais populares, enquanto micronarrativas, que recebem menor atenção segundo o algoritmo das redes, construídas por atores menores, discutem e interagem entre si, com importantes reflexões acerca de determinada pauta.

## **2.5 Fluxos de atenção em rede: uma noção sobre algoritmos**

Ao entrar no ciberespaço novos desafios são lançados, bem como questionamentos, para o estudo da atenção. De acordo com Yves Citton (2014) o termo “economia da atenção” decola a partir de 1995, com o surgimento da Internet, mas seus problemas já teriam sido levantados muito antes, como demonstra Crary (1999, apud Citton, 2014), ao apontar a relação entre três fenômenos: o primeiro deles, já abordado anteriormente, seria de como remontar a atenção dos trabalhadores em cadeia nas suas



funções monótonas de forma a mantê-los focados. Em segundo lugar, com a produção de bens em massa, surge o desafio de motivar e inspirar cada vez mais os consumidores a adquirirem novos produtos. Por fim, o terceiro fenômeno, se dá com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, como o cinema, a rádio e a televisão, estimulando o “ver e ouvir” de forma imediata, em uma multiplicação de sons e imagens, que chamam a atenção e tendem a “distração”. Do outro lado, na cadeia de produção, a concentração era exigida, e é neste ponto, como explica o autor refletindo sobre obra de Crary, que o capitalismo promove o início de uma crise permanente da atenção.

De fato, com os meios de comunicação de massa, temos, por exemplo, a atenção monitorada, assim como sua audiência, com foco no conteúdo, ou seja, moldava-se o conteúdo para garantir mais atenção, em uma velha tática da publicidade. Longe de afirmar que este modelo tenha entrado em decadência, até porque a preocupação com o conteúdo/audiência produzida é demanda ininterrupta dos veículos tradicionais de comunicação, devemos pontuar e ao mesmo tempo questionar o controle desse conteúdo no universo big data. Nele, não é mais necessário modelar os conteúdos, uma vez que os mesmos já estão dados, entra-se direto na fonte. Torna-se, portanto, tecnicamente viável capturar e monitorar o próprio fluxo comunicacional, tanto para ação de pesquisa acadêmica – como a proposta deste trabalho – tanto para fins mercadológicos, de pesquisas de mercado, medição de influência de certos perfis, dentre outros aspectos.

Este controle da atenção pelos veículos de comunicação a partir do século XIX e até mesmo pelo computador é, para Crary (2013), um processo que se conecta muito mais a estratégia sobre o indivíduo do que aos conteúdos visuais produzidos por estes canais. Assim, a atenção seria elemento chave para o funcionamento de técnicas não coercivas de poder, “a televisão e o computador pessoal [...] São métodos para controlar a atenção por meio de compartimentalização e sedentarização, tornando os corpos controláveis e úteis, ao mesmo tempo em que geram a ilusão de escolha e ‘interatividade’” (CRARY, 2013, p.101).

Sob essa ótica, Crary (2013) ressalta que apesar das mudanças ao longo da história relacionadas às tecnologias, formas de controle e máquinas cibernéticas, a atenção continuou a ser fundamental para “produzir sujeitos ajustados a uma ampla gama de máquinas sociotécnicas, embora ao mesmo tempo tenha continuado a ser uma potencial geradora de panes ou crises na operação eficiente dessas máquinas” (CRARY, 2013, p.102). As formas imperativas de atenção e o controle panóptico passam a funcionar, segundo o autor, de maneira recíproca:

O terminal do vídeo representa a fusão efetiva da vigilância e do espetáculo, já que a tela pode ser ao mesmo tempo objeto de atenção e também capaz de monitorar, gravar e cruzar referências dos comportamentos atentos para fins de produtividade e, pelo rastreamento do movimento do olho, até mesmo para fins de acumulação de dados sobre a trajetória, duração e fixação do interesse visual em relação a um fluxo de imagens e informações” (CRARY, 2014, p.102)

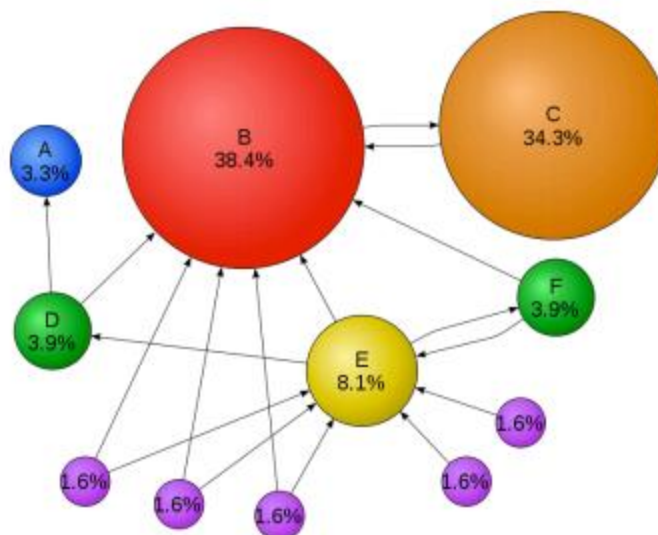
De forma recíproca esse tipo de captura de atenção também acontece em rede, refletido em como os dados se processam no próprio Twitter – em um universo big data de acúmulo de informações em que os cidadãos se sentem em livre território para publicação de mensagens diversas com uso de hashtags e palavras-chave – ao mesmo tempo em que interfere no trabalho daqueles que monitoram estes fluxos, que a todo momento buscam identificar o caminho da informação e como ela se traduz em disputas de atenção nas redes. Estes fluxos, nas redes aqui analisadas, serão investigados através dos algoritmos e processos de visualização, sendo fundamental, portanto, entender o quanto estes algoritmos estão monitorando e apreendendo as dinâmicas da atenção em rede.

O algoritmo *Force Atlas 2*, utilizado para visualização das redes no #ProtestoRJ, funciona, por exemplo, com base em um layout de força direcionada, simulando um sistema físico. Nele nós produzem força de repulsão entre si, enquanto arestas atraem os nós que elas conectam (como molas). Essas forças criam um movimento que converge para um estado de equilíbrio. O desenho de força direcionada tem a especificidade de colocar a função de um nó para todos os outros, não limitando a característica única de cada um deles. Isso faz com que o grafo nem sempre apresente a mesma configuração final, pois o resultado depende das forças aplicadas, mas também ao estado inicial dos nós e até mesmo a aproximação com o algoritmo. Nesse layout, você não deve ler a posição de um nó, mas compará-la com os outros nós na rede (JACOMY et al, 2011).

Segundo Jacomy et al (2011) este algoritmo apresenta a vantagem de oferecer uma eficiente interpretação visual do gráfico, transformando proximidades estruturais em visuais, facilitando assim a análise de redes sociais. A identidade e força deste algoritmo encontra-se, explica o autor, no seu “modelo energético”, ou seja, em como ele calcula a repulsão e atração de forças, atraindo os nós que estão mais conectados e que concentram assim o maior fluxo de atenção, e afastando aqueles que possuem um menor grau, e, portanto, interação. Através da gravidade, este algoritmo atrai os nós para o centro e

espalha os hubs pela periferia, assim, torna-se mais fácil identificar os perfis mais influentes, como eles estão interconectados e as principais comunidades formadas.

De certa forma, a lógica do algoritmo *Force Atlas 2* segue a ideia do *PageRank*, da empresa Google, escrito em 1990, e que demonstra, como aponta Carr (apud Paquinelli, ano) que cada vez que uma página na web é linkada podemos encontrar ali um “juízo”, declarando ser importante, para determinada pessoa, certa página. Assim, o motor de buscas do Google reúne inteligência de links e suas devidas importâncias, tendo como resultado a ideia de que quanto maior o número de links que levam a uma página, maior o seu valor. O mesmo sentido é aplicado aos nós de uma rede ao serem plotadas no software de visualização de dados, o *Gephi*, a partir da aplicação do algoritmo *Force Atlas 2*, por exemplo, que dá valor e avalia a importância de um nó com base em sua posição hierárquica e conexão com outros nós da rede.



**Figura 2** - Modelo de estatística do PageRank

(fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/PageRank>)

Para Pasquinelli (2009) o *PageRank* representa a melhor implementação do diagrama do capitalismo cognitivo, que funciona, segundo o autor, de forma inversa ao diagrama panóptico de Foucault, não sendo apenas representativo da vigilância e do controle, mas da captura do trabalho vivo e do tempo, transformando a inteligência social em valor para a rede. Dessa forma, este algoritmo não funciona apenas como data vigilância, de cima para baixo, mas também de baixo para cima. A importância deste algoritmo veio para alterar a aparente imobilidade dos dados que circulavam na Internet, sendo

O valor de cada página [...] é determinado pelo número e pela qualidade dos links que procuram cada página. Um link que chegue, vindo de um endereço que esteja classificado no topo da lista das páginas ranqueadas, vale mais que um link que chegue, vindo de página classificada na região inferior da lista das páginas ranqueadas (PASQUINELLI, 2009, p.03).

Longe da estrutura panóptica de Foucault, destaca Pasquinelli (2009), a natureza das ligações em rede através do *PageRank* se aproxima muito mais da estrutura do hipertexto, sendo cada link simétrico substituído por outro assimétrico de energia, atenção, dados e valor, revelando assim a constituição assimétrica das redes. De forma semelhante é atribuída, sob o regime de atenção, valor aos nós no algoritmo no *Force Atlas* no *Gephi*. Como aponta o autor, depois do surgimento da Internet, foi o *PageRank* a primeira fórmula matemática a calcular o valor de atenção de nós em uma rede complexa, garantindo assim a medição de valor de capital de atenção em toda a rede. Construídos com base no capital intelectual, ambos os algoritmos, através de suas conexões manifestam “a concretização de inteligência, de saberes” (ibidem, p.05).

O diagrama de *PageRank* chama a atenção para um importante aspecto da relação entre dois nodes de qualquer rede. Essa relação jamais é puramente simétrica, mas assimétrica: cada link anda só numa direção, como uma flecha, cada link representa um intercâmbio de desejo, atenção, saberes e conhecimento que jamais é simétrica. A relação jamais é binária e igual; de fato, é ternária, dado que sempre há um terceiro node que a influencia e, assim, há um acúmulo de valor absorvido para outra direção. Nenhuma rede jamais é plana e horizontal. A ontologia digital é sempre influenciada por valores e redes materiais externos, pelo mundo análogo do trabalho e da vida (que é a influência dos campos da biopolítica e da bioeconomia). Nenhuma rede jamais é simétrica e homogênea; é uma superfície topológica erizada de vórtices moleculares. Entre as hierarquias verticais do conhecimento tradicional e as – tão celebradas – redes horizontais da produção de conhecimento de hoje, a dimensão vortical [dos vórtices] mostra como os dois eixos estão sempre conectados e como hierarquias dinâmicas continuam a nos seguir também para o reino digital (PASQUINELLI, 2009, p.07).

Assim como se destacava a mercadoria pelos seus aspectos materiais, de valor de uso e de valor de troca, o valor na rede se soma como uma outra camada, utilizada agora para descrever os laços sociais, as relações entre usuários em redes, páginas, hashtags ou informações. Cabe a nós, pesquisadores, adentrar nesse universo para investigar esse fluxo de atenção e de valores que perpassam entre diferentes atores em rede e como essas conexões contribuem para as transformações sociais.

## CAPÍTULO 3 – Cartografia em rede: um estudo do #ProtestoRJ

### 3.1 Lutas globais a junho de 2013: onde tudo começou

Diversos são os autores que se arriscaram a conceituar e investigar o que junho de 2013 representou para a história do Brasil, sobretudo no que diz respeito à saída da passividade política, que parece ter acertado em cheio a maior parte da população, quando milhares de cidadãos foram em direção às ruas pedindo melhorias no transporte público, saúde, moradia, além de outras reivindicações que emergiram no auge dos protestos, como o fim da corrupção e a crítica ao gasto público excessivo com a Copa do Mundo. Não é intuito deste trabalho realizar uma retrospectiva de toda manifestação, que tem início na primeira semana de junho de 2013, com todas suas peculiaridades, e sim, buscar entender de que forma a rede se estruturou em paralelo com os dias das maiores manifestações que o país já viu acontecer, desde as últimas mobilizações de *impeachment* do então presidente Fernando Collor, em 1992.

A onda que chega ao Brasil em 2013 já assoprava ventos fortes em outras partes do mundo, a começar em 2010, que marca o início da Primavera Árabe, levante de populações de países do oriente médio e norte africano, que saíram às ruas manifestando-se contrários à tentativa de repressão e censura da Internet, às precárias condições de vida, além da falta de emprego e injustiça social de governos (FALCAO, 2012). Para Castells (2013) tudo começou na Tunísia, quando o vendedor ambulante Mohamed Bouazizi incendiou seu próprio corpo em forma de manifestação referente à situação de humilhação que passava diariamente pela polícia local, que para ele era o confisco de seu material de trabalho – a banca de frutas e verduras – pela recusa em pagar propina aos policiais. Após aquele episódio, gravado pelo primo de Mohamed e distribuído pela Internet, houve uma explosão de manifestações espontâneas por todo o país que resultou na saída do ditador Bem Ali e sua família, que se refugiaram na Arábia Saudita. Sucessivas revoltas, aponta Falcao (2012), deflagradas por pequenos grupos e em seguida atingindo grandes massas, funcionaram como um efeito cascata, impulsionando manifestações em todo norte da África e Oriente Médio. De forma transnacional, o episódio que se iniciou em Túnis, na Tunísia, inspirou movimentos em diversos países do mundo, como Egito, Marrocos, Líbia, Síria, colocando ainda em alerta países do Golfo Pérsico, Irã e Jordânia.

Como aponta Rosiny (2012) esta nova onda de protesto no mundo árabe apresentou como ponto convergente a multinacionalidade da interação, a livre ideologia encontrada no discurso dos participantes, e, ainda, o seu direcionamento, que não se dirigia aos inimigos externos, mas a derrubada e reforma de sistemas autoritários. Somados a este processo, aponta o autor, as manifestações atingiram um forte nível de atenção dos veículos de comunicação global, tornando a atuação dos governantes mais passível de julgamento por países de todo o mundo. A este processo deve-se pontuar a forte participação da rede de televisão árabe Al-Jaazera, que se mostrou ser uma importante provocação emocional e incentivo a mobilização na Primavera Árabe, ressaltando imagens da autoimolação, além de outras fotos e vídeos que destacavam a necessidade de mudança imanente no país. Fundamental neste processo foi ainda, como aponta Castells (2013), a “conexão entre comunicação livre pelo Facebook, YouTube e Twitter”, criando um espaço livre de troca de informações, e que acabou prenunciado os movimentos que se seguiriam.

Em 2011 foi a vez da Espanha, quando os Indignados saíram as ruas acampando pelas principais praças da cidade, período que foi denominado de 15M (em referência a data de ocupação, em maio). Inseridos em um contexto de crise financeira do país, com alta taxa de desemprego e forte crítica a políticos e banqueiros do país, os espanhóis, impulsionados ainda pela criação Lei Sinde – que permitia que sites de downloads fossem tirados do ar pelo governo – acentuou a vontade do povo de participação política, uma vez que a mesma fora aprovada sem a participação popular. Além disso, a forte corrupção dos partidos da Espanha, sobretudo devido a inspiração dos acontecimentos na Primavera Árabe, gerava o estopim do movimento (MALINI e CANCIAN, 2011). No berço da Internet, o movimento ganhava força no Twitter e no Facebook, atraindo, como aponta Malini e Cancian (2011) um número cada vez maior de jovens simpatizantes que em comum nutriam o desejo de mudança e inserção de um modelo de participação mais democrática. Com a criação de hashtags, como #spanishrevolution, #15m, entre outras, informações eram debatidas e compartilhadas.

De forma semelhante ao que aconteceu em junho no Brasil, na Espanha, assim como nos países árabes, a exibição de imagens, vídeos e compartilhamentos de discursos sobre a violência nas manifestações gerou comoção na sociedade, que em solidariedade saíram às ruas em pedido de melhorias diversas. Os espanhóis, no dia 27 de maio, por exemplo, presenciaram um incidente com manifestantes na Praça da Catalunha, em

Barcelona, quando foram forçados pelas brigadas da polícia a se retirarem do local em que estavam através de uma dura violência policial, marcada por tiros para o ar, golpes de bastão e canhões de limpeza nos manifestantes, que continuaram onde estavam, sentados no chão (MALINI e CANCIAN, 2011, p.10). Com diversas imagens do ocorrido sendo compartilhadas no ambiente online, as redes sociais serviram para unir os cidadãos espanhóis, inaugurando o que Javier Toret (2013) chama de uma nova espécie de comportamento político coletivo auto-organizado:

Uma emergência contagiosa de redes cidadãs sem organização formal prévia que, fazendo uso das redes sociais digitais, da telefonia móvel e da Internet, conseguiram corroer a legitimidade dos poderes constituídos, articulando a tomada do espaço urbano com uma guerrilha infomidiática distribuída (TORET, 2011, p.9, tradução nossa).

Com um lema “não somos mercadoria nas mãos de políticos e banqueiros”, o movimento foi capaz de organizar uma mobilização coletiva e distribuída em mais de 70 cidades espanholas, inédito na história da Espanha nos últimos 30 anos. Sobre isso, como relata Toret (2012), a organização do movimento começou com a criação de grupos em Facebook, em seguida tomando também o YouTube e Tuenti (uma rede social utilizada na Espanha) que auxiliava na disseminação de convocatórias e mobilização cujo objetivo era fazer com que o usuário se simpatizasse com a campanha e se sentisse parte dela. A emoção era aspecto chave neste movimento. Dessa forma, como aponta o autor, as pessoas começavam a se unir, mas não necessariamente se conheciam entre si e inclusive se encontravam em diferentes cidades do país. Logo, em apenas alguns meses de trabalho, uma intensa e forte rede de energia cooperativa foi criada capaz de implicar milhares de pessoas em uma campanha para tomada da rua no dia 15 de maio de 2011.

Ainda em 2011, agora nos Estados Unidos, em setembro, um movimento de protesto ocupou diversas cidades do país em luta contra desigualdade social, ganância e corrupção de empresas, principalmente do setor financeiro, do governo do país<sup>12</sup>. Não deve deixar de ser ressaltado que muito de junho de 2013 no Brasil existe de semelhança nas características deste movimento norte-americano, a começar pela sua motivação, o descontentamento entre a classe média com a situação política, social e econômica do

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy\\_Wall\\_Street](https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street). Acesso em 14 de dezembro de 2015.

país, assim como o pedido de demandas específicas, a exemplo da redução de tarifas do transporte público, no Brasil, e os excessos de Wall Street na crise financeira, nos EUA<sup>13</sup>.

Nessa breve retrospectiva nota-se que a onda de indignação parecia estar tomando conta de todo o mundo e não tardou para que chegasse ao Brasil. Em 2011, com diversas Marchas da Maconha, Liberdade e das Vadias, o brasileiro já anunciava seu anseio por mudanças sociais e desejo de luta por suas causas. Somados a isso, em 2013, o Movimento Passe Livre (MPL), inspirado pelas conquistas de Salvador (2003) e Florianópolis (2004)<sup>14</sup>, conquista as ruas de capitais brasileiras em protesto pelo pedido da redução da tarifa de transporte público.

São Paulo foi onde ecoou o grito que repercutiu nas ruas do Brasil, quando a prefeitura da cidade e o governo do Estado anunciaram um aumento de R\$ 0,20 (vinte centavos) na tarifa do transporte público. Inspirados pelos ideais do MPL, nesta primeira fase, que durou uma semana entre os dias 6 e 13 de junho, segundo Singer (2013), a ebulição começa com uma fraca e calorosa classe média, circunscrita à cidade de São Paulo, cujo objetivo era a redução do preço das passagens. O modelo adotado de organização se baseava na estrutura do MPL já realizada em processos anteriores, ou seja, convocação pelas redes sociais e ocupação de vias públicas, sendo ao final duramente combatida pela polícia. Do primeiro ato, na Avenida Paulista, ao segundo, na Zona Oeste, o número cresceu de 2 mil a 5 mil pessoas.

O terceiro grande ato reuniu novamente 5 mil pessoas e chamou a atenção dos cidadãos pela forte violência encontrada nas ruas. São inúmeras as cenas de violência policial, destruição de patrimônio público e denúncia aos manifestantes, que começam a ser retratados como “vândalos” pela imprensa e governo local. Após este ato o discurso do governador paulista, Geraldo Alckmin, é endurecido e é reforçada a denúncia contra “atos de vandalismo” pelos manifestantes. Assim, no quarto grande ato, do dia 13 de junho, calculado pela Polícia Militar em 5 mil pessoas e pelos organizadores em 20 mil

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/analistas-comparam-protestos-no-brasil-occupy-wall-street.html>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

<sup>14</sup> Em agosto de 2003 acontece em Salvador a chamada Revolta do Buzu, uma das maiores manifestações no Brasil que lutou pelo fim do aumento abusivo da passagem do transporte público da capital. Organizados em grêmios estudantis e entidades representativas, os estudantes pararam as ruas da cidade reivindicando a redução da tarifa, meia-passagem aos fim de semana e ainda a criação do Conselho de Transporte na cidade. Essa manifestação influenciou diretamente outros protestos que se seguiram, como a Revolta da Catraca em Florianópolis, em 2004, que conquistou a lei do passe livre estudantil, e, ainda, em 2005, a criação do Movimento Passe Livre, durante Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Disponível em: <http://memorialatina.net/2013/08/13/a-revolta-do-buzu-salvador-10-anos-de-luta-pelo-passe-livre/>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.



peessoas, acontece caminhada até a Rua da Consolação em direção a Paulista, mas que tem seus participantes duramente proibidos de seguirem o caminho, sob força policial. A violência descabida contra os manifestantes se espalha pelas ruas e também pelas redes sociais. Intensificam-se os depoimentos de participantes e transeuntes que observaram verdadeiras cenas de guerra a céu aberto na capital paulista, sobretudo relacionada ao abuso de poder policial e prisões arbitrárias de protestantes. O estouro da manifestação toma as redes.

Aos gritos de ‘Sem violência!’, os manifestantes rogam a não intervenção do Choque, ao que são respondidos com bombas de concussão, gás lacrimogênio e tiros de bala de borracha. O quarto grande ato contra o aumento da tarifa é marcado, a partir de então, por uma violência policial sem precedentes no período democrático. Com ataques desmedidos e uso arbitrário da força policial, a PM parece cumprir a prescrição dos jornais no início da manhã, buscando evitar a qualquer preço a chegada da manifestação à Avenida Paulista. [...]. Na tentativa de dispersar o protesto, a região torna-se praça de guerra: manifestantes são perseguidos e alvejados com balas de borrachas e bombas de concussão, as quais atingem também transeuntes e jornalistas que cobriam os protestos (JUDENSNAIDER et al., 2013, p.95).

O uso da violência para contenção dos protestos chama a atenção do público e atrai simpatizantes para a causa. É dado o início então, de acordo com Singer (2013), a segunda fase do movimento, entre os dias 17, 18, 19 e 20 de junho, a ser melhor estudada neste trabalho no que se refere ao deslocamento do protesto de São Paulo a Rio de Janeiro. É nesta fase em que a manifestação alcança seu auge. A onda de indignação faz com que haja um crescimento exponencial de participantes nos protestos, entrando diferentes frações da sociedade de forma espontânea na cena política local. O benefício, como aponta o autor, é a multiplicação da potência do movimento, porém, por outro lado, torna-se cada vez mais vaga as demandas presentes nas ruas, que se deslocam da redução da tarifa para outras pautas mais gerais, como o fim da corrupção, melhoria na saúde pública e educação.

Na segunda, 17, quando o MPL chama a quarta jornada, que juntou em São Paulo 75 mil pessoas, ela é replicada nas maiores capitais do país da maneira espontânea. Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma profusão de dizeres e pautas: “Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”, “Queremos hospitais padrão Fifa”, “O gigante acordou”, “Ia ixcrever augu legal, maix fautô edukssão”, “Não é mole, não. Tem dinheiro pra estádio e cadê a

educação”, “Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio”, “Todos contra a corrupção”, “Fora Dilma! Fora Cabral! pt = Pilantragem e traição”, “Fora Alckmin”, “Zé Dirceu, pode esperar, tua hora vai chegar”, foram algumas das inúmeras frases vistas nas cartolinas. Diversos outros temas também compareceram, como a atuação do deputado Feliciano (psc-sp) na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, a Proposta de Emenda Constitucional 37, vetando a possibilidade de o ministério público fazer investigações independentes, o voto distrital e o repúdio aos partidos. (SINGER, 2013, p.25)

Do dia 16 de junho de 2013 em diante, com o início da Copa das Confederações, há um deslocamento do foco das manifestações, sendo o protagonismo deslocado para os locais onde haveria os jogos, como Brasília, Fortaleza, Salvador, Belo Horizonte e, em especial para este trabalho, Rio de Janeiro. Segundo Ferreira (2014 apud Costa, 2015) este momento – denominado de #NãoVaiTerCopa<sup>15</sup> – deflagra um aparente rompimento de uma certa “estabilidade” com o protagonismo de jovens que entram em cena com uma pauta de reivindicações, questionando desde o modelo político até os gastos públicos com os megaeventos, como a Copa do Mundo. Sobre esse cenário geral soma-se ainda o estopim, no Rio de Janeiro, às ações de resistência, “como a privatização do estádio Maracanã, a remoção de moradores, a demolição do museu do índio e a ocupação dos espaços públicos pelos manifestantes” (COSTA, 2015, apud MARICATO, 2014).

Tomando as ruas de todo o país, as manifestações alcançam no Rio de Janeiro um número de 100 mil pessoas nas ruas no dia 17 de junho e 300 mil no dia 20 de junho. Em São Paulo, chega a 150 mil. Em Vitória, 100 mil. E assim segue em diversas capitais brasileiras entre os dias 17 e 21. Como já exposto anteriormente, sai a questão chave do transporte e entra, sobretudo a partir do dia 20 de junho, manifestações de outro caráter, relacionadas por exemplo a PEC 37 e 33, Cura Gay, Reforma Política, gastos com a Copa do Mundo de 2014 e da Copa das Confederações de 2013, além de outras pautas locais. Ainda nesta data há um pico de mais de 1,4 milhão de pessoas nas ruas de mais de 120 cidades pelo Brasil, mesmo após a redução da tarifa em diversas cidades.<sup>16</sup>

Tendo em vista este cenário de grandes similaridades entre os acontecimentos que despontaram nas principais capitais do Brasil destacaremos a seguir as nuances que

---

<sup>15</sup> A hashtag #NãoVaiTerCopa foi utilizada por usuários para reivindicar a solução para problemas de caráter público, relacionando os gastos excessivos destinados a Copa do Mundo com a carência em recursos investidos em áreas importantes como saúde, educação e segurança.

<sup>16</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_no\\_Brasil\\_em\\_2013](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013). Acesso em: 16 de dezembro de 2015.

circundaram o #ProtestoRJ, ou seja, palavra-chave associada a manifestação que teve como palco a cidade do Rio de Janeiro. O objetivo desta análise que se segue é demonstrar a emergência da narrativa na rede, interligada com os acontecimentos das ruas, bem como a existência de figuras públicas que ou surfam na onda dos protestos – devido a sua alta popularidade e forte poder influenciador – ou são fortes ciberativistas e até mesmo sujeitos que se comportam como canais próprios de mídia, mantendo a transmissão ao vivo nas redes dos acontecimentos das ruas. Somados a isso, identificaremos as micronarrativas, comunidades menores, mas não menos importantes, que durante todos os dias mantiveram o foco conversacional ativo sobre ações de alerta e acontecimentos nas ruas.

### **3.2 A metodologia do estudo das redes**

O estudo das redes, sobretudo as sociais, é de grande interesse para a área científica, devido ao poder destes emaranhados de conexões representarem diversos problemas de natureza real. Entretanto, apesar das novas formas de comunicação terem ampliado a capacidade de conexões entre os indivíduos – permitindo que redes fossem criadas e difundidas – como as redes sociais mediadas pelo computador, o estudo das redes sociais não é algo novo, afirma Recuero (2010). Para a autora a análise da sociedade a partir do conceito de rede foi uma mudança de foco significativa na ciência durante o século XX.

Antes, o estudo se limitava a análise dos fenômenos das redes sociais, examinando suas partes detalhadamente. E é só a partir do século passado que o trabalho começa a mudar o foco para o fenômeno social constituído pela interação entre as partes. Para referência neste trabalho, uma rede social pode ser entendida e expressa matematicamente por um grafo, que se constitui por um conjunto de pontos, nós ou vértices, conectados por linhas que expressam uma relação entre eles, as arestas. Freitas (2010) explica que em grafos como modelo para as redes sociais, os vértices representam os atores, e as arestas a relação entre eles, logo, os atores se tornam importantes quando estão conectados a outros atores. Estes laços os tornam mais visíveis e centrais na rede.

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura

social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (Recuero, 2010, p.24)

Em rede, os perfis revelam comportamentos específicos e pontos de vistas particulares, ou seja, ao interagirem em rede estão constantemente em um movimento de “agregar” e “desagregar”, “aparecer e “desaparecer”, “formar grupos” e “desfazer grupos”, deixando por esse caminho certas pistas: os laços e rastros, que podem ser identificados, por exemplo, em determinado período histórico ou acontecimento marcante. Para Bruno (2012) a visibilidade de um rastro seria algo como um quase-objeto (Serres,1991) termo usado para designar algo entre presença e ausência, voluntário e involuntário, identidade e anonimato. O rastro possui, portanto, algumas características singulares, destacados pela autora como: 1- são mais ou menos visíveis, não representam algo uniforme, mas múltiplo, exigindo diferentes técnicas de visualização, 2- mais ou menos duráveis, ou seja, ligados ao tempo; 3- mais ou menos recuperáveis, ligado à memória e ao esquecimento; 4- mais ou menos voluntários ou conscientes; 5- mais ou menos atrelados à identidade daqueles que os produzem; e 6- envolvem uma inscrição material recuperável por outrem, remetendo ao coletivo.

Além destas, que seriam características gerais dos rastros deixados por indivíduos, Bruno (2012) destaca as peculiaridades da formação dos rastros no ciberespaço, em particular, o seu caráter comunicacional. Isso significa que ao nos inserirmos no ambiente online não apenas trocamos conhecimento e produzimos conteúdo, mas deixamos a cada troca comunicacional pedaços de nossos discursos e de nossas trocas pelo caminho. Ao revés da captura e forma de controle destes dados em rede, este trabalho busca traçar novas estratégias cognitivas e políticas para entendimento destes rastros, sobretudo através da grande contribuição de Latour (2012) para o mapeamento do social em rede.

O sociólogo francês busca romper com uma ideia equivocada na qual todas as coisas poderiam ser resumidas a uma “explicação social” – esta que seria realizada pelos “sociólogos do social” – e propõe uma reformulação da noção do social. A crítica é de que o social sempre esclareceu o social, em que falar que algo se explica por uma dimensão social tornou-se senso comum. Pelo contrário, por social, antes de ser algo onde tudo se enquadra e se explica, deve ser visto como elementos que se conectam e perpassam por estreitos canais. O objetivo de Latour (2012) é redefinir a sociologia a partir de uma associação de elementos heterogêneos, agregando o social que foi perdido, em um constante movimento de “reassociação e reagregação”. A singularidade dessa vertente proposta pelo antropólogo é de que os próprios atores possuem a capacidade de

elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social e a nossa função é tentar ouvi-los e não falar por eles. Enquanto a sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi agregado, a Teoria Ator-Rede (ANT), proposta pelo autor, busca seguir os próprios atores e deixar que eles digam por si mesmos algo sobre a existência coletiva, constituindo a partir dessa premissa fundamental a Cartografia das Controvérsias. Nesse processo de cartografia tanto os atores humanos quanto não humanos estão ligados em uma rede social de elementos, materiais e imateriais. Ou seja, o que compõe o social não é somente as relações humanas, mas também processos imateriais – como máquinas, capital, imagens, entre outros.

Tommaso Venturini (2009) afirma que ao olharmos para as controvérsias devemos procurar onde vidas coletivas se tornam mais complexas, onde se encontram as maiores e mais diversas formas de atores envolvidos e qual é o local onde as alianças e oposições se transformam em algo imprudente e não tão simples quanto parece. Para este estudioso, o método da cartografia das controvérsias pode ser descrito como a prática da Teoria Ator-Rede sem o peso de todas as sutilezas teóricas. O processo de mapeamento das controvérsias não implica então qualquer suposição teórica conceitual ou algum modelo pré-determinado de um método a seguir. Venturini (2009) explica que não existe nenhuma definição para aprender, nenhuma hipótese para demonstrar e nem correlação a ser estabelecida. Os pesquisadores são levados então a um processo no qual devem descrever aquilo que veem, como uma forma de narrativa das controvérsias. Apesar de parecer ser uma simples versão da Teoria Ator-Rede, as controvérsias são um árduo e difícil trabalho de mapeamento. O que parece simples, em teoria, afirma Venturini (2009), acaba sendo a mais árdua tarefa. “Somente observar e descrever a controvérsia”, parece fácil, exceto pelos problemas “somente” e “controvérsias”. Ao contrário dos principais métodos e técnicas de pesquisa, a cartografia nunca quis significar uma fácil investigação, mas tornar o processo lento e difícil. Ao afirmar que a cartografia social não exige teoria ou metodologia específica, não quer dizer, entretanto, que os pesquisadores são proibidos de empregá-las. A ideia é de que durante a descrição e observação neste processo, o cartógrafo permaneça o mais aberto possível a novas interpretações.

O ato de desdobrar as controvérsias sobre o mundo social é realizado por Latour a partir de cinco grandes incertezas, que seriam as principais instituições das ciências sociais: 1- quanto à natureza dos grupos, propondo que não há grupos relevante ao qual deve ser atribuído o papel de compor os agregados sociais; 2- sobre a natureza das ações: em cada ação há sempre uma variedade de agente que parece misturar-se e deslocar os

objetivos originais; 3- aponta para a natureza dos objetos, os tipos de agências que participam das interações; 4 - a natureza dos fatos: os vínculos das ciências naturais como o restante da sociedade parece ser constantemente fonte de controvérsias; e 5- refere-se ao tipo de estudo realizado sob o rótulo de ciência social, pois nunca fica claro em que sentido exato se pode dizer que as ciências sociais são empíricas.

Dentre estas características destaca-se a importância do acento da análise dos rastros feita por Latour, que recai sobre o coletivo: a ideia de que não há grupos, mas formação de grupos. Sendo neste processo de construção e desconstrução o local em que os rastros são encontrados. Para Latour (2012) há uma lista de traços deixados por esta formação: um grupo em sua formação dispõe de porta-vozes, que falam por sua existência, definindo quem são, o que deveriam ser e o que foram; em segundo lugar, para cada grupo existe uma lista de antigrupos, significando que os atores estão sempre mapeando o contexto social em que estão inseridos, e, terceiro, quando grupos são formados ou redistribuídos há necessidade de defini-los, fronteiras são delimitadas e conservadas, barreira esta que será acompanhada por características mobilizadas para consolidar as fronteiras desse grupo contra as pressões adversas aos grupos antagonísticos que ameaçam dissolvê-los.

Complexas de serem analisadas na vida coletiva, as controvérsias referem-se a partes da ciência e tecnologia que ainda não foram estabilizadas e inseridas em uma “caixa preta”, ela pode ser descrita com o termo geral para descrever a incerteza partilhada. Pode ser explicada como uma situação na qual os atores discordam, ou ainda, que concordam em discordar, as controvérsias começam quando atores descobrem que eles não podem ignorar um ao outro e chega ao fim quando atores conseguem elaborar um sólido compromisso de viverem juntos. Qualquer coisa entre esses dois extremos – o desconhecimento recíproco e o consenso de acordo e aliança – pode ser chamado de controvérsia, onde as relações mais heterogêneas são formadas. (VENTURINI, 2009).

Na era da big data o processo de cartografar as controvérsias torna-se ainda mais intrincado, pelo seu tamanho e pela complexidade dos diversos debates envolvidos. Temos em nosso favor os dispositivos de comunicação distribuídos e o local de atuação das identidades na Internet – sobretudo as redes sociais que nos fornecem um panorama de importantes cenários de discussões e fluxos conversacionais. Com as ferramentas em mãos para o mapeamento na rede e o auxílio da cartografia em rede, podemos montar um palco onde vemos esses atores falarem por si só, destacando os protagonistas, antagonistas, e as multidões conectadas. Esse método abre o campo para investigação

sobre as nuances das questões científicas, tecnológicas e até mesmo políticas na rede. Seguindo uma hashtag em particular, por exemplo, conseguimos alcançar toda uma rede de participantes, mobilizadores, discursos e disputas ali envolvidos.

Sendo assim, através da análise do conteúdo das Jornadas de junho no Rio de Janeiro será possível investigar como dada mobilização social faz entrar e sair em cena certos atores sociais, bem como de discursos e narrativas, permitindo ao pesquisador o acesso a diferentes grupos de opinião, de julgamento, mobilizadores e de difusão, que não se reduzem, entretanto, a nenhum sentido totalizante e genérico.

Para isso, extraímos as mensagens referentes às publicações no Twitter sobre o #ProtestoRJ, mobilização política que movimentou as ruas do Rio de Janeiro em prol de melhorias no transporte público, além da saúde, educação, segurança, fim da corrupção no país, crítica aos gastos públicos com a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, entre outras reivindicações. Em seguida, delimitamos o tempo de análise deste dataset, selecionando de 16 a 21 de junho de 2013, período que engloba as duas grandes manifestações na cidade, do dia 17 e 20 de junho. No total, 225.640 tweets foram extraídos desta cronologia. Os tweets são divididos em retweets e menções, que nos fornecerão, a princípio, pistas topológicas de análise em rede. Para análise em questão utilizaremos os retweets, num total de 49.523. A ideia é que estes rastros em rede permitam a realização da análise do movimento da atenção em rede a partir de uma cronologia dos protestos e dos assuntos de maior incidência, compreendendo, assim, os principais atores e comunidades que compartilham objetivos em comum.

Com os dados em mãos, após extração e filtragem, realizamos o mapa cartográfico, processo este que seguirá as pistas fornecidas por Bruno Latour (2011) para ver o social se formar com o rastreamento de suas conexões. Esse é o passo da visualização, que se inicia com a inserção dos arquivos no software Gephi, uma plataforma open source interativa de visualização e exploração de vários tipos de rede e sistemas complexos. Através deste programa é possível aplicar algoritmos de layout configuráveis para serem executados em tempo real. Por exemplo, a velocidade, a gravidade, repulsa, estabilidade, inércia ou ajustes de tamanho que são configurações e podem ser executadas pelo programa. Em particular, neste trabalho, duas métricas serão destacadas para a análise: o grau de entrada e a modularidade.

O grau de entrada é o responsável por fornecer os valores de um determinado nó em relação a rede. Mais precisamente, ele fornece a quantidade de “menções” ou “retweets” que um nó recebeu. Quanto maior for o número de indicações para um mesmo

vértice, maior será o seu valor de entrada. Percebe-se que essa estatística refere-se ao destino do nó (tudo que recaiu sobre ele) e não a origem (o conteúdo originado pelo nó).

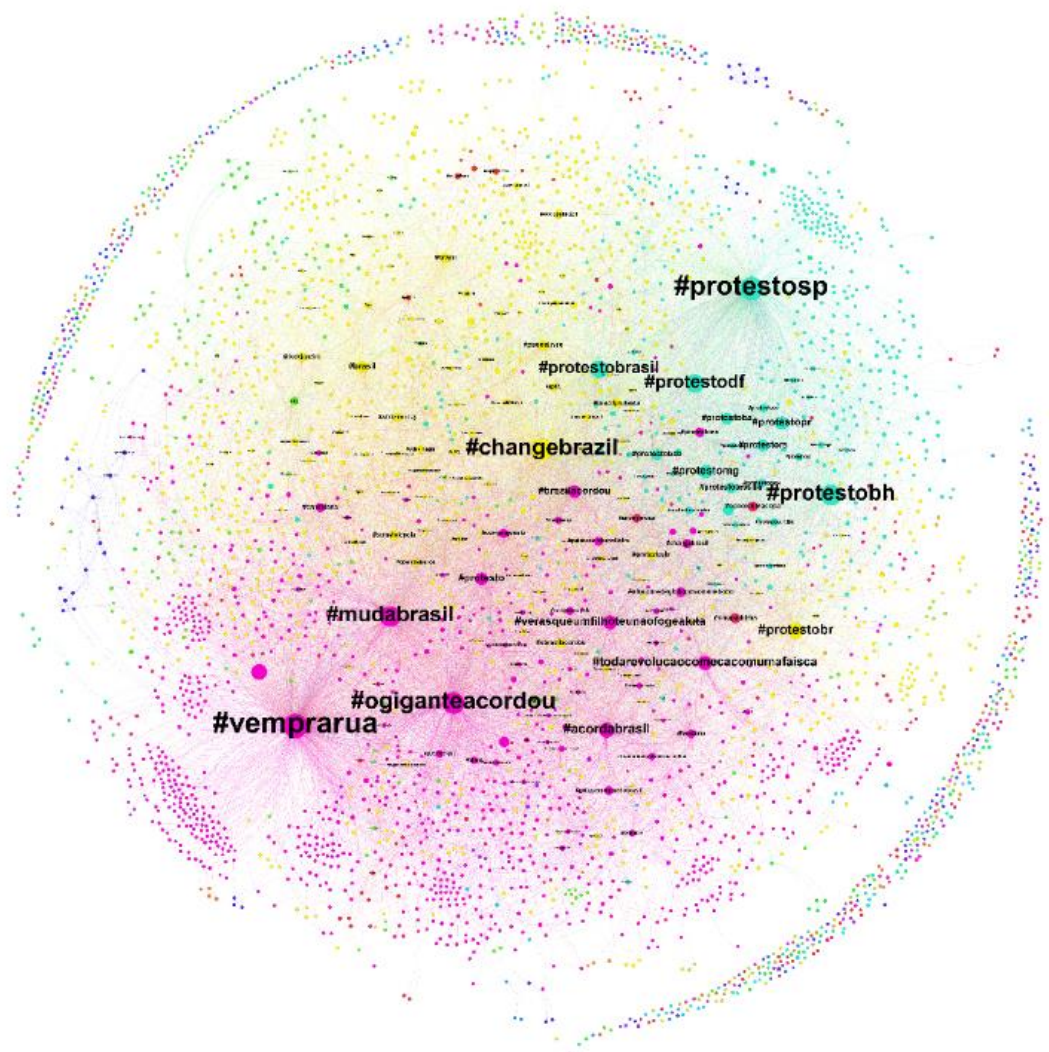
A modularidade, por outro lado, representa grupos ou perfis que compartilham algo em comum, no caso do Twitter, perfis que ou republicaram alguém ou que foram retuitados, bem como as ligações próximas que estes possuem, inserindo-os em uma teia de conexões. Esta é uma estatística que fornece informações de como a rede é constituída por subunidades ou comunidades. O estudo das redes complexas através deste algoritmo, explica Nicosia (2008), revela algumas características interessantes que podem ser exploradas nas formas de comunicação, como o efeito de mundo pequeno, auto-organização, autoadaptação e crescimento de estrutura de comunidade. Segundo o autor, uma comunidade pode ser definida como um grupo de pessoas que se conhecem e compartilham interesses e conhecimentos, ou colaboram entre si para alcançar dado alvo. Em uma formação de rede, a comunidade é detectada então a partir de um conjunto de nós de um grafo que estão fortemente mais conectados entre eles do que a qualquer outro nó da rede.

Tendo em vista os conceitos a serem desenvolvidos ao longo da parte empírica, esta será dividida em duas diferentes perspectivas da rede, a primeira delas, a rede semântica, compreende a investigação da narrativa, e se dará a partir da análise de hashtags associadas ao #ProtestoRJ em todo o dataset, incluindo retweets, tweets e menções, buscando entender a rede de sentidos que perpassa os acontecimentos e quais outras mensagens são indexadoras do movimento. Complementar a este processo também será realizada a nuvem de palavras, para compreensão do universo do discurso da rede e sua possível assimilação com a rede de hashtags.

No segundo momento será realizado o mapa cartográfico das redes temporais, de acordo com cada dia de manifestação, com o foco nos atores. Aqui o objetivo será apontar os perfis e seu papel enquanto canal difusor de determinadas informações e suas conexões com outros atores na rede. Para isso, serão utilizadas as métricas já apontadas anteriormente, como grau de entrada e modularidade, identificando em quais momentos certos perfis agem, sobretudo no #ProtestoRJ, como canais de mídia em busca de construção de focos de atenção, difundindo notícias ao vivo das ruas, característica peculiar e muito forte do próprio Twitter.



### 3.3 A rede de hashtags do #ProtestoRJ



**Figura 3-** Rede completa de hashtags do #ProtestoRJ

A análise semântica de hashtags associadas ao #ProtestoRJ (Figura 3) demonstra a presença de três grandes perspectivas no grafo. A noção de perspectiva aqui parte da ideia de que toda a rede é uma sobreposição de camadas, que vão se adensando e se dissociando ao longo do tempo, camadas estas que revelam pontos de vistas particulares, a cada formação de comunidade e aglomeração de atores. A rede, como aponta Regattieri et al (2014), “sobrepõe-se em camadas, grupos sociais e pensamentos distintos, como se fosse uma única topologia de rede. [...] o social é atravessado por uma multiplicidade de naturezas, perspectivas, visões de mundo”. Dessa forma, como explica Latour (2002), o “todo é sempre menor que suas partes”, logo cada rede é, de fato, uma rede de perspectiva

que se encontra normalmente em disputa, cabendo a nós o papel de explorá-la e deixar que os atores falem por si só sobre seus conflitos e controvérsias.

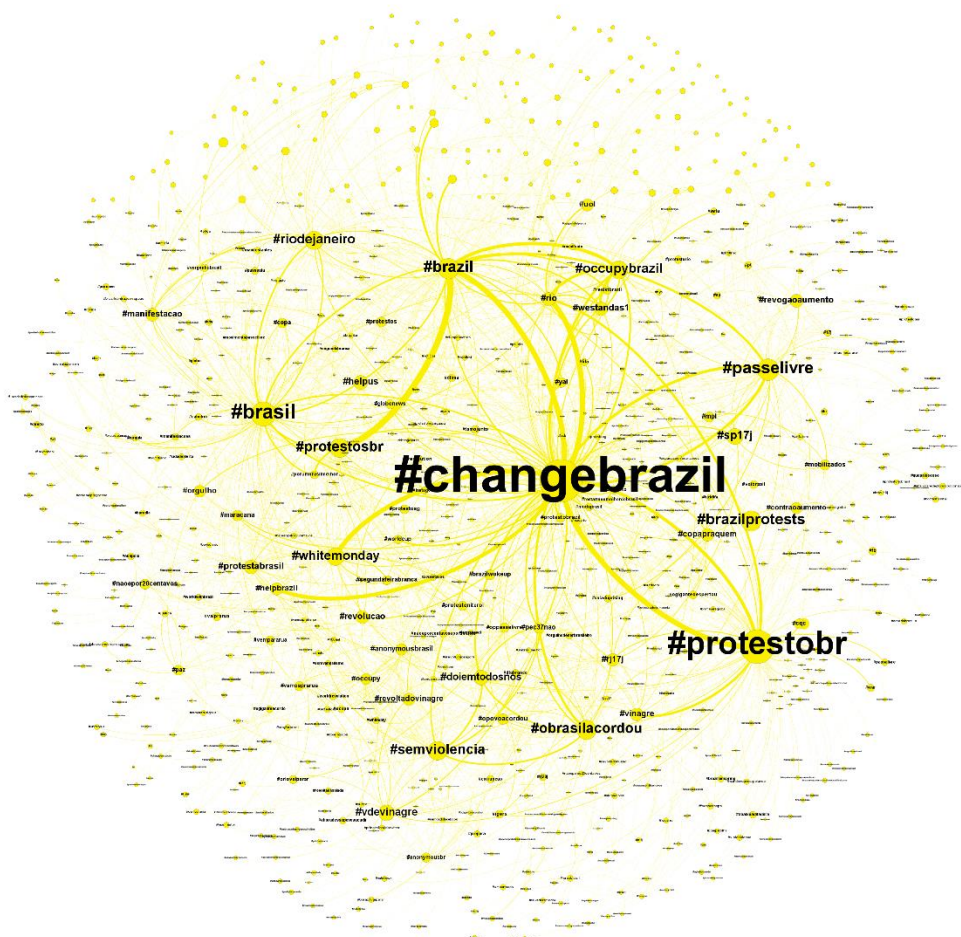


Figura 4 - Maior rede de hashtags no #ProtestoRJ

A maior perspectiva da rede de hashtags (Figura 4) ligada ao #ProtestoRJ apresenta como destaque a hashtag #ChangeBrazil, de caráter generalizado, que ressalta a vontade de mudança do povo brasileiro, englobando pautas mais amplas que circundam desde a redução da violência nas manifestações até a mobilização de pessoas para as ações nas ruas. Associada à #ChangeBrazil encontra-se um universo repleto de hashtags estrangeiras, como #occupybrasil, #brasil, #whitemonday, #brasilprotests, podendo ser compreendida devido ao seu uso fora do território nacional, sobretudo associado a usuários que se denominavam “anônimos”. Além destas também estão presentes hashtags como #Protestobr, muito utilizada em todos os protestos pelo Brasil, pois designavam as manifestações no país, bem como #passelivre, #brasil, #obrasilacordou e #riodejaneiro









### **3.4 Focos de atenção: a rede de atores entre os dias 16 a 21 de junho**

Neste segundo momento, através de uma breve retrospectiva histórica dos principais dias de #ProtestoRJ realizaremos um mapa cartográfico, com a plotagem dos grafos de cada dia e sua respectiva rede de atores, demonstrando como certos perfis se destacam em determinados momentos, como há dias de intenso fluxo de informações nas redes, bem como datas de baixa intensidade de trocas conversacionais. Buscaremos compreender a princípio como existem perfis que levantam certos questionamentos para rede, em particular selecionando para cada dia os 10 perfis com o maior grau de entrada, ou seja, que recebem o maior foco de atenção sobre si mesmo e consequentemente gerando uma maior republicação na rede de sua mensagem.

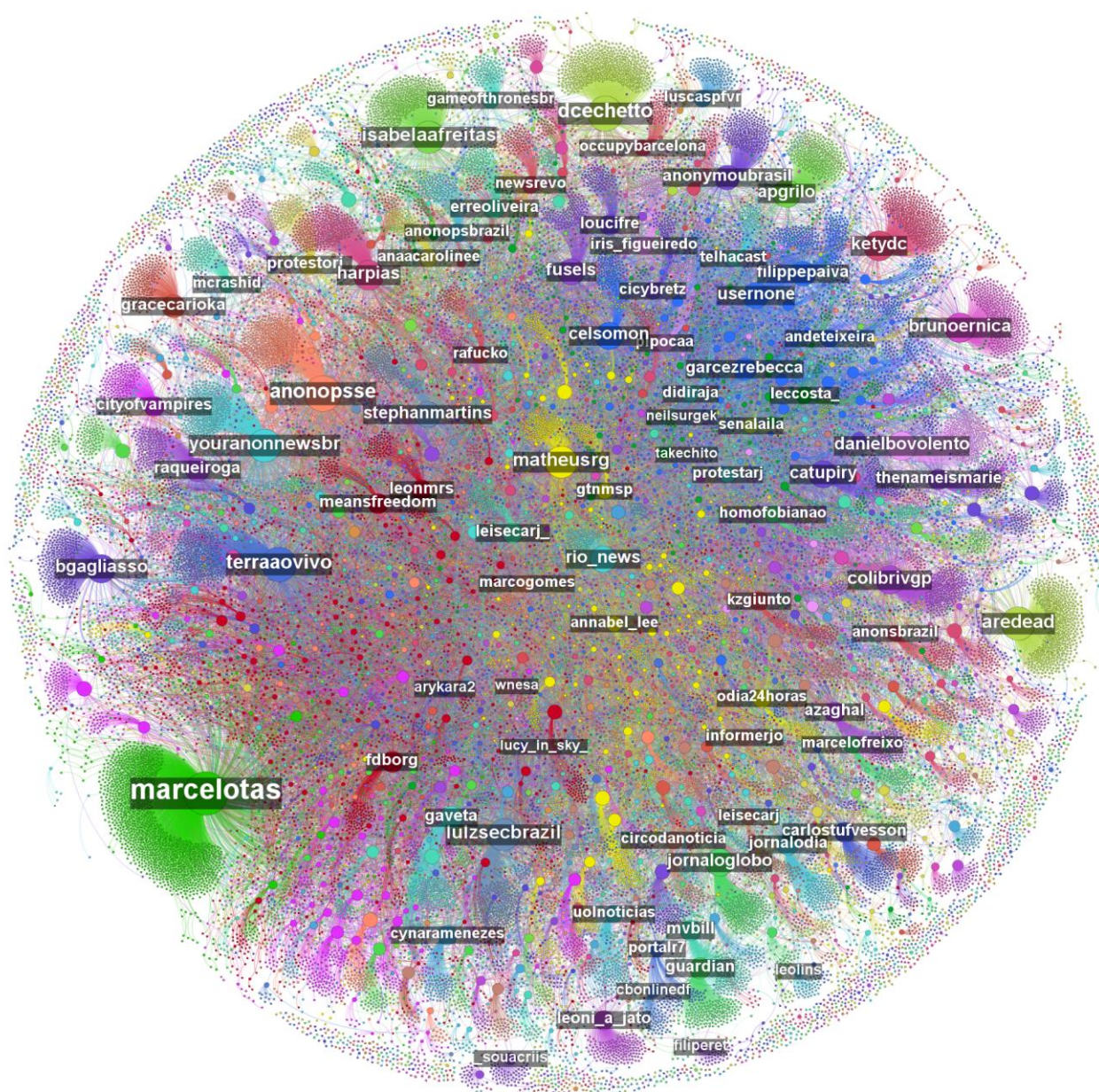
Entender esse perfil significa compreender a forma de colaboração que existe sob a ótica dos perfis de maior popularidade, que muitas vezes através de um único tweet viralizam na rede uma informação, levantando e colocando em cheque determinado questionamento. Em contrapartida, após essa análise minuciosa dos atores e suas principais mensagens, enfatizaremos as perspectivas que os circunscrevem, o que demonstra que muitas vezes as maiores comunidades – que geram grande troca de informação entre si – não se encontram necessariamente localizadas em determinados regimes de atenção capturados pela lógica dos perfis populares. Para isso selecionaremos as 5 maiores perspectivas de cada dia em particular. Dessa forma, observaremos que muitas das maiores comunidades presentes em cada dia fogem da regra de estarem sendo flodadas por perfis de alta popularidade e encontram-se rodeadas por perfis que possuem características semelhantes entre si, em um jogo de troca de parceria e informações, constituindo o que chamaremos de micronarrativas do #ProtestoRJ.

#### **3.4.1 A rede geral de RTs: as perspectivas temporais de 16 a 21 de junho**

Durante os seis dias de protesto selecionados para a análise nesta pesquisa, muitos foram os tweets realizados e que poderiam ser condensados em um único grafo, como o a ser visto a seguir. A característica marcante desta rede geral de retweets (Figura 8) é o seu alto valor de clusterização, com grande número de comunidades, uma parte concentrando-se ao centro do grafo, nós mais conectados e que circundam entre si informações referentes ao #ProtestoRJ, e a outra apresentando os que chamaremos muitas



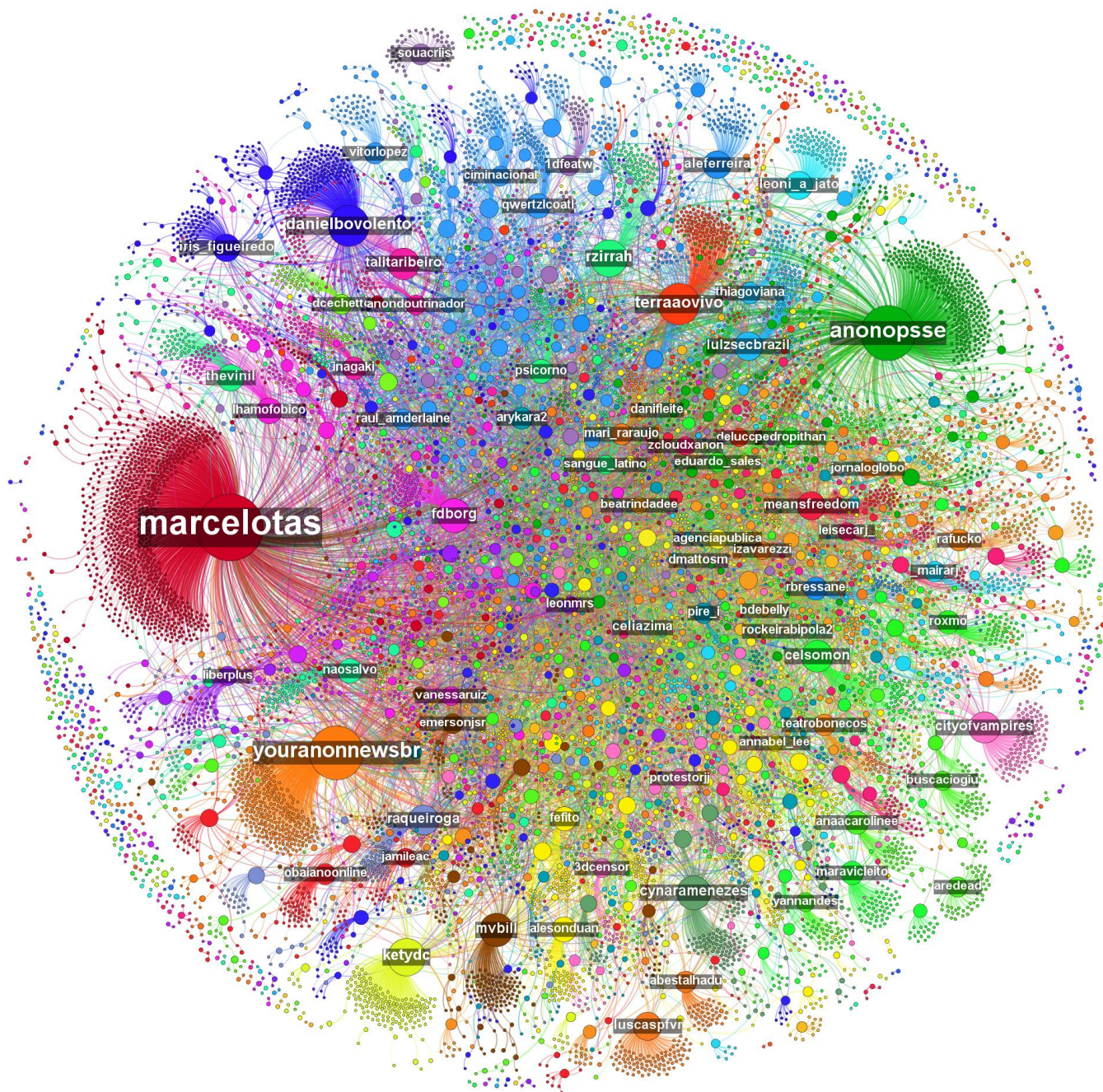
vezes neste trabalho de perfis bolha, que se encontram nas extremidades do grafo, e formam ao redor de si uma rede de seguidores que apenas os retuitam, sem gerarem maiores transformações ou discussões. Uma rede como esta nos fornece, portanto, uma visão geral de fluxos conversacionais e da topologia que constitui todos os dias de manifestação, entretanto, entre elas, há uma mescla de camadas, que iremos dividir neste trabalho a partir de cada dia, compreendendo assim a formação de grupo, perfis que aparecem apenas em uma única data e se destacam pela grande quantidade de retweet.



**Figura 8** - Rede de retweets do dia 16 a 21 de junho de 2013 no #ProtestoRJ



### 3.4.2 16 de junho de 2013: rede em alerta e mobilizada



**Figura 9** - A rede de atores com a métrica grau de entrada no dia 16 de junho

No Rio de Janeiro, o que chama a atenção nesta data é a forte repressão nas ruas que enfrentaram os manifestantes, ao realizarem protesto no Maracanã durante jogo México x Itália, na Copa das Confederações, contabilizando 1.500 pessoas. Convocada pelas redes sociais, a manifestação apresentava como pauta a redução dos preços da

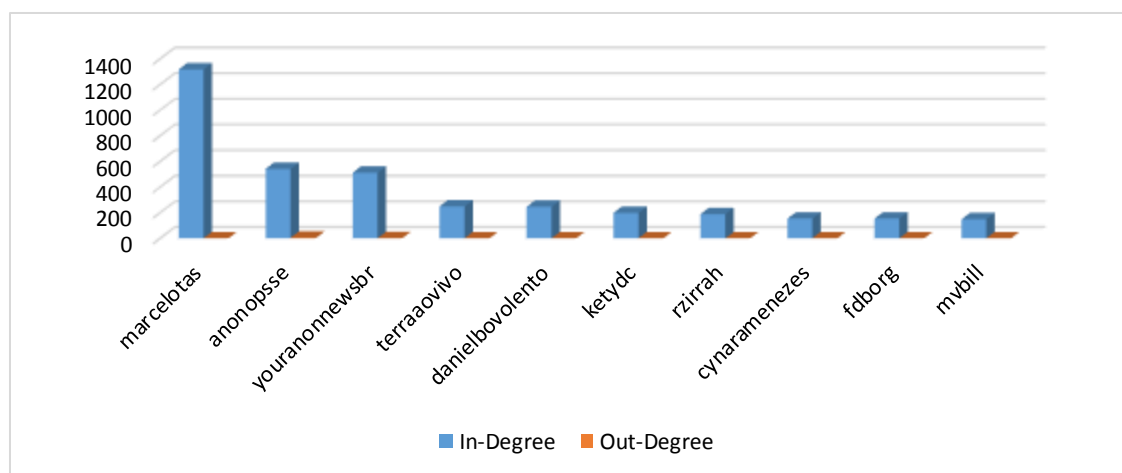


passagem e a crítica aos gastos públicos (assim como a corrupção envolta às obras) para à realização da Copa das Confederações e do Mundo no país.

Os manifestantes que se encontravam nas redondezas do Maracanã foram dispersados pelos policiais do Batalhão de Choque (BPChq) que jogaram bombas de gás lacrimogênio e dispararam balas de borracha contra os cidadãos que protestavam na região. Durante a repressão, eles buscaram abrigo na Quinta da Boa Vista. E mesmo assim, nesta área que é utilizada como lazer pelos cariocas, a polícia lançou bombas de efeito moral para dentro do parque, assustando familiares que faziam piquenique no local e que acabaram saindo correndo em busca de ajuda. Durante a chegada de torcedores ao estádio, estes eram surpreendidos pelo cenário de guerra que se instalava ao estarem acompanhados de seus familiares e crianças.<sup>18</sup>

No geral, a rede de atores formada no dia 16 de junho de 2013 (Figura 9) apresenta 11.473 nós e 16.335 arestas. Pelo número de perfis ser bastante semelhante ao número de conexões pode-se afirmar que, na maioria das vezes, significa que o perfil aparece apenas uma vez ao retuitar a mensagem de um outro usuário (normalmente perfis de alta popularidade), mas que também podem estar ligados a uma aresta que representa uma conexão entre perfis de menor popularidade.

### Grau de entrada: dia 16 de junho



**Tabela 1-** 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 16 de junho

Com base na estatística de grau de entrada destaca-se, como mostra a imagem anterior, perfis cujas mensagens se sobressaem pelo alto grau de compartilhamento. O

<sup>18</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/apos-negociacao-manifestantes-deixam-quinta-da-boa-vista-no-rio.html>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

maior deles, perfil do humorista e jornalista @MarceloTas, com apenas uma mensagem ganha forte repercussão na rede. Isso se explica, em partes, pela alta popularidade que seu perfil possui no Twitter, contabilizando mais de 8 milhões de seguidores. No dia 16 de junho o jornalista publica mensagem em apoio a uma suposta Greve Geral que aconteceria no dia 26 de junho, afirmando:

**RT @MarceloTas:** Eu apoio: Greve Geral dia 26 contra PEC 37 RT @ZeMartinezBR: #protestorj <http://t.co/Xk2wun8rbI>

Outros perfis, também de alto valor recebido de retweets, demonstravam um forte tom de alerta para os acontecimentos nas ruas, com destaque para perfis de ativistas, como @YourAnoNewsBr: canal do Anonymous Brasil e @Anonopsse: página de operação do Anonymous, com o uso do idioma inglês, que tinham com características a narrativa entre as redes e os protestos, convocando os usuários online para as necessidades dos manifestantes nas ruas da cidade. As principais mensagens realizadas por estes perfis eram de pedidos de ajuda para os cidadãos que se encontravam no entorno do Maracanã ou referiam-se à violência policial enfrentada pelos cidadãos nas ruas, bem como a uma série de prisões arbitrárias, que também marcou a história dos protestos em junho de 2013 no Brasil:

**RT @AnonOpsSE:** Police confiscating cell phones and cameras from protesters for no reason in Rio de Janeiro. #protestorj #brazilprotests

**RT @YourAnonNewsBR:** #protestorj Era um país muito engraçado não tinha escola só tinha estádio, ninguém podia protestar não, porque a PM sentava a mão

**RT@YourAnonNewsBR:** #PROTESTORJ - URGENTE - Precisamos de ADVOGADOS urgente no RJ. Principalmente na 18ºDP - Praça da Bandeira, pois há manifestantes presos

Com o quarto maior grau de entrada, o perfil do portal de notícias da Terra, @TerraAoVivo, temo o único canal de mídia oficial a aparecer na rede dentre os mais retuitados. Esse perfil publica mensagens com narrativas dos próprios manifestantes nas ruas, que ressaltavam principalmente a violência e abusos da Polícia Militar. Alguns usuários retuitam parabenizando a cobertura do canal, por ter sido o único veículo midiático a demonstrar a violência nas ruas no dia 16.

**RT @TerraAoVivo:** Obrigado a todos que acompanharam nossa cobertura dos protestos no Rio de Janeiro. Continuaremos ligados! #protestorj

<b>RT @TerraAoVivo:</b> "PM vive com mesmas táticas da Ditadura", afirma Bob Fernandes. Acompanhe ao vivo: <a href="http://t.co/srLL31nT4L">http://t.co/srLL31nT4L</a> #protestorj
<b>RT @TerraAoVivo:</b> "Foi um excesso absurdo da Tropa de Choque", afirma a repórter Mônica Garcia <a href="http://t.co/ZquQShZdKV">http://t.co/ZquQShZdKV</a> #protestorj
<b>RT @TerraAoVivo:</b> "Estamos em uma ditadura branca", afirma manifestante. Acompanhe ao vivo: <a href="http://t.co/ZquQShZdKV">http://t.co/ZquQShZdKV</a> #protestorj
<b>RT @TerraAoVivo:</b> "As pessoas precisam saber quem é José Maria Marin", afirma Bob Fernandes <a href="http://t.co/ZquQShZdKV">http://t.co/ZquQShZdKV</a> #protestorj

Há também a presença de outras contas com alta popularidade no Twitter, a exemplo do escritor @DanielBovolento, que em seu perfil publica mensagens de apoio e convocação ao #ProtestoRJ, pedindo, sobretudo, para que manifestantes utilizassem branco como ato de mobilização. De forma a repercutir os acontecimentos da rua, a usuária @KetyDC, cuja conta está suspensa no microblogger Twitter, também ganha destaque na rede, com mensagens que divulgavam links das imagens dos protestos, sobretudo a foto circulada pela Agência Reuters, que retratava a Tropa de Choque da Polícia Militar lançando bombas de efeitos moral nos manifestantes.

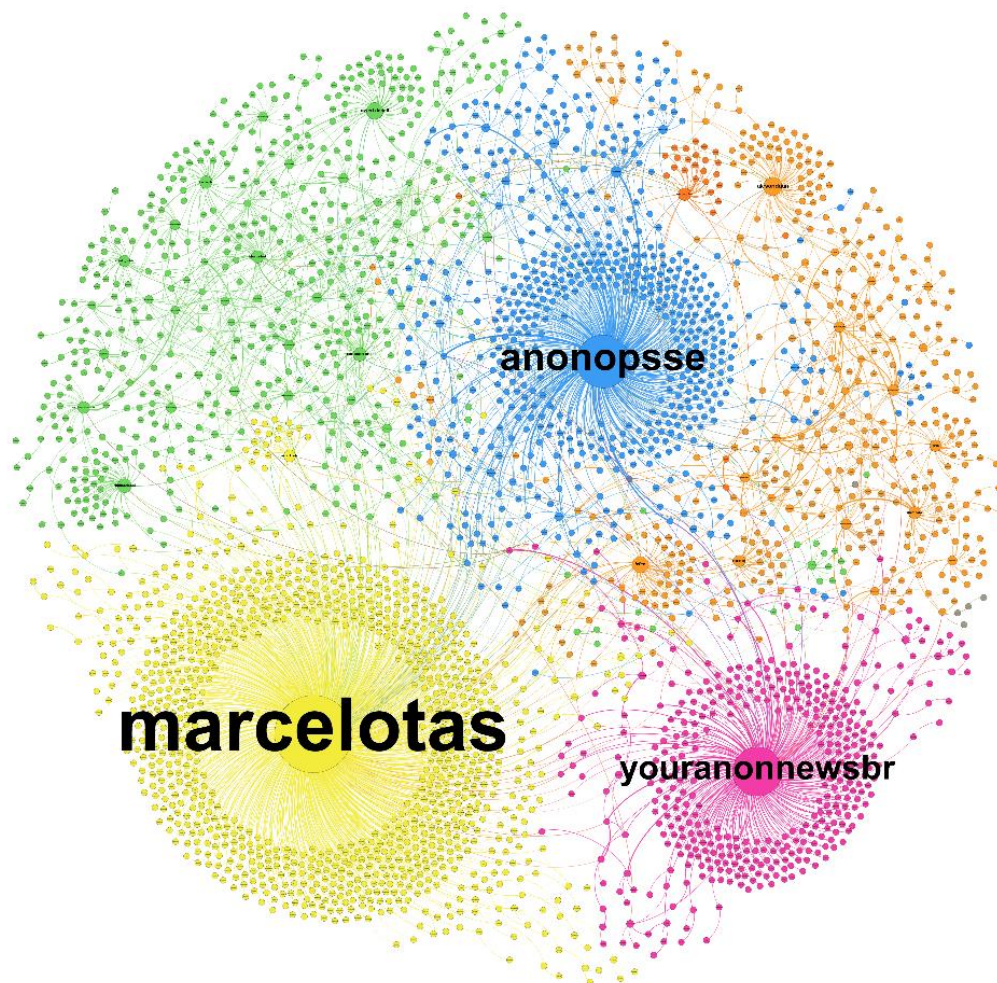
Outros perfis como @Rzirrah: de um jornalista carioca, com poucos seguidores, e o perfil @Cynaramenezes, de uma blogueira esquerdista, são intensamente republicados pois destacam, mais uma vez, a violência da polícia, que lança mão de balas de borracha e bombas de efeito moral em direção aos manifestantes. Por fim ressalta-se o perfil @fdborg, de um usuário aparentemente anônimo, que divulga conteúdo de caráter ativista, como o pedido de utilização da frase “The dont want to show policie against protests”<sup>19</sup>, bem como o usuário @mvbill, rapper, músico e escritor, que publica música em apoio aos manifestantes, dizendo “O mal que você faz reflete em mim também, respeito é para quem tem”.

Nota-se, portanto, um certo grau de insatisfação geral nesta data crescendo na rede, com perfis pouco a pouco intensificando o discurso sobre a violência policial, que repercute de forma imediata na rede e ganha não somente destaque ao longo dos dias, como também a adesão popular. Outra peculiaridade é que estes perfis que apresentam o maior grau de entrada possuem baixo valor de grau de saída, ou seja, ele é retuitado por muitas pessoas, mas não retuita ninguém, tendo seus valores variando de 0 a 4.

---

<sup>19</sup> “Eles não querem mostrar a polícia contra os manifestantes” (tradução nossa).

## Modularidade



**Figura 10** - Cinco maiores comunidades do dia 16 de junho

Quanto à formação de comunidade nesta data (Figura 10), observa-se um total de 368 agrupamentos, apresentando como maior delas clusterizações formadas por 1016 nós e 1035 arestas, seguidas pela segunda maior, com 612 nós e 744 arestas, a terceira com 580 nós e 645 arestas, a quarta contabilizando 458 nós e 519 arestas e por fim, a quinta, com 412 nós e 423 arestas.

Dentre as cinco maiores comunidades do dia 16 de junho nota-se que três delas constituem uma estrutura semelhante, com alto grau de entrada, representados pelos perfis de maior popularidade em cada grupo, como @MarceloTas, @Anonopsse e @YourAnonnewsBr. Esses perfis constroem em torno de si um canal de seguidores “fãs” que republicam e compartilham suas mensagens sem gerarem maiores transformações na

rede. Nos interessa, portanto, para a análise das micronarrativas presentes no #ProtestoRJ, a investigação das comunidades em verde (3ª maior) e em laranja (4ª maior) (Figura 11) por sua intensa troca de informações e grau dos perfis que se assemelham entre si, em uma estrutura todos para todos, e não um para todos, como acontece nos perfis com maior grau de entrada.

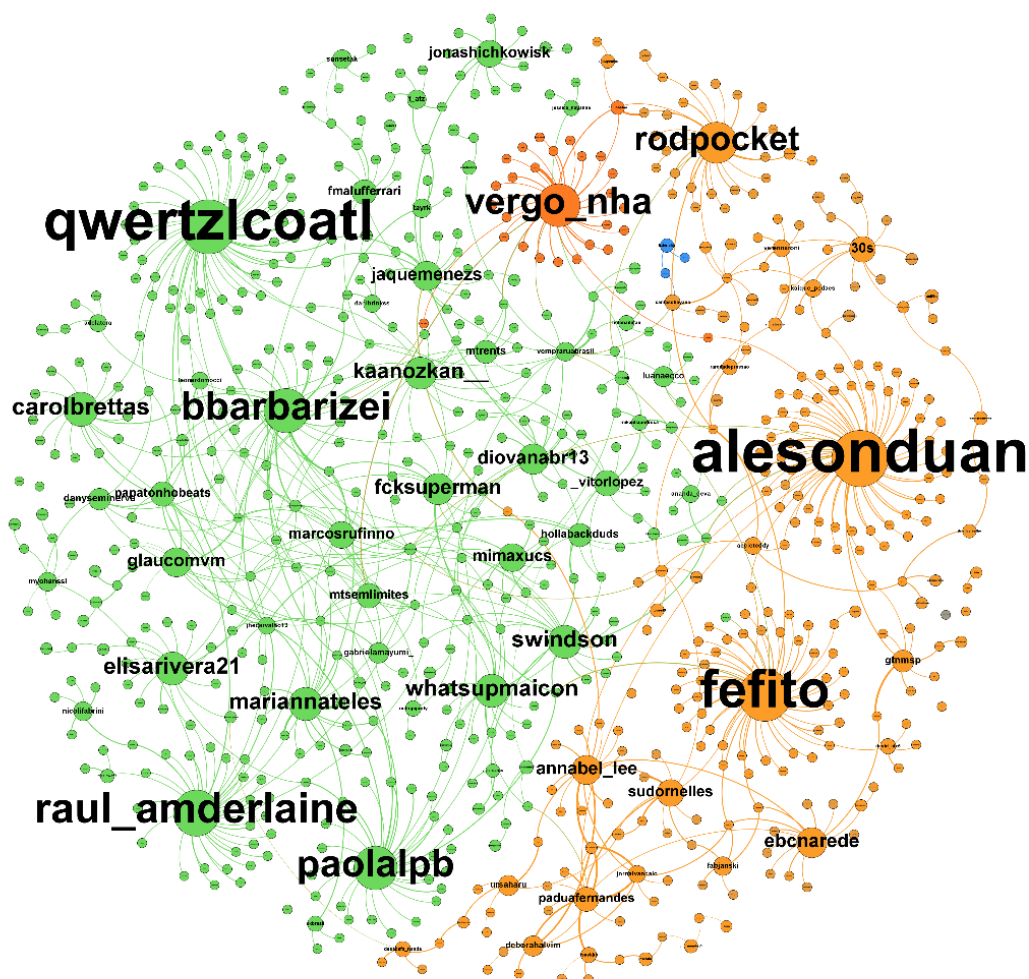


Figura 11 - 3ª maior comunidade em verde e 4ª maior em laranja do dia 16 de junho

Ambas as comunidades acima (Figura 11) apresentam características semelhantes, compartilhando entre si informações que destacam, principalmente, a violência policial no #ProtestoRJ. Nota-se que o discurso é de mobilização e crítica à ação policial, que teria iniciado os atos de violência durante o protesto, chamando a atenção dos usuários para a brutalidade policial enfrentada pelos manifestantes. Além disso é forte o conteúdo de mensagens de mobilização, afirmando que o Brasil teria acordado e se levantado para lutar pelos seus direitos.

<b>RT @AlesonDuan:</b> #protestorj Era um país muito engraçado não tinha escola só tinha estádio,ninguém podia protestar não, porque a PM sentava a mão
<b>RT @fedito:</b> Esse vídeo mostra direitinho que quem começou a violência no #protestorj foi a policia <a href="http://t.co/2rCO8HJDBI">http://t.co/2rCO8HJDBI</a>
<b>RT @qwertzlcoatl:</b> Broadcasters & websites covering anti-government demonstrations in #Brazil are going off air #ProtestoRJ #TodaRevoluçãoComeçaComumaFaísca
<b>RT @qwertzlcoatl:</b> Police officer spraying a dog with pepper gas for fun in #Brazil - #TodaRevoluçãoComeçaComUmaFaísca #ProtestoRJ
<b>RT @bbarbarizei:</b> O brasil acordou #protestorj <a href="http://t.co/Ai4Lh2QYZz">http://t.co/Ai4Lh2QYZz</a>
<b>RT @rodpocket:</b> Bala de borracha não apaga a voz do povo! #protestorj
<b>RT @Paolalpb:</b> Na Alemanha, os policiais ao invés de usar violência, tiram os capacetes e se juntam aos protestantes #Protestorj

A leitura do dia 16 de junho indica um discurso sobre os acontecimentos nas ruas, mas que não significava, necessariamente, que estes perfis encontravam-se localizados nos locais de luta. Nota-se, por exemplo, a grande incidência de mensagens de alerta e mobilização, com estes perfis acompanhando os protestos e narrando os principais episódios que aconteciam nas ruas, como o lançamento de balas de borracha, truculência policial e até mesmo mensagens incentivando os manifestantes a continuarem com suas reivindicações. Os focos de atenção nestas comunidades repousam, portanto, em um tom de alerta sobre a violência, narrada, em parte, a partir dos próprios manifestantes, de forma viva e ativa, buscando mobilizar outros cidadãos sobre o quão absurdo seria a violência policial e incentivando os brasileiros a manifestar-se em apoio àqueles que já se encontravam nas ruas lutando pelos seus direitos.



### 3.4.3 17 de junho de 2013: perfis populares narram sobre a rua

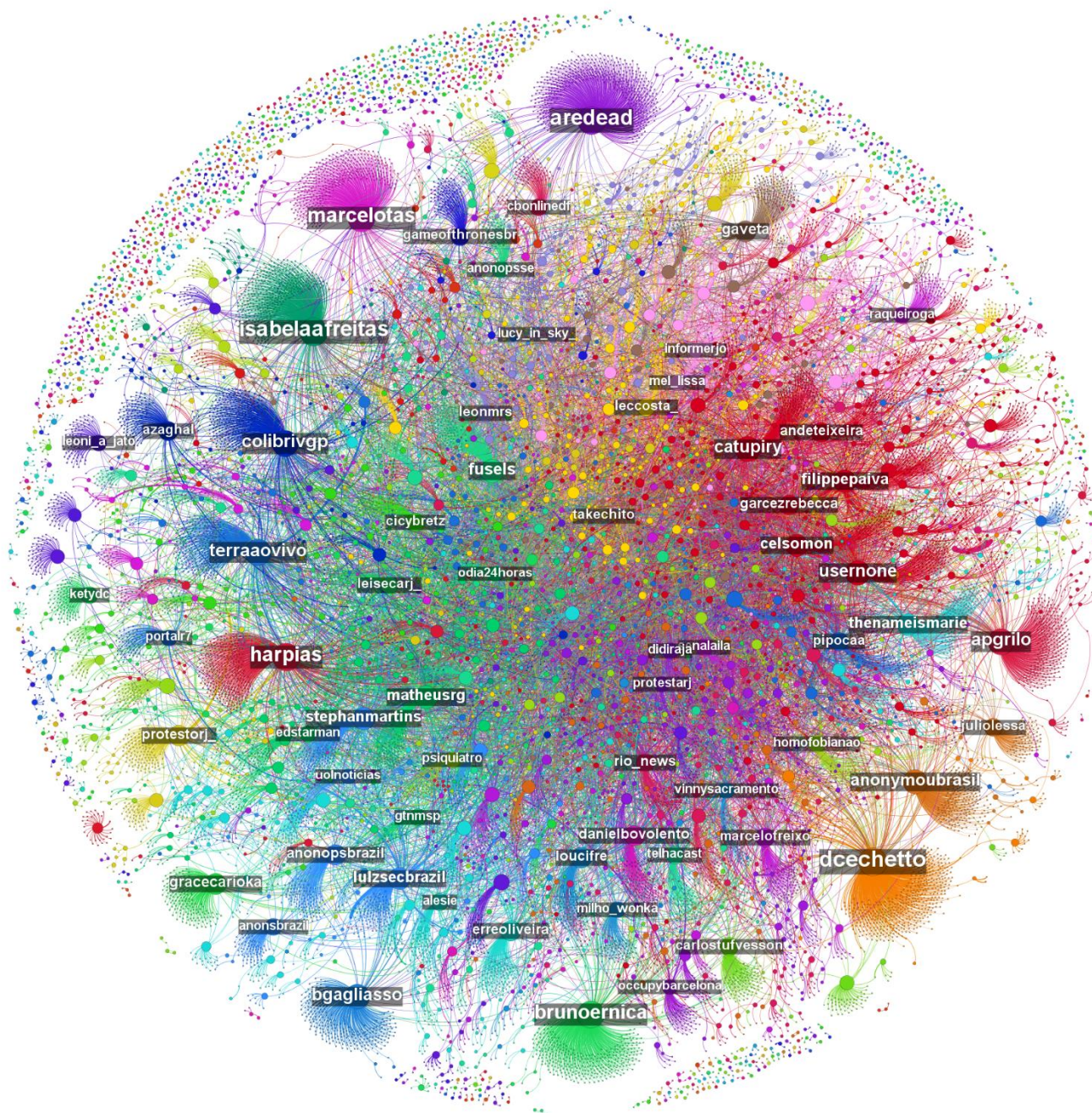


Figura 12 - Rede de atores do dia 17 de junho

O dia 17 de junho no Rio de Janeiro entra para a história. Com 100 mil<sup>20</sup> manifestantes nas ruas a data é marcada pela forte adesão popular e levante de diferentes bandeiras e reivindicações. No geral, a pauta dos protestos tinha como pontos centrais a

<sup>20</sup> Vídeo gravado em protesto na Avenida Rio Branco. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=xgp\\_pZ5Khn8](https://www.youtube.com/watch?v=xgp_pZ5Khn8)>. Acesso em 17 de dezembro de 2015.

crítica aos gastos com a Copa do Mundo, das Confederações, a corrupção e, principalmente, o aumento das tarifas de transporte público. Esta data é marcada pela ocupação de manifestantes em importantes vias da capital, especialmente na Avenida Rio Branco. No início do protesto milhares de pessoas caminharam da Candelária, com flores nas mãos, passando pela Rio Branco, em direção à Cinelândia. A princípio houve tumulto entre representantes de partidos políticos, mas logo estes foram rechaçados pelos ativistas no local, que afirmavam ser este um movimento “sem partidos”.

No fim do protesto um grupo tentou invadir a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e foi contido pela Polícia Militar, iniciando assim um duro confronto entre ambos, de um lado manifestantes atiravam coquetéis molotov nos policiais, e de outro, a PM revidava com bala de borracha e gás lacrimogênio. Manifestantes cercaram o prédio da Alerj, onde ficaram acucados cerca de 80 policiais militares. Prédios públicos e carros também são depredados durante a manifestação, terminando com 27 pessoas feridas.

Segundo relato anônimo denominado “A Tomada da Alerj”, no canal Vice - que conta uma versão com olhar do manifestante nas ruas - desde o início do protesto sentia-se que os acontecimentos seriam mais fortes, apesar dos inúmeros coros de manifestantes com pedidos de “Sem violência! Sem violência”. E até chegar a Cinelândia, em frente ao Theatro Municipal, tudo indicava que a manifestação não teria maiores complicações. De acordo com o relato:

Parte da manifestação seguiu direto para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, a Alerj, e logo essa se tornou a direção de todos. No último protesto, a ida à Alerj foi um ato espontâneo que surpreendeu o comando da polícia que, então, a partir daí agindo no improviso, acabou permitindo que os manifestantes tomassem as escadarias e subissem em estátuas e postes do prédio histórico. Desta vez, a polícia estava preparada para a chegada dos manifestantes e formou um bloqueio com a Tropa de Choque para impedir que mais uma vez o local fosse dominado pelos que protestavam. Mas a polícia não estava preparada para um novo problema: nesta noite, eram 100 mil pessoas. A multidão deu de cara com os escudos negros nas escadarias e, após alguns segundos de crescente tensão, alguns manifestantes que estavam à frente tentaram forçar a passagem. Os policiais dispararam então as primeiras bombas de gás. Imediatamente, tiveram como resposta pedras, paus e fogos de artifício arremessados pelos que tentavam passar. Mesmo com a maior parte dos manifestantes não apoiando que se fosse para cima da polícia, o número dos que foram era muito maior do que em qualquer outra noite de protestos. E foi neste momento que aconteceu algo inédito nas manifestações contra o



aumento das passagens, algo que provavelmente não era previsto nem pela polícia nem pelos manifestantes: o temido Choque titubeou, deu dois ou três passos tímidos para trás. Não foi necessário mais do que isso para que os jovens constatassem que o que estava acontecendo era realmente diferente. Gritando, a onda de pessoas avançou e a Tropa de Choque recuou. Continuou atirando as bombas de gás, o ar se tornou pesado e venenoso como das outras vezes, mas a novidade é que fez isso enquanto andava para trás. A polícia foi expulsa das escadarias e, novamente, a Alerj foi tomada por quem protestava. Alguns policiais se protegeram ficando dentro da Assembleia, outros fugiram para trás da construção. Lá, se reorganizaram e voltaram com bombas e tiros de balas de borracha. Muitas pessoas correram, mas os que não recuaram passaram a gritar para que todos se reagrupassem. E isso foi feito. Novamente avançaram contra a polícia e a expulsaram. Esse processo aconteceu diversas vezes. Os policiais voltavam, as bombas explodiam, a fumaça se espalhava, eram ouvidos os tiros com bala de borracha, muitos corriam, se abrigavam por um tempo e logo voltavam.<sup>21</sup>

Após esse episódio conturbado e que gerou grande repercussão na rede, os representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) começam a acompanhar os procedimentos jurídicos, como inquéritos e processos da polícia, na busca de possíveis abusos de poder cometidos contra os manifestantes. O intuito da OAB no processo era de atuar como ponto de equilíbrio e mediação entre as autoridades de segurança e os manifestantes, em busca do respeito do direito público e privado. Advogados criminalistas da Caixa de Assistência dos Advogados do Estado do Rio de Janeiro (Caarj) também foram mantidos em plantão para assistência aos manifestantes.<sup>22</sup>

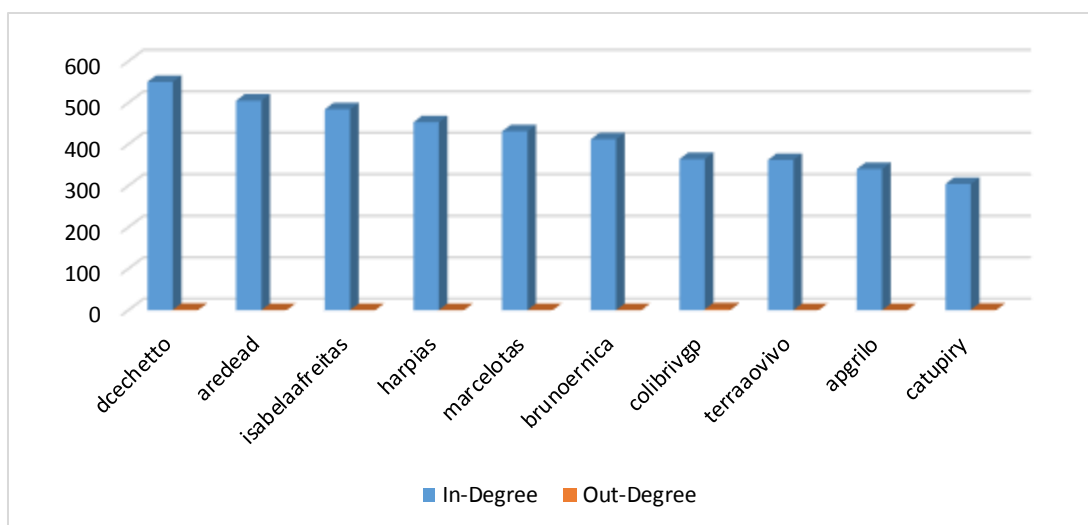
Ao analisar o panorama da rede desta data (Figura 12) nota-se um total de 19.657 nós e 25.856 conexões, demonstrando que em relação ao dia anterior a rede sofre um aumento no número de relações, com inserção de novas narrativas e perfis através do uso da hashtag #ProtestoRJ. Observa-se nesta data que os perfis apresentam uma maior média de grau de entrada, sendo os 10 maiores com valores semelhantes entre si, sem grandes diferenciações.

---

<sup>21</sup> VICE, 2013. Disponível em: [http://www.vice.com/pt\\_br/read/a-tomada-da-alerj](http://www.vice.com/pt_br/read/a-tomada-da-alerj)

<sup>22</sup> Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ao-vivo-as-manifestacoes-em-sp-rj-bh-e-brasilia-em-17-de-junho-9855.html>>. Acesso em 17 de dezembro de 2015.

### Grau de Entrada: dia 17 de junho



**Tabela 2-** 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 17 de junho

O perfil que recebe o maior número de retweets é o de @DCechetto: blogueira e youtuber, que conta na rede com mais de 48.000 seguidores. As mensagens da blogueira mais compartilhadas referem-se à crítica aos “vândalos”, como as que diziam:

**RT @dcechetto:** Vergonha desses babacas fazendo merda na Alerj. Esses aí merecem tomar no cu mesmo. #protestorj

**RT @dcechetto:** Que que eles tão fazendo correndo em volta da fogueira? Culto a satã? #protestorj

**RT @dcechetto:** Pena que o carro não explodiu na cara dos vândalos. #protestorj

A mensagem da blogueira corroborava com o discurso já fortemente utilizado pela mídia, cuja condenação de atos radicais (denominados de ‘vandalismo’) era utilizada para deslegitimar o protesto nas ruas do Brasil, estampando diversas capas de matérias online e jornais tradicionais.<sup>23</sup>

Em seguida, o segundo e o terceiro perfil a receberem o maior número de retweets, do fotógrafo Tom, de nome @aredead, e a escritora e blogueira Isabela Freitas, @IsabelaaFreitas, ganham forte repercussão com apenas um único tweet. O primeiro, do fotógrafo, repercute imagem de uma senhora segurando uma placa que dizia “Vi duas guerras mundiais e a depressão de 29. Vivi a revolução de 32. Sobrevivi durante a

<sup>23</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1357278-protestos-terminam-com-confronto-e-atos-de-vandalismo-no-rio-e-sp.shtml>>. Acesso em 06 jan de 2016.

ditadura. Acreditem. Não é só por R\$0,20. Nair, 101 anos”. O tweet da escritora Isabela Freitas também manifestava apoio aos protestos, parabenizando os envolvidos com publicação de imagem da Avenida Rio Branco tomada por manifestantes.

**RT @aredead:** NAO E SO POR 0,20 CENTAVOS #TodaRevoluçãoComeçaComUmaFaísca #protestorj <http://t.co/Kb7qYOXui4>

**RT @IsabelaaFreitas:** #protestorj UAU! PARABÉNS A TODOS ENVOLVIDOS! <http://t.co/qpIdFILkXQ>

Em quarto lugar aparece o perfil de Camila Harpias, @harpias, webcelebridade, que conta com mais de 100.000 seguidores no Twitter e publica com a hashtag #ProtestoRJ criticando a participação de partidos políticos na manifestação:

**RT @harpias** Até o momento a única violência no #protestorj é o PSTU se aproveitando de um movimento que nao é dele

Em seguida, em quinto lugar, o perfil de @MarcelosTas, aparece novamente nesta data, com o mesmo retweet do dia anterior sendo repercutido por usuários na rede, apoiando a Greve Geral do dia 26 de junho contra a PEC 37.

O sexto perfil com maior grau de entrada, de @BrunoErnica: publicitário e blogueiro, publica também apenas um único tweet e ganha alto número de retweets na rede com a mensagem sobre imagem da fachada de um prédio na manifestação no centro do Rio de Janeiro, cuja foto espelhada ressaltava a manifestação em larga escala com a Avenida Rio Branco sendo tomada por manifestantes.



**Figura 13** - Manifestação no centro do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco.

Nota-se que até então, dentre os 6 perfis de maior repercussão na rede, a questão da violência policial ainda não havia se manifestado fortemente, mas volta a aparecer com o sétimo perfil de maior grau, @ColibriVGP<sup>24</sup>, com mensagem que enfatizava o uso de armas letais na manifestação:

**RT @ColibriVGP:** EITA PORRA! Confirmado pela Record: MUNIÇÃO LETAL sendo usada no #protestoRJ!

Bem como o usuário @ColibriVGP, o oitavo perfil de maior grau, o do canal de notícias @TerraAoVivo, faz cobertura da manifestação que contempla a narrativa da violência nas ruas, como o uso de armas letais pelos policiais militares, agressões a repórteres nas ruas, violência por parte dos manifestantes e lançamento de bombas caseiras. Importante observar que o perfil do @TerraAoVivo atua de modo exclusivo em relação aos veículos de comunicação, realizando streaming dos protestos, em uma narrativa que se assemelha à realizada pelos Ninjas.

**RT @TerraAoVivo: RJ:** manifestante é baleado com munição letal em frente à Assembleia <http://t.co/qvE7e4p99m> #TerraAoVivo #protestorj

**RT @TerraAoVivo:** Manifestantes invadem Assembleia do RJ e ateam fogo na porta do prédio <http://t.co/qvE7e4p99m> #TerraAoVivo #protestorj

**RT @TerraAoVivo:** Manifestantes entram em confronto com PMs na Assembleia Legislativa do RJ <http://t.co/qvE7e4p99m> #TerraAoVivo #protestorj

**RT @TerraAoVivo:** Jovem socorrido em frente à Alerj garante ter sido baleado <http://t.co/TA9s04Hv3Y> #TerraAoVivo #protestorj

**RT @TerraAoVivo:** RJ Multidão arremessa bombas caseiras no prédio da Assembleia Legislativa <http://t.co/qvE7e4p99m> #TerraAoVivo #protestorj

**RT @TerraAoVivo:** Repórter do Terra é agredido e assaltado no RJ <http://t.co/qvE7e4p99m> #TerraAoVivo #protestorj

**RT @TerraAoVivo:** Cercados por manifestantes, PMs negociam saída da Alerj <http://t.co/qvE7e4p99m> #TerraAoVivo #protestorj

Na contramão das mensagens mais compartilhadas do dia, o perfil @ApGrilo publica imagem humorística sobre os protestos, que dizia “Mãe, tô bem!”, retuitada 747 vezes no Twitter. Por fim, o perfil @Catupiry, coloca novamente em questão as principais discussões circunscritas ao protesto, os atos de vandalismo condenado pela mídia, a violência policial e a intensa participação popular, com os tweets que diziam:

<sup>24</sup> Conta inexistente no Twitter na data consultada. Acesso em 06 jan de 2016.

**RT @catupiry:** Bombeiros do Rio aderiram ao protesto. 2 mil pessoas já se encontram na Cinelândia #protestorj

**RT @catupiry:** PM diz que é impossível dizer quantas pessoas estão na manifestação do Rio... pq EH GENTE PRA CARALHO #protestorj

**RT @catupiry:** Nesses bandidos q tão depredando tudo no Rio pode meter bala de borracha mesmo. O pessoal pacífico ta longe dali. #protestorj

Nota-se, portanto, que o dia 17, a partir dos perfis de maior grau de entrada, apresenta uma narrativa ainda muito contida sobre a violência enfrentada pelos manifestantes nas ruas e com forte indicação para a condenação de atos de vandalismo e de ações dos manifestantes, sobretudo realizada por perfis com alto grau de popularidade. Há também mensagens fortes de apoio de ciberativistas, “ativistas de sofá”, que da rede acompanham imagens e coberturas ao vivo, compartilhando e incentivando os manifestantes nas ruas a continuarem em suas lutas.

## Modularidade

Em relação às comunidades formadas nesta data nota-se um forte aumento, alcançando no dia 17 de junho mais do que o dobro de clusterizações se comparado ao dia anterior, saindo de 368 para 832 comunidades (Figura 14). No que se refere à formação das maiores comunidades do dia observa-se um aumento também significativo, sendo a maior delas formada por 1496 nós e 1857 arestas, seguidas pela segunda maior, com 657 nós e 702 arestas, a terceira com 634 nós e 798 arestas, a quarta com 632 nós e 742 arestas e, por fim, a quinta com 550 nós e 560 arestas.

Deve-se ressaltar, entretanto, que as maiores comunidades, mais fortemente conectadas, não são formadas por perfis que recebem um alto número de retweets – e por isso têm destaque de tamanho de nós e rótulos no grafo – mas sim por perfis com menor grau de entrada e maior grau de saída, que constroem em suas clusterizações relações de troca de retweets e de informações.

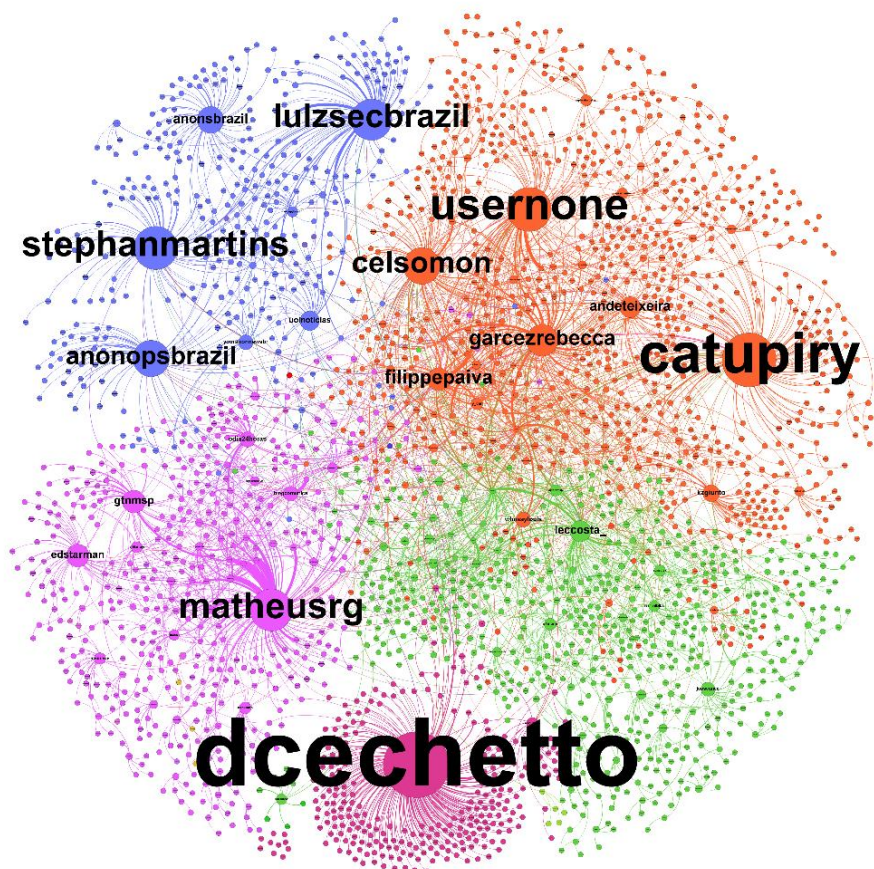
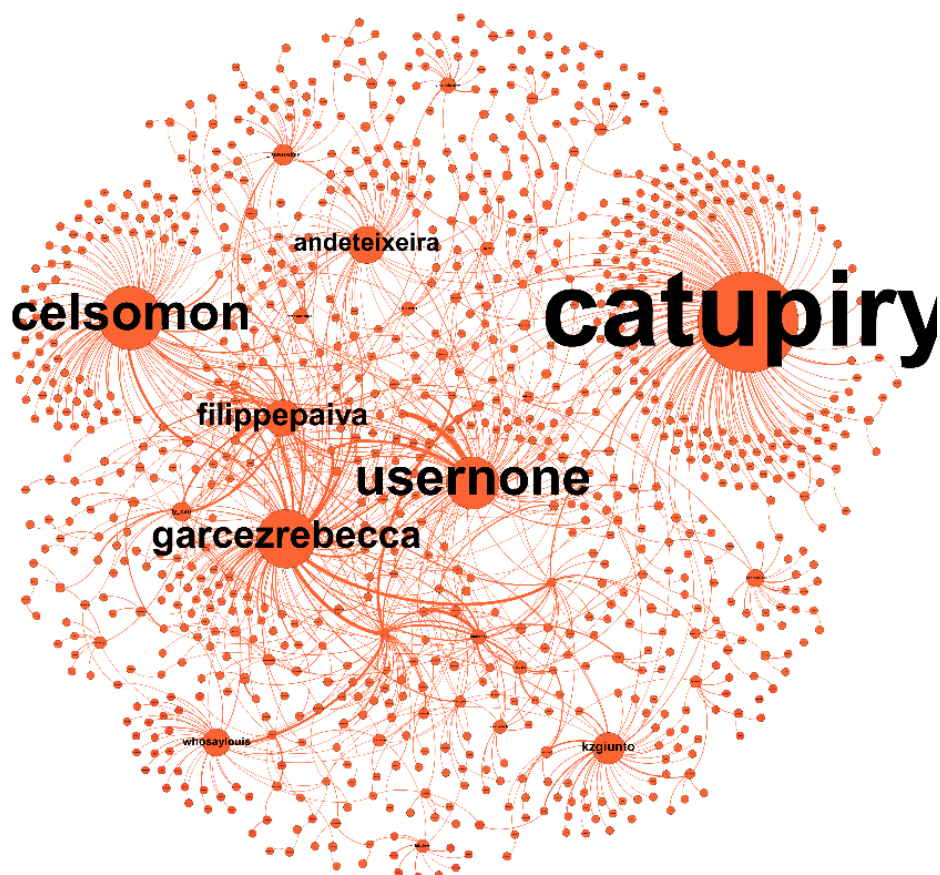


Figura 14 - Cinco maiores comunidades do dia 17 de junho

Dentre as cinco maiores comunidades da rede do dia 17 de junho observa-se o aumento de agrupamentos que possuem forte conexão e trocas entre si, sendo apenas o perfil @Dcechetto – que encontra-se entre a quinta maior comunidade – de característica semelhante aos perfis de maior grau de entrada do dia anterior, formada por uma rede de seguidores ao seu redor que compartilham as mensagens publicadas pelo perfil. Assim, quatro das cinco grandes clusterizações desta data possuem como particularidades a forte conexão entre seus membros e o grau de entrada semelhante entre si, e uma intensa troca de fluxos conversacionais.





**Figura 15** - Maior comunidade da rede do dia 17 de junho

Os principais tweets da maior comunidade (Figura 15, em laranja) narram os acontecimentos diretamente das ruas, com o perfil @Catupiry criticando a ação de “vândalos” e “baderneiros” que estariam depredando as ruas do Rio de Janeiro e que por isso mereciam a resposta truculenta da Polícia Militar. Por outro lado, há também o discurso apenas de repasse das informações, como os realizados pelo perfil @UserNone, que divulga sobre pontos de ações nas ruas, locais em que era possível ter algum tipo de segurança, notícias sobre sinal de 3g, lançamento de bombas, dentre outras informações. Outro importante canal de informações é realizado pelo usuário @CelsoMon, que divulga sobre abertura da UFRJ para acolhimento dos manifestantes e pedido para que os cidadãos ao redor do protesto liberassem Wi-Fi, além de mensagens divulgando locais em que a Polícia Militar não poderia entrar, sendo local de refúgio para os manifestantes.

**RT @CELSOMON:** É IMPORTANTE TENTAREM TIRAR FOTOS DOS POLICIAIS CONFISCANDO CAMERAS DA GALERA. #PROTESTOSP #PROTESTORJ #PROTESTODF #PROTESTOBH

**RT @CELSOMON:** INFILTRADOS QUE ESTÃO COLOCANDO FOGO #PROTESTORJ

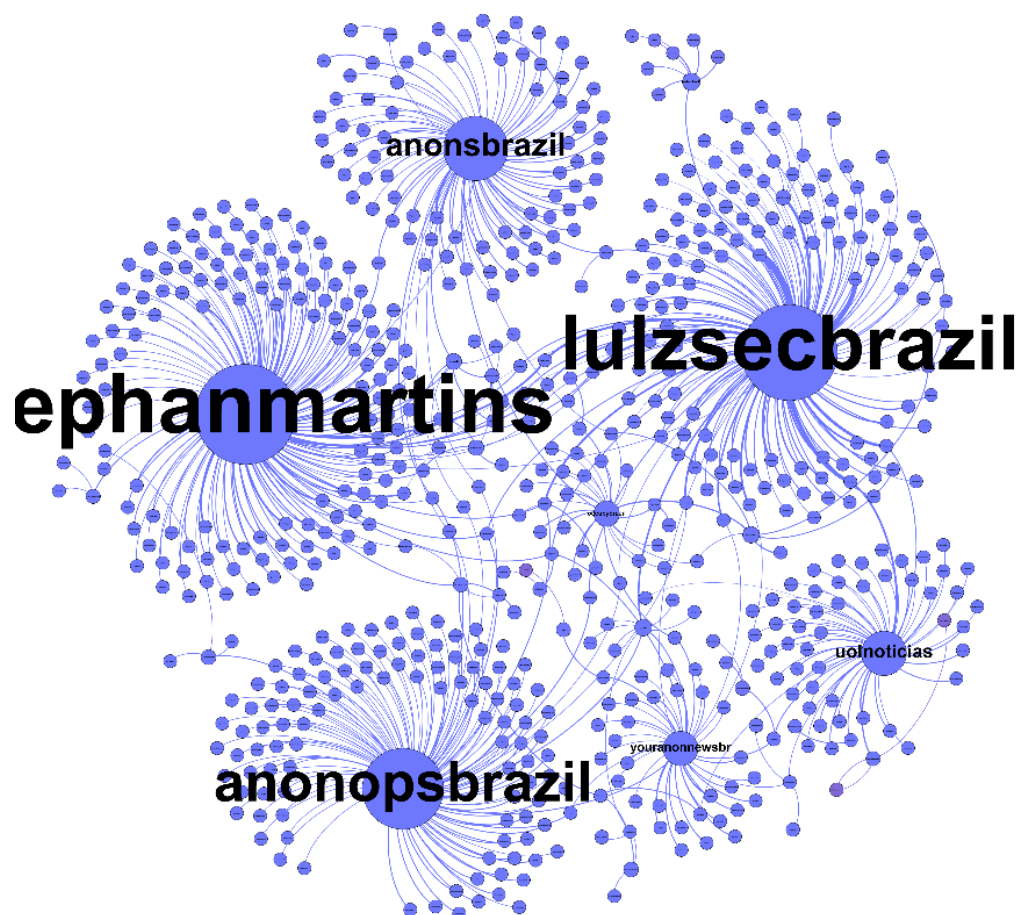
**RT @CELSOMON:** UFRJ ESTÁ ABERTA A QUALQUER UM COM O ROSTO DESCOBERTO ATÉ AS 22H E A PM NÃO PODE ENTRAR LÁ. #PROTESTORJ

**RT @usernone:** #protestorj de acordo com a cbn há um bloqueio do choque nos entornos do cccb (local onde estaria o apoio medico aos manifestantes)

**RT @usernone:** "Pra que gás lacrimogênio se eu já tenho motivos pra chorar?" diz um dos cartazes #protestorj #protestobh #protestosp

**RT @catupiry:** PM diz que é impossível dizer quantas pessoas estão na manifestação do Rio... pq EH GENTE PRA CARALHO #protestorj

**RT @catupiry:** Nesses bandidos q tão depredando tudo no Rio pode meter bala de borracha mesmo. O pessoal pacífico ta longe dali. #protestorj



**Figura 16** - Segunda maior comunidade da rede do dia 17 de junho

A segunda maior comunidade (Figura 16) é formada sobretudo por perfis ciberativistas (em azul) que publicam mensagens sobre a ação online de derrubada de



sites oficiais de governo – na tentativa de tirar do ar o site da Copa do Mundo no Brasil de 2014 – bem como de invasão de contas oficiais do governo, como o Instagram da presidenta Dilma Rousseff que teria sido hackeado, e de movimentações de Anonymus e hackers na rede, como o acesso ao Wikipedia para inserção de informações sobre o #ProtestoRJ. Além disso também são publicados por estes perfis informações sobre uso de munição letal durante os protestos e a forte crítica à violência policial.

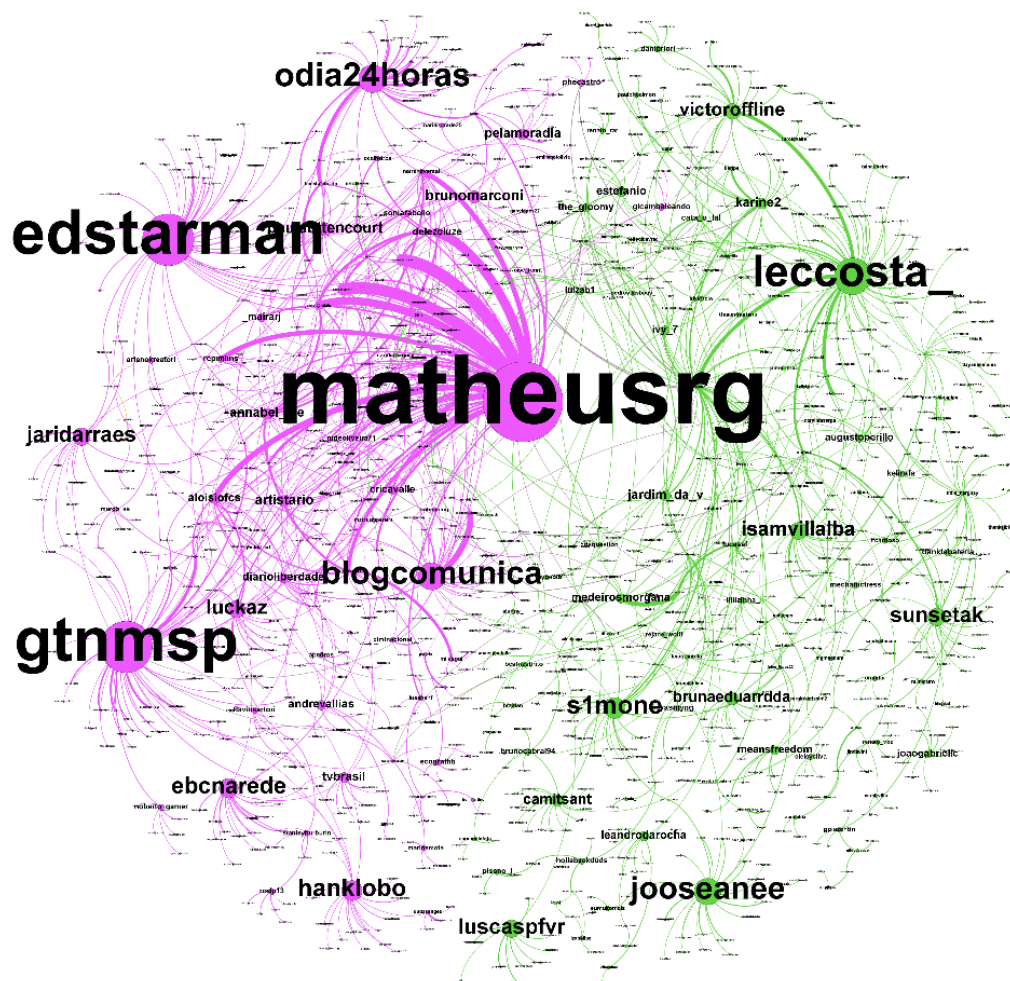


Figura 17 - Terceira e quarta maior comunidade do dia 17 de junho

Por fim, a terceira e quarta maior comunidade (Figura 17), que apresenta a grande conectividade de seus nós como característica em comum, ressalta os aspectos territorializantes da manifestação, como por exemplo mensagens que alertavam para armadilhas e encurralamentos da Polícia Militar em direção aos manifestantes, também mensagens que retratavam a violência contra os cidadãos nas ruas, que teriam sido

atingidos com bombas e balas de borracha, e ainda publicações sobre a situação de ruas e avenidas, bem como de número estimado de pessoas nos locais de protesto. É forte nessas comunidades mensagens de conteúdo de alerta, em uma rede de mobilização formada por perfis que da rua, quando conseguiam obter sinal de telefonia 3G, compartilhavam informações sobre o andamento dos protestos, assim como uma rede que de suas casas buscavam informações anexadas pelo uso da hashtag #ProtestoRJ e retuitavam em sua timeline as que fossem de maior repercussão e importância, garantindo a colaboração e reverberação das principais mensagens dos protestos.

Nota-se, portanto, o fluxo de atenção nestas comunidades perpassando por aspectos mais afetivos e emocionais de discurso, com mensagens agora conectadas diretamente às ruas. Aqui, o enunciado propaga-se, conectando-se a outros usuários na comunidade e instigando ainda mais o compartilhamento e repercussão das ações nas ruas do Rio de Janeiro. A temática vandalismo é colocada em discussão bem como a violência policial, que aparece de forma mais forte entre as trocas de mensagens nas comunidades do dia 17 de junho. Além disso, há a forte carga emocional ligada a solidariedade e apoio, de usuários aos manifestantes que encontravam-se nas ruas.



O principal ponto de ligação entre os manifestantes continuou sendo o protesto contra a elevação da tarifa dos transportes. Os repórteres do Estado verificaram, porém, que aumentou o número de grupos de insatisfeitos que aderiram às manifestações, com novas demandas. A rejeição da violência policial foi uma das principais tônicas. Os gastos do governo federal para promover a Copa do Mundo também estiveram entre os alvos. (...) O grito de guerra pela redução da tarifa de ônibus, metrô e trem – que era originalmente a pauta central – marcou presença, mas o coro foi engrossado por outras demandas como mais educação, fim da violência policial e contra todos os partidos políticos. (JUDENSNAIDER ET AL, 2013, p.174)

Observa-se neste dia uma forte discussão nos veículos de comunicação sobre os acontecimentos do dia anterior, ressaltando a violência policial e também dos manifestantes. São reprisadas diversas vezes imagens de policiais sendo feridos por manifestantes e vice-versa, além de cenas sobre depredação do patrimônio público<sup>25</sup>. Sobre isso, o G1 publica matéria intitulada “Estudantes chegam ao Centro do Rio para remover marcas de protesto”<sup>26</sup>, buscando separar os manifestantes (aqueles que teriam protestado de forma pacífica e que agora iriam limpar os vestígios de destruição) do “vandalismo”, no final do protesto nas imediações da Alerj.

Nas redes é divulgado pelo Anonymous Brasil, movimento que luta pela moralização da política, o vídeo denominado “As 5 causas” que seriam: 1- Não à PEC 37, que tem como objetivo limiar a ação do Ministério Público nas investigações policiais; 2- Saída de Renan Calheiros da presidência do Congresso Nacional; 3- Punição e Investigação das obras das Copa das Confederações de 2014 pela Polícia Federal e Ministério Público Federal; 4- Criação de uma lei que torne corrupção crime hediondo e 5- Fim do foro privilegiado para políticos. O vídeo com as demandas rapidamente é viralizado, atingindo a marca de 1 milhão e 750 mil visualizações.

Ainda nesta terça-feira, dia 18 de junho, acontecia em São Gonçalo manifestação reunindo 10 mil pessoas, que acabou gerando o fechamento de comércio da região, pelo medo dos moradores e comerciantes dos protestos acabarem com depredações. Na ocasião, os manifestantes ocuparam desde a Praça do Zé Garoto, na região, até a prefeitura da cidade. A reivindicação principal era a cobrança de promessa realizada pelo prefeito

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/2640971/>>. Acesso em 18 de dezembro de 2015

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/estudantes-chegam-ao-centro-do-rio-para-remover-marcas-de-protesto.html>>. Acesso em 18 de dezembro de 2015.



Neilton Mulim, do PR, que garantiu o preço da passagem de ônibus a R\$1,50 durante sua campanha eleitoral, sendo a tarifa na cidade equivalente a R\$2,80.

Em relação à análise da rede nota-se que a topologia apresenta uma estrutura bem mais reduzida, se comparada ao dia anterior (Figura 18). No total são contabilizados 3.411 nós e 3.117 arestas, valor bem inferior ao dia de 17 de junho, que somou 25.856 conexões.

### Grau de Entrada: dia 18 de junho

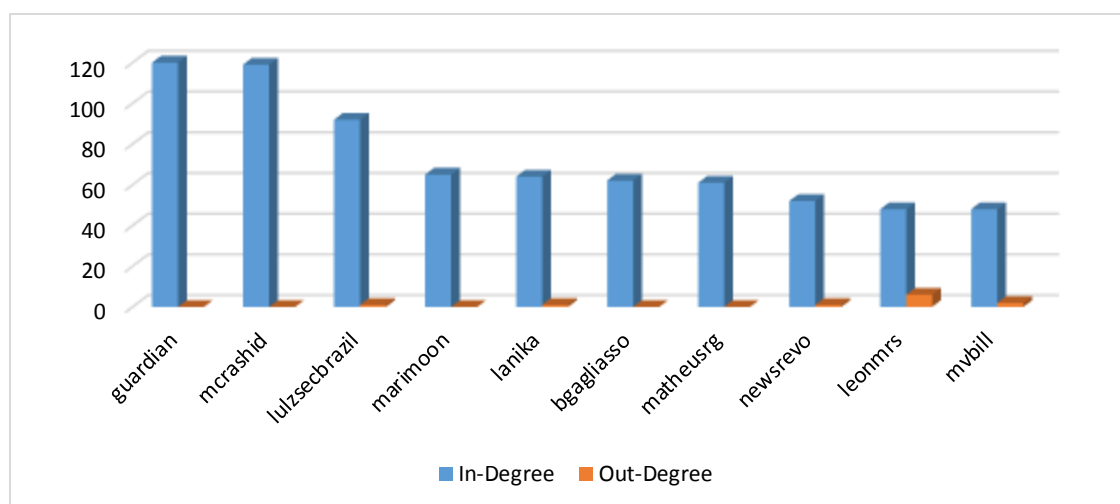


Tabela 3- 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 18 de junho

Pela primeira vez ao longo dos dias de intenso protesto no Rio de Janeiro um canal de mídia oficial ocupa o primeiro lugar com o maior grau de entrada da rede, com a conta @Guardian, do jornal britânico The Guardian, que publica no Twitter mensagem pedindo que cidadãos compartilhem suas histórias, imagens e vídeos com o veículo. Com apenas um único tweet, neste dia em que a rede apresentou pouca movimentação, o perfil @Guardian tem seu tweet compartilhado 313 vezes. Em seguida, o segundo lugar, ocupado pelo perfil @Mcrashid: músico e rapper, também com um único tweet repercutindo sobre a violência no #ProtestoRJ ganha repercussão na rede:

**RT @guardian:** #Brazil protests - share your stories, images & video via @GuardianWitness <http://t.co/Y8QV9TFuhO> #ProtestoRJ #ProtestoSP

**RT @MCRashid:** E tem gente que diz q eles tão só fazendo o trabalho deles. RT @mvbill #Protestorj <http://t.co/HqkkST3Ovx>

Em terceiro lugar, @LulzSecBrasil: perfil formado por hackers ciberativistas, publica na rede informações territoriais, linkando os acontecimentos do Rio de Janeiro com outras capitais brasileiras, através do uso de hashtags como #ProtestoSP e

#ProtestoBH. Além disso, o perfil lança fortes críticas aos policiais que teriam se infiltrado nas manifestações com intuito de criminalizá-la.

**RT @LulzSecBrazil:** #ProtestoRJ #ProtestoSP #ProtestoBH Parte desses baderneiros são pessoas infiltradas no movimento para criminalizar!

**RT @LulzSecBrazil:** #protestoRJ #protestoSP #protestoBH policiais infiltrados armando a baderna de ontem? <http://t.co/99gyK13fuB>

**RT @LulzSecBrazil:** #protestobh #protestorj #protestosp Existem milhares de partidários infiltrando nas manifestações cuidado com as pessoa

**RT @LulzSecBrazil:** #protestosp #PROTESTOBH #ProtestoRJ Paz e sem insulações a policia! Lute pelos nossos direitos sem guerra!

Em quarto lugar, como perfil de maior grau de entrada, encontra-se @MariMoon: VJ da MTV e youtuber, que com um tweet, buscando incentivar e motivar os protestos nas ruas com pedido de usos de hashtags, ganha a atenção da sua rede de seguidores e outros usuários do Twitter:

**RT @MariMoon:** Usem essas hashtags pra falar do protesto: #ProtestoSP #ProtestoRJ #ProtestoMG #VemPraRua #MudaBrasil #ProtestoBR

Com o quinto e sexto lugar, ocupado por @Lanika: perfil de uma designer e ilustradora, e @Bgagliasso: ator global, observa-se características semelhantes, uma vez que ambos publicaram mensagens motivacionais e mobilizadoras sobre os protestos. A usuária @Lanika, com um único tweet, republicado de outro usuário, compartilha imagem viral das ruas do Rio de Janeiro totalmente tomadas por cidadãos em noite de protesto. Já @Bgagliasso lança mão de mensagens nacionalistas, citando trechos do hino nacional e utilizando hashtags mobilizadoras convocando a população para as ruas:

**RT @lanika:** "@RioGringa: Goosebump-inducing image of #Rio protest and Teatro Municipal <http://t.co/O1esnwTJOV> #protestorj" cc @doctorow

**RT @bgagliasso:** Um filho teu nao foge a luta! #vempraru #protestoRJ <http://t.co/ghfi0beSx8>

**RT @bgagliasso:** Cada um fazendo a sua parte. Vc ja fez a sua? #vempraru #protestorj #avantebrasil <http://t.co/McOOGZ12Nj>

**RT @bgagliasso:** Amigos juntos com um único foco: O FUTURO DO BRASIL! #avantebrasil #vempraru #protestorj <http://t.co/po7YPxa7b7>

O sétimo perfil com maior grau de entrada, @MatheuSRG, perfil sem grande número de seguidores, realiza diversos tweets sobre a situação de manifestantes detidos durante a manifestação, assim como de relatos de abuso do poder policial, os tweets são republicados durante a madrugada. O mesmo teor das mensagens é encontrado com o

perfil @LeonMRS, que apresentou o nono maior grau de entrada na rede, publicando informação diretamente das ruas de cidadãos que foram encurralados e feridos pela Polícia Militar:

RT @matheusrg: um policial recebeu voz de prisão aqui na delegacia por abuso de autoridade. Faltam outros... #protestorj
RT @matheusrg: A policia acabou de trazer mais 11 detidos para a delegacia. Estão caçando gente nas ruas. #protestorj
RT @matheusrg: O choque está rondando a região para prender mais pessoas. Estou a caminho da 5a DP agora. #protestorj
RT @matheusrg: Está chegando aki agora um trabalhador q estava saindo do serviço e foi agredido por PMs e guardas municipais. #protestorj
RT @LeonMRS: @marcogomes tem gente presa na 5ª DP do RJ. Provavelmente precisam de advogados, ESPALHA AI! #protestorj

O perfil que ocupa o oitavo lugar de maior grau de entrada, @NewsRevo: canal internacional que divulga informações de acontecimentos em todo o mundo, publica mensagens em inglês anexadas com imagens sobre os protestos no Rio de Janeiro, bem como fotos que retratavam a violência polícia e outros tweets que manifestavam apoio aos cidadãos das capitais brasileiras que tomaram as ruas em prol de seus direitos. Por fim, em décimo lugar, encontra-se novamente @Mvbill, rapper e músico, que tem seu tweet do dia anterior mais uma vez sendo compartilhado pelos usuários no Twitter.

## Modularidade

Em relação à formação de comunidades a rede apresenta valor alto se comparado a seu número de nós, com 437 comunidades (Figura 19), sendo a maior delas formada por 160 nós e 164 conexões, o que significa que a mesma é formada por um perfil bolha, ou seja, que recebe todos os retweets de membros da sua comunidade, mas não realiza nenhum. A mesma característica é encontrada na segunda maior clusterização, com 132 nós e 146 arestas, demonstrando a forte característica de rede-ego presente na rede, ou seja, de perfis com alta popularidade e altamente retuitados, mas que não geram conversação na rede, apenas republicação. Já a terceira comunidade apresenta 116 nós e 122 arestas, a quarta 115 nós e 114 arestas e a quinta 92 nós e 91 arestas, significando que os perfis compartilham uma única aresta, em um único tweet, realizado pelo perfil mais retuitado.

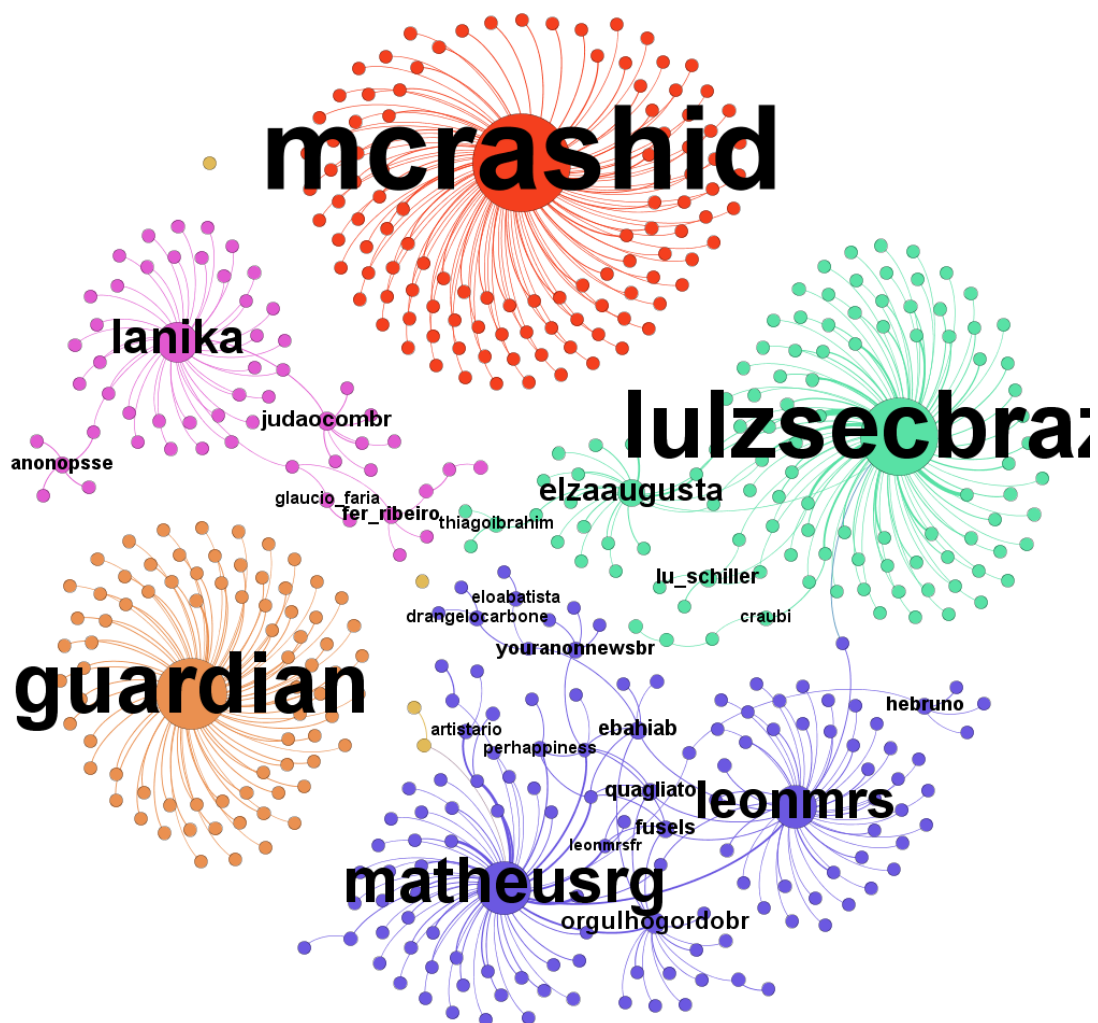


Figura 19 - Cinco maiores comunidades do dia 18 de junho

No dia 18 de junho as maiores comunidades diferem-se do aspecto particular encontrado nos dias anteriores, ou seja, a propriedade de falarem na direção muitos-muitos. Aqui, assim como as propriedades de perfis com maior popularidade, as mensagens têm como direcionalidade um único perfil, cada qual formando ao redor de si sua própria clusterização.



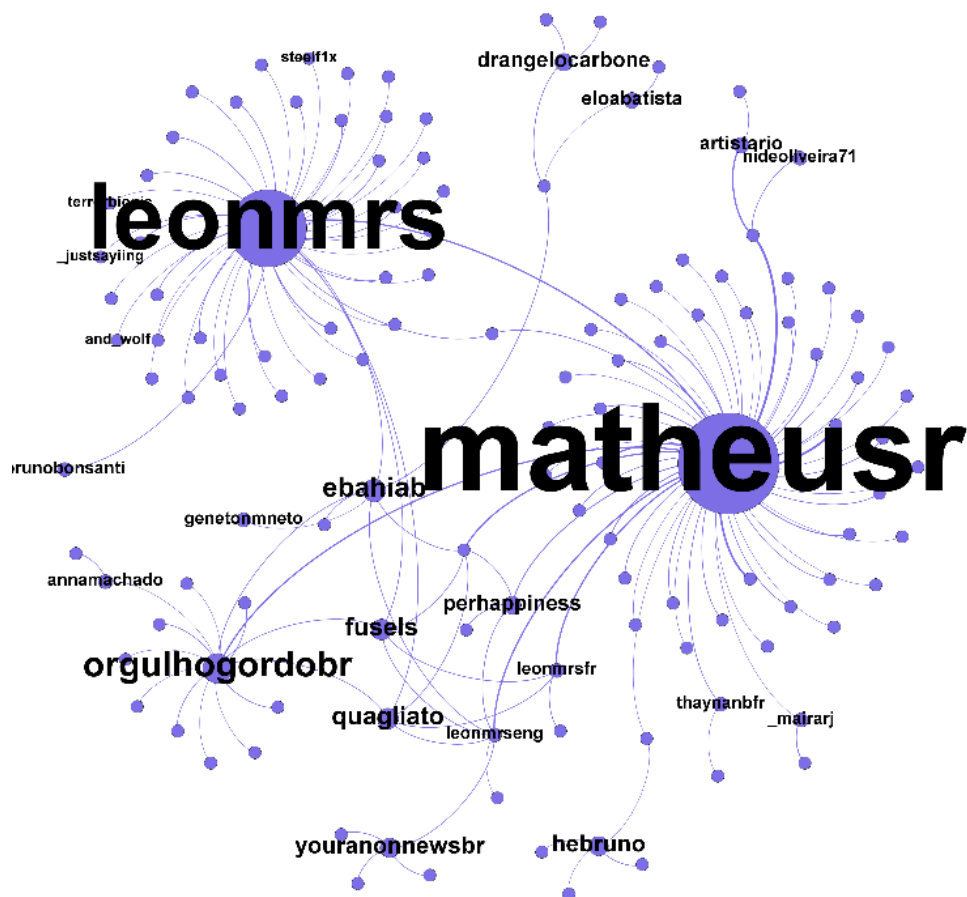


Figura 20 - Maior comunidade do dia 18 de junho

A micronarrativa mais forte presente nesta data pertence a maior comunidade (Figura 20), onde encontra-se a conversação entre o perfil @MatheusSRG e sua comunidade, que também está conectada aos usuários da clusterização dominada pelo perfil @LeonMRS. Entre eles há forte troca de mensagens sobre manifestantes detidos, ação do Batalhão de Choque da Polícia Militar, necessidade de advogados para os cidadãos detidos nas ruas e a localização das delegacias nas quais os manifestantes se encontravam.

Em seguida, do segundo ao quinto lugar dentre as maiores comunidades, encontra-se os perfis que aglomeram ao redor de si uma rede de seguidores, que apenas compartilham suas mensagens, sem gerar maiores transformações, sem que ela chegue em outros pontos da rede, proporcionando assim a sua repercussão e divulgação. Logo, a segunda maior comunidade, ocupada pelo perfil @MCRashid, é criada pela republicação de um único tweet, que dizia “E tem gente que diz q eles tão fazendo o trabalho deles. RT @mvbill #Protestorj <http://t.co/HqkkST3Ovx>”, cujo link não encontra-se mais

disponível pra acesso. Em seguida, no terceiro lugar, com @Guardian, uma só mensagem também é realizada e fortemente compartilhada, que afirmava: “#Brazil protests - share your stories, images & video via @GuardianWitness <http://t.co/Y8QV9TFuHO> #ProtestoRJ #ProtestoSP”, em uma tentativa de mobilização da rede para criar uma espécie de jornalismo participativo com os usuários do Twitter.



Figura 21 - Quarta maior comunidade da rede do dia 18 de junho

Na quarta maior comunidade (Figura 21), com destaque para o perfil hacker @LulzSecBrasil, há uma mescla entre perfis que apenas compartilham o ativista e aqueles que entre si interagem sobre informações compartilhadas. Grande parte das mensagens retuitadas falavam sobre a criminalização do movimento, com a suposta entrada de membros nas manifestações com o intuito de gerar “bandeira” e “vandalismo”. Alguns perfis compartilharam a mensagem realizada pelo hacker e levantaram discussões, como o perfil @ElzaAugusta, que trouxe o questionamento de que havia nos protestos policiais militares infiltrados, que fazem parte do Serviço de Inteligência da Polícia Militar, conhecido como P2. O perfil também realiza mensagens de apoio, afirmando para que os manifestantes não desviassem do foco por conta desses movimentos de enfraquecimento dos protestos.

Por fim, na quinta maior clusterização (Figura 22), com o perfil @Lanika em maior grau, há compartilhamento de imagem sobre o protesto pela usuária e sua rede de seguidores também o republicam, levantando também algumas discussões, como o relato de manifestantes que esteve em protesto na Alerj e mensagens que condenavam a ação policial em uma manifestação pacífica com forte adesão popular, como o uso de munição letal.

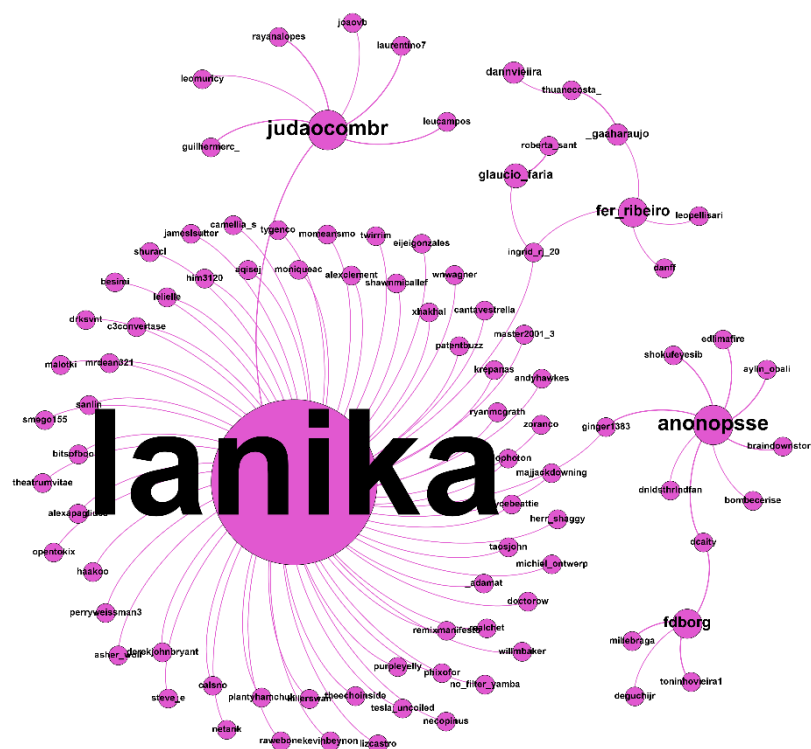


Figura 22 - Quinta maior comunidade no dia 18 de junho

No geral, portanto, esse dia apresenta de um lado uma rede com forte crítica aos atos de vandalismo cometidos na manifestação, assim como a discussão calorosa sobre a violência policial, que é temática recorrente em todo o dataset. De outro, há uma rede de mobilização, com mensagens publicadas também sobre violência e ações nas ruas, mas no sentido de auxiliar aqueles que se encontravam em difíceis situações aos participarem dos protestos, como ao serem detidos, encurralados em ruas e avenidas, além de agressões e abusos policiais.



Na rede observa-se uma forte reflexão sobre os acontecimentos dos dias anteriores, como discussões sobre as pautas, violência durante os protestos, reação dos policiais e manifestantes, além de discussão sobre os próximos passos após a revogação do aumento.

Em Niterói é registrada manifestação com milhares de pessoas, que fecharam a ponte Rio-Niterói, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Na ocasião, manifestantes furaram o cerco policial e ocuparam a via em forma de protesto contra o aumento das tarifas de transporte, e dos recursos aplicados na Copa e Olimpíadas, além de pedido de melhorias nas condições da vida da população, sobretudo relacionado à saúde e à educação. Na tarde do dia 19 de junho a prefeitura de Niterói também anunciou a redução do transporte coletivo, voltando a custar R\$2,75, que havia subido no dia 3 de junho para R\$ 2,95. Durante o protesto houve confronto da polícia com manifestantes, que lançaram bombas de gás lacrimogênio e de efeito moral. Vidros de algumas agências bancárias foram quebrados com pedras e ônibus depredados, além de tentativa de incendiar o veículo.<sup>27</sup>

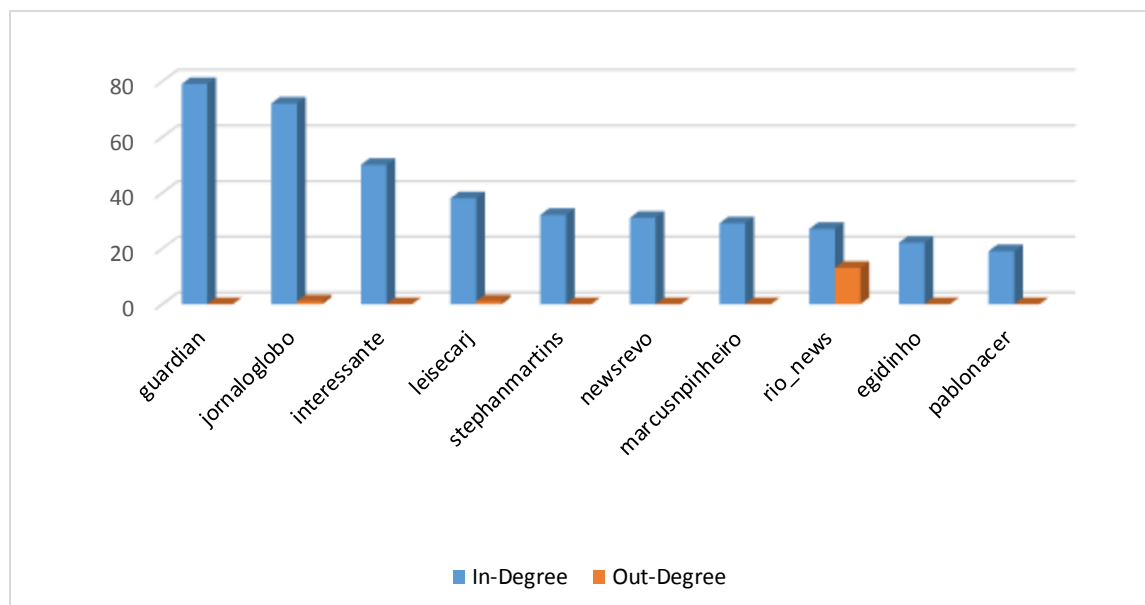
No geral, a rede do #ProtestoRJ no dia 19 de junho (Figura 23) apresenta um fluxo de informações bem menor, se comparado aos dias anteriores, contabilizando apenas 1544 nós e 1380 conexões, demonstrando que há uma forte presença de perfis que se ligam a apenas um único usuário, através de uma única conexão, realizada pela republicação de um mesmo tweet por diferentes usuários. Dessa forma, como característica central a rede apresenta pequenas comunidades que possuem pouca conectividade entre si, configurando-se como redes bolha, aglomeradas ao redor de um mesmo nó.

---

<sup>27</sup> Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/transito/rj-niteroi-suspende-aumento-da-passagem-protesto-fecha-ponte.a4e530b5c455f310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> >. Acesso em 19 de dezembro de 2015.



### Grau de entrada: dia 19 de junho



**Tabela 4-** 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada no dia 19 de junho

O dia 19 de junho é marcado na rede pela presença mais forte de veículos de comunicação, em uma busca de recuperação no domínio da narrativa dos protestos, até então dominada pelas mensagens realizadas pelos próprios manifestantes nas ruas, que eram compartilhadas como forma de apoio pelos usuários na rede. Dessa forma, como no dia anterior, o perfil de maior grau de entrada, @Guardian: jornal britânico, publica tweet divulgando imagens dos protestos pelo Brasil:

**RT @guardian:** #Brazil protests continue - more pictures <http://t.co/UBfBLUGEJP>  
#ProtestosBr #ProtestoRJ #ProtestoSP

O segundo lugar como perfil mais retuitado também é ocupado por um veículo tradicional de comunicação, o @JornalOGlobo: jornal tradicional com sede no Rio de Janeiro, e que publica apenas um tweet buscando informações sobre uma possível fonte para a matéria, que seria de uma mulher atingida por spray de pimenta durante manifestação no Centro da cidade.

**RT @JornalOGlobo:** RT @oglobo\_rio Conhece a mulher desta foto? Queremos entrevista la. <http://t.co/PbeKgvjAN2> #protestorj

Em seguida, divulgando informações sobre a redução das tarifas no Estado do Rio de Janeiro, o perfil @Interessante: portal online de notícias, divulga apenas um tweet com informação sobre a decisão do prefeito Eduardo Paes em alterar a tarifa para R\$2,75.

Saindo do radar das mídias tradicionais e portais de notícias, o quarto e quinto perfil de maior grau de entrada destacam informações sobre o andamento dos protestos na rua. O canal @LeiSecaRJ: perfil que divulga informações sobre o trânsito na cidade, que ocupa o quarto lugar, publica tweet com informações sobre concentração para manifestação em Niterói e como o trânsito estaria pela região. Em quinto lugar como maior grau de entrada, o perfil @StephanMartins: gamer e usuário ativo no Twitter, publica criticando atos de vandalismo pela cidade, assim como a divulgação de imagens e informações sobre o andamento das manifestações. Seguem os tweets:

<b>RT @LeiSecaRJ:</b> Pessoal de Niterói, o horário do #ProtestoRJ #Niteroi será às 17h, concentração nas Barcas, evitem vandalismo!
<b>RT @stephanmartins:</b> Viu? Em menos de 5 minutos 20 PMs dispersaram caralhada de vândalos. QUe houve na ALERJ ontem? #protestoSP #protestoRJ
<b>RT @stephanmartins:</b> Capa sensacional do NYTimes com imagem do #protestoRJ do dia 17/06... <a href="http://t.co/aWqn8auOQi">http://t.co/aWqn8auOQi</a>
<b>RT @stephanmartins:</b> Importante: a MANIFESTAÇÃO está de boa e é acompanhada por uma viatura #protestoRJ
<b>RT @stephanmartins:</b> Ponto Facultativo e Feriado Escolar amanhã no Rio de Janeiro #protestoRJ

O protesto em Niterói também ganha repercussão em canal do exterior, o @NewsRevo: perfil ativista que divulga informações sobre acontecimentos e protestos em todo o mundo. Neste perfil é realizado tweets com imagens do protesto, links para transmissão ao vivo e informações atualizadas sobre o andamento dos protestos.

<b>RT @NewsRevo:</b> #BREAKING: Brazil cities Sao Paulo, Rio roll back transport fare hikes: official via @AFP #passelivre #protestosp #protestorj...
<b>RT @NewsRevo:</b> WoW Massive Protest in Niterói #Brazil tonight. <a href="http://t.co/2qy504ZINd">http://t.co/2qy504ZINd</a> #changebrazil #passelivre #protestosp #protestorj
<b>RT @NewsRevo:</b> LIVE from protest in #BRAZIL <a href="http://t.co/urgySYhmAo">http://t.co/urgySYhmAo</a> #changebrazil #passelivre #protestosp #protestorj #protestoce
<b>RT @NewsRevo:</b> NITERÓI Bridge Brazil, now. #PasseLivre #changebrazil <a href="http://t.co/gB6Bbf7ouR">http://t.co/gB6Bbf7ouR</a> @behappylovato #protestoce #protestorj

Em sétimo lugar, o perfil @Marcuspinheiro divulga retweet do canal @Bandnewsfmrio e é altamente republicado, com informação de que a ponte Niterói seria

fechada pelos manifestantes. Em seguida, o canal @Rio\_News: perfil que divulga informações sobre o Rio de Janeiro e de acontecimentos pelo Brasil e do mundo, publica mensagens sobre a organização nas ruas com a iminência do protesto, divulgando o movimento da Polícia Militar e segurança ao redor das manifestações.

**RT @Rio\_News:** RT @jessicasalt Clima mega tenso em Niterói. A ponte tá fechada e tá tendo confronto!! #protestorj

**RT @Rio\_News:** RT @birdmad As câmeras da CCR da ponte Rio-Niterói estão offline #protestorj #niteroi

**RT @Rio\_News:** RT @Angelo\_\_Bruno EDUARDO PAES VAI BAIXAR A TARIFA DO ÔNIBUS, MAS QUEM DISSE QUE O PROTESTO VAI PARAR? #ProtestoRJ #NãoÉSó20Centavos

**RT @Rio\_News:** BPCoque e manifestantes entram em confronto em Niterói #ProtestoRJ

Por fim, os perfis @Egidinho: publicitário e profissional de marketing, e @PabloNacer: jornalista e escritor, publicam apoiando as ações nas ruas e sobre o levantamento de bandeiras durante as manifestações, sobretudo relacionada à saúde, ressaltando a necessidade de melhorias nas condições dos hospitais públicos da cidade:

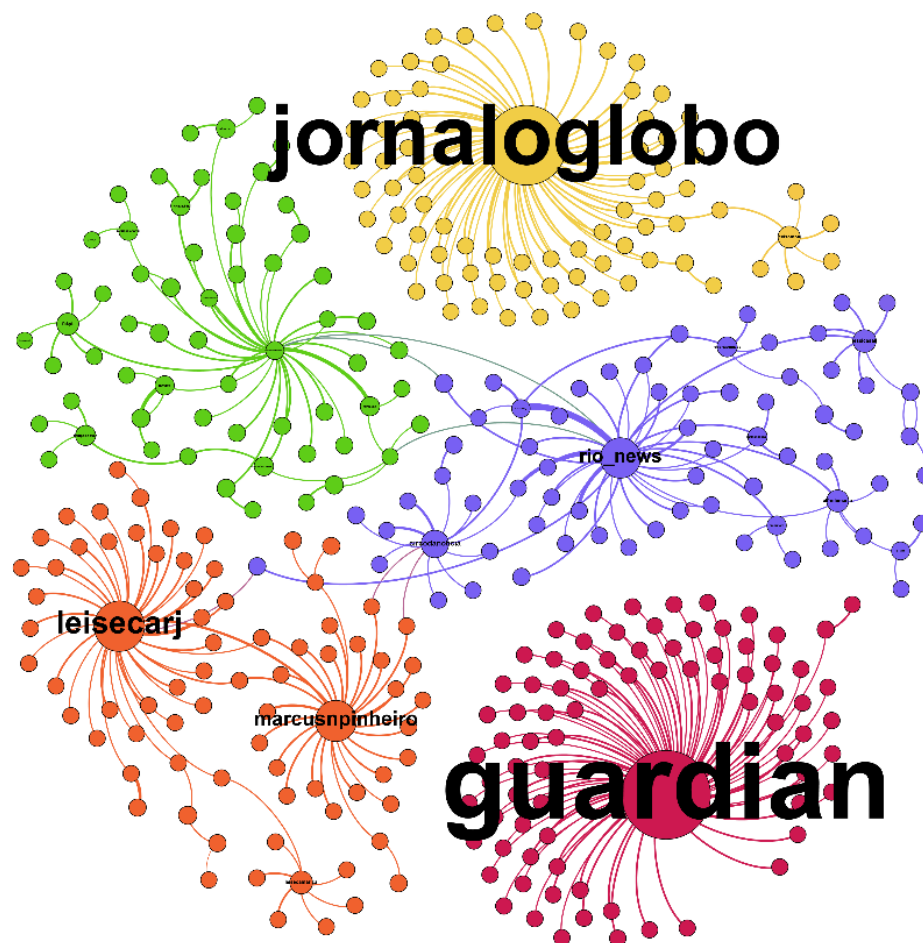
**RT @Egidinho:** #ProtestoRJ Amanhã os Mulekes da @conecrewdir nas ruas representando o #OGiganteAcordou na cidade do Rio de Janeiro vai ser lindo

**RT @pablonacer:** Sportv ao vivo em Fortaleza e ao fundo cartaz "Hospitais padrão FIFA". #protestoce #protestosp #protestorj <http://t.co/a0CS...>

## Modularidade

Sobre a clusterização nota-se um número também inferior, com a formação de 231 comunidades (Figura 24), sendo a maior delas ao redor do perfil @Guardian, que contabilizou 81 nós e 80 arestas, demonstrando que todas as mensagens nesta comunidade era de retweets realizados por diferentes perfis sobre postagens do Twitter do jornal britânico. Em segundo lugar, a segunda maior comunidade, com 78 nós e 79 conexões, é formada por diversos usuários do microblogger, que não possuem grande popularidade e influência nesta rede, mas mobilizam sua comunidade com troca de informações.





**Figura 24** - Cinco maiores comunidades do dia 19 de junho

Dentre as cinco maiores comunidades do dia 19 de junho, duas delas, formadas pelos canais @JornalOGlobo e @Guardian, são de perfis de veículos tradicionais de comunicação, que a partir desta data buscam retomar a narrativa dos protestos, com o uso da hashtag indexadora visando alcançar os usuários no Twitter que acompanhavam os acontecimentos através da tag.

As micronarrativas, formadas pelos perfis de menor grau de entrada, são constituídas por três das cinco maiores comunidades do grafo. Em terceiro lugar, encontra-se a comunidade ao redor do canal @LeiSecaRJ e @MarcusPinheiro (Figura 25), que apresentam mensagens sobre o andamento da manifestação em Niterói, programada para a data, com publicações que destacavam o fechamento de ruas, da ponte Rio-Niterói, bem como horário de concentração e pontos de encontro de manifestação.

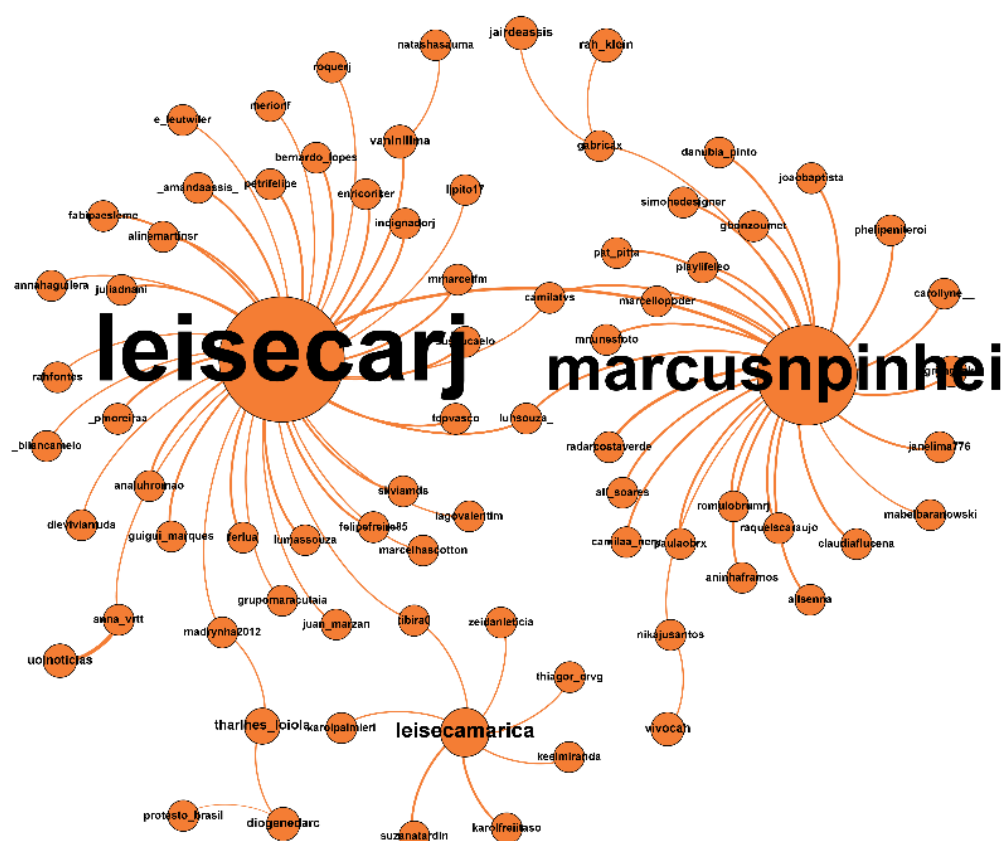


Figura 25 - Terceira maior comunidade do dia 19 de junho

Em quarto lugar, a maior comunidade (Figura 26), que tem como destaque o perfil @Rio\_News, também divulga informações sobre o protesto em Niterói, como confrontos e fechamento da ponte, além de crítica ao governo Dilma e ao prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Destaca-se entre as mensagens desta clusterização uma forte avaliação sobre as manifestações, como por exemplo, em como os protestos repercutiria m para a melhoria nas condições de saúde da população, e, mais forte ainda, sobre condenações e críticas aos atos de “vandalismo” que teriam sido cometidos pela cidade.

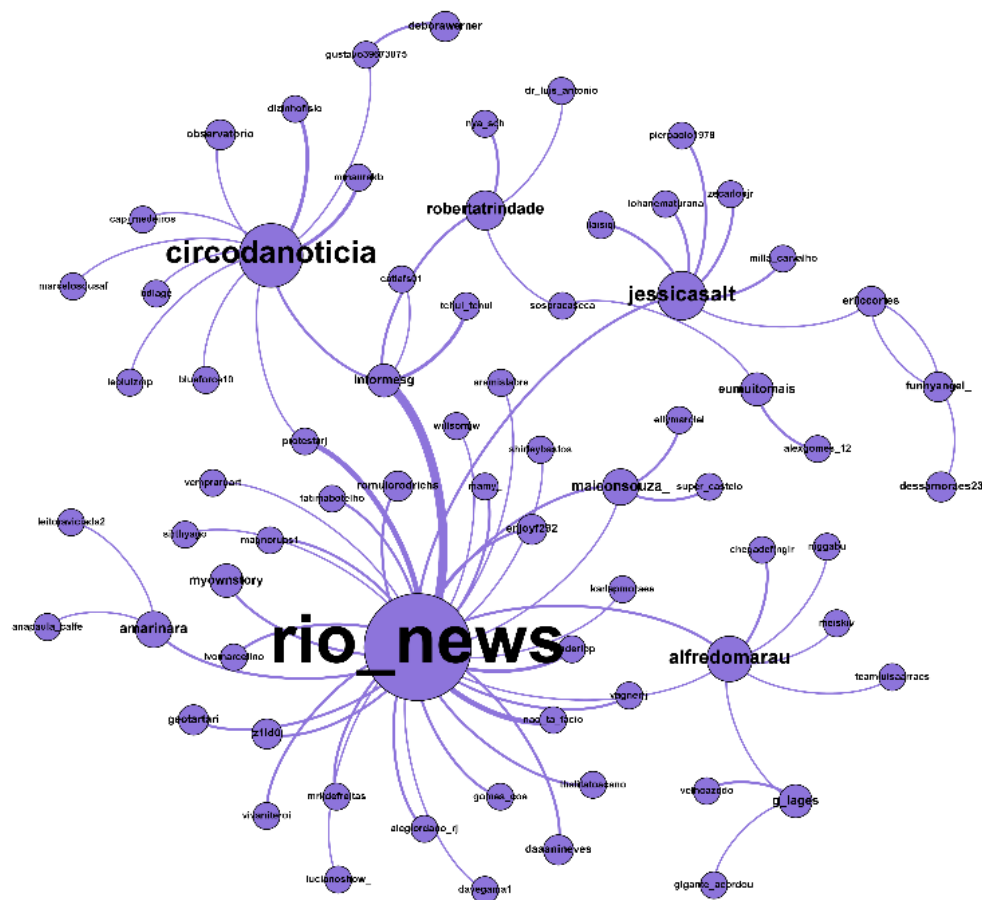


Figura 26 - Quarta maior comunidade do dia 19 de junho

Por fim, a quinta maior comunidade (Figura 27) possui perfis formados por valor de grau de entrada similares entre si, em um intenso fluxo de trocas conversacionais. Os perfis publicam mensagens sobre mobilização para os protestos, tweets com imagens sobre cartazes e bandeiras levantadas nas ruas, além de avaliações e questionamentos sobre a situação da educação, segurança e crítica aos gastos com a Copa do Mundo. No geral esta comunidade apresenta uma séria avaliação sobre as consequências dos protestos e das pautas levantadas, destacando ainda, como na maioria dos tweets, a necessidade de reprimir a violência policial e de luta pela liberdade de manifestação e de reivindicação de direitos.





### 3.3.6 20 de junho: ativistas e mídia dominam a narrativa

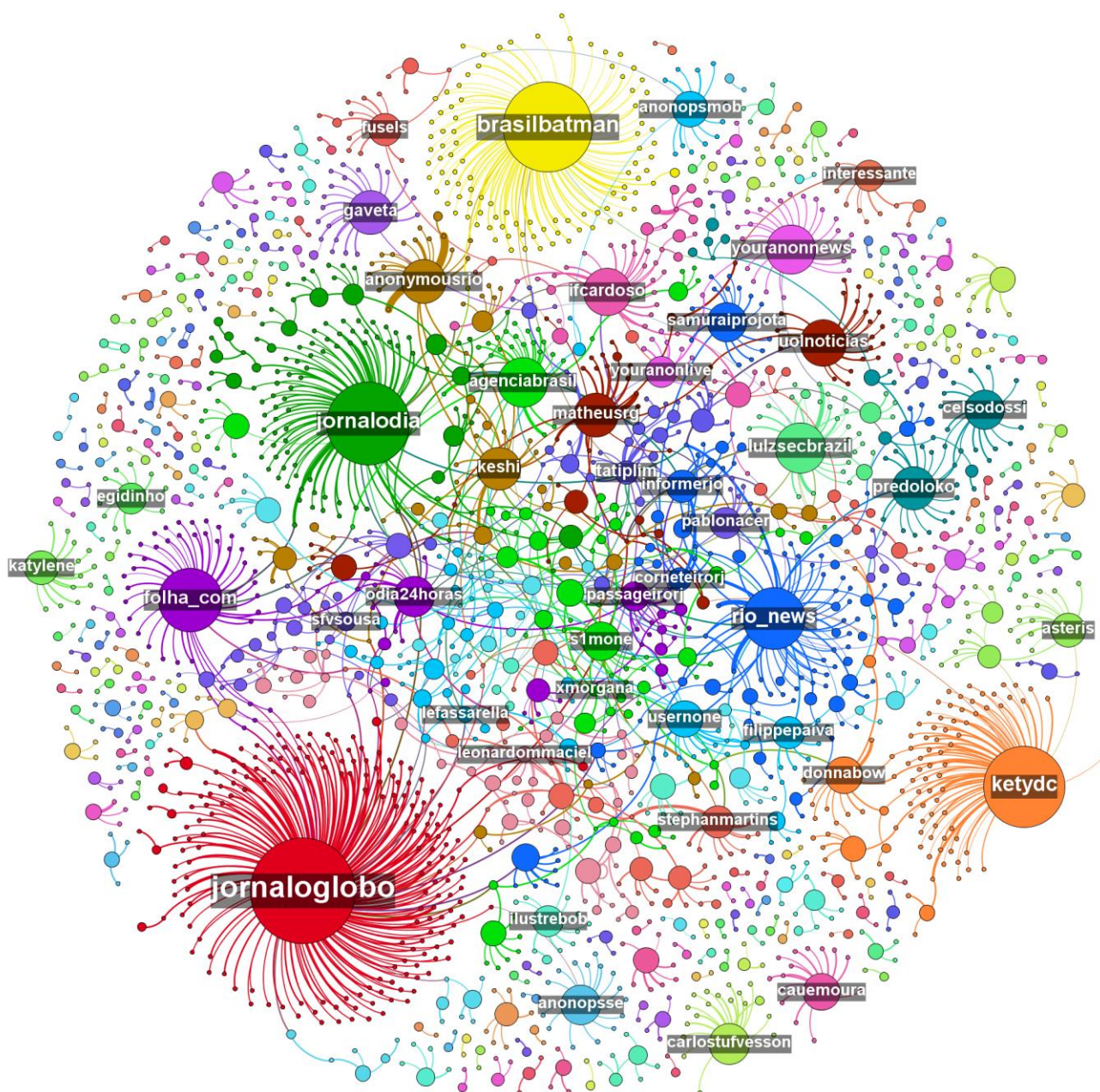


Figura 28- Rede de atores do dia 20 de junho

O dia 20 registra o maior protesto de junho de 2013, com 300 mil pessoas<sup>28</sup> sendo contabilizadas nas ruas do Rio de Janeiro. Na ocasião, os manifestantes seguiram em marcha da Avenida Presidente Vargas até o prédio da prefeitura da cidade. Assim, a onda

<sup>28</sup> Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/rio-20-de-junho-de-2013>>. Acesso em 16 de janeiro de 2016.

de protestos se alastrou por todo o Brasil, num total de 1,5 milhão de participantes, em dezenas de cidades, com registro de diversos casos de violência.

Em São Paulo houve confronto entre grupo de manifestantes e agressões a militantes do PSOL, PSTY, PCB e PT. Nesta data o Movimento Passe Livre (MPL), após criticar a ação de agressão contra membros de partidos e afirmar que sua demanda original já havia sido atendida, retira sua participação das manifestações.<sup>29</sup>

No Rio de Janeiro a manhã do dia 20 de junho de 2013 começa com o Palácio Guanabara, sede do governo estadual, em Laranjeiras, cercado por grades para tentar evitar a depredação. Enquanto isso, os policiais militares distribuía panfletos pedindo para que manifestantes não se envolvessem em atos de “vandalismo e depredações”.<sup>30</sup>

No portal G1 a manifestação é descrita com seu início marcado sem registro de confrontos, na Candelária, terminando com cenas de violência no Centro e ao redor do Palácio Guanabara. Ao todo, 62 pessoas são atendidas em Hospital Municipal, depois de serem atingidas em tumulto entre manifestantes e Polícia Militar. As reivindicações deste dia pediam maior orçamento para a saúde e educação, além da votação da PEC 37 e críticas ao projeto de lei que criava “a cura gay”, proposto pelo deputado Marco Feliciano. De acordo com o canal de notícias G1 o tumulto começou com a chegada dos manifestantes à Prefeitura do Rio, episódio que apresenta diferentes versões. Uma delas afirma que o confronto havia começado com uma briga entre seis pessoas e a explosão de uma bomba dentro de uma lixeira, sendo atirado também pelo mesmo grupo uma bomba caseira em direção aos policiais. Em contrapartida a Polícia Militar teria agido contra todos os manifestantes no local. Outra versão aponta que os homens eram P2- policiais militares infiltrados que teriam trabalhado para provocar o confronto.

Nas redes, o relato dos manifestantes são fortes e chamam a atenção pelo caráter violento dos protestos, sendo compartilhado de forma intensa no Facebook:

[...] Estava uma festa, todos andando em paz na direção da prefeitura. [...] Durante todo o trajeto, não houve atos de vandalismo. A partir de um ponto, todos pararam. Viu-se a fumaça das bombas. As pessoas começaram a voltar. Devagar. Caminhando de volta para a Candelária. Mais bombas. As pessoas se aglomeravam perigosamente, tentando ir embora. Ainda não havia atos de vandalismo. Mesmo dispersada a manifestação legítima, garantida na constituição deste país, a PMRJ resolveu seguir os cidadãos que neste momento só pensavam em ir embora dali. As pessoas tentavam

---

<sup>29</sup> Disponível em <[http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/.1586fb147546f310VgnVCM3000009acce\\_b0aRCRD.html](http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/.1586fb147546f310VgnVCM3000009acce_b0aRCRD.html)>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>30</sup> Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/protestos-ocorrem-em-75-cidades-e-terao-seguranca-reforcada/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

acalmar umas às outras para evitar um corre corre que transformaria a situação em uma tragédia. A PM alcançou a multidão que tentava sair dali e jogou mais bombas e mais gás. Algumas pessoas começaram a reagir e a quebrar as coisas. Nesta hora, eu e a Fernanda nos adiantamos um pouco mais e tentamos sair por uma rua lateral. Chegando lá, e digo novamente, não havia vandalismo naquele local, a polícia tinha fechado as ruas transversais e jogava gás lacrimogênio em quem queria sair. Na transversal seguinte, a mesma coisa. Isso não era perto da prefeitura, isso não era perto de nenhum tipo de vandalismo. O objetivo da polícia não foi em nenhum momento dispersar tumulto. A manifestação já tinha terminado. O objetivo dessa operação de guerra foi vingar o protesto na Alerj. Foi botar medo na população ao atacar não os radicais, mas as famílias que estavam do meio para o final da passeata. A PM jogou bomba até no ônibus que estava saindo do centro, levando pessoas que só queriam sair dali. Jogaram bomba no Souza Aguiar. Ficou claro que o Estado vê o povo como um inimigo. E eu quero que fique muito claro que o que está aparecendo nas TVs e nos jornais não condiz com a realidade do que ocorreu ali. A polícia não reagiu a nada. A polícia atacou a manifestação. Atacou a mim, atacou a Fernanda. Atacou todos os cidadãos de bem que saíram as ruas nessa noite. (Relato em Facebook de manifestante que teria sofrido ataques durante a manifestação)

Os arredores da Prefeitura do Rio de Janeiro se transformavam em um cenário de guerra, policiais jogavam bombas de gás lacrimogênio para dispersar o protesto e em troca os manifestantes atiravam pedras nos PMs, que revidavam com balas de borracha. O clima de forte tensão permaneceu durante três horas, com estações de metrô e barcas tendo o tráfego interrompido por um tempo. Vias importantes como Avenida Rio Branco, Presidente Vargas, túneis Santa Barbara e Rebouças também foram fechadas.

Na Lapa e arredores da Faculdade Nacional de Direito e do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ também foram registrados confrontos. Alunos se refugiaram nas instituições com medo da violência. Na ocasião a Polícia Militar negou ter cercado as instituições de ensino, afirmando ter apenas zelado pelo patrimônio público, dos prédios da universidade. São registrados, segundo reitor da UFRJ, Carlos Levi, 700 estudantes abrigados nas unidades, que dá nota afirmando que a instituição continuaria acompanhando a participação legítima dos estudantes nas manifestações “preocupada sempre com sua segurança, que deve ser garantida em nosso país, em sua democracia duramente conquistada”.<sup>31</sup>

Após os protestos do dia 20 a presidente Dilma Rousseff convoca reunião com ministros em Brasília para mapear a extensão das manifestações e estudar medidas emergenciais para atender as demandas das manifestações.

---

<sup>31</sup> Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/ato-no-rio-reune-300-mil-pessoas-e-termina-em-confronto-com-pm.html> >. Acesso em 21 de dezembro de 2015.

A formação da rede no dia 20 de junho (Figura 28) parece seguir a mesma marca do dia anterior, menos densa<sup>32</sup> e formada por perfis de veículos de comunicação, como @JornalOGlobo e @JornalODia. No total são contabilizados 2.072 nós e 2.027 arestas, o que significa que existem muitos retweets somente entre dois perfis, somando assim 2 nós e apenas 1 conexão.

### Grau de Entrada: dia 20 de junho

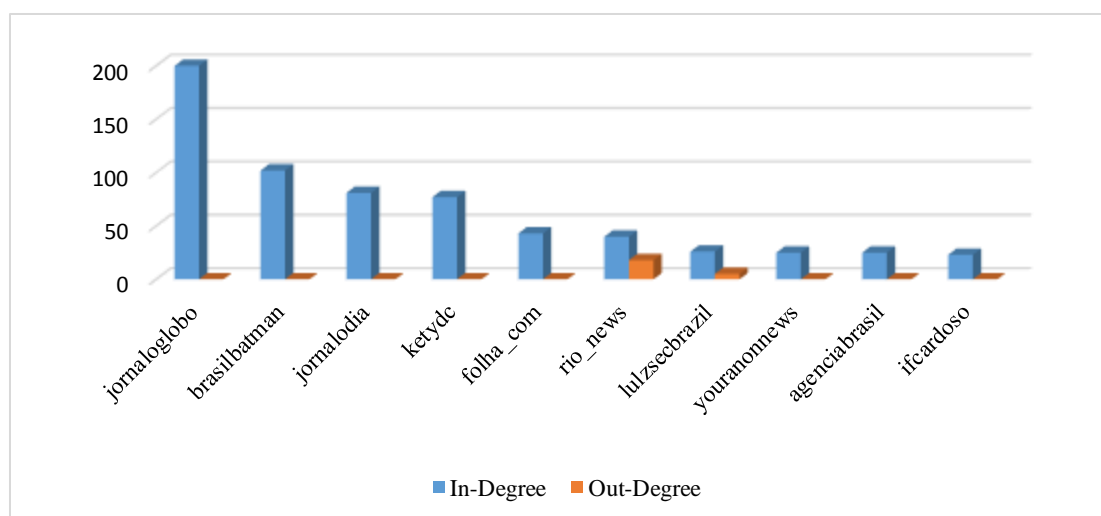


Tabela 5 - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada do dia 20 de junho

Analisando os perfis de maior influência na rede, ou seja, com maior grau de entrada, nota-se que em primeiro lugar encontra-se o perfil do @JornalOGlobo, que realiza 16 tweets (um alto número de tweets que também explica o alto valor de grau de entrada) alguns mais retuitados que outros, mas que no geral apresentavam características semelhantes, de transmissão ao vivo dos acontecimentos nas ruas, narrando a chegada de manifestantes em pontos de encontro para o protesto, focos de violência, expectativa de número de cidadãos nas ruas, dentre outras informações:

**RT @JornalOGlobo:** Manifestantes começam a chegar à Candelária. #protestorj <http://t.co/1N5Aqm72ht>

**RT @JornalOGlobo:** Grupo põe fogo em carro do SBT gritando 'hoje é dia de matar a polícia'. #protestorj <http://t.co/8YYfRgo69S>

<sup>32</sup> Deve-se ressaltar que a estrutura menos densa nessa data pode também estar relacionada à própria extração, ainda em uma fase de testes, do software YourTwapperKeeper, que por bugs internos de quantidade de dados baixados na data, pode ter gerado problemas para extração no dia 20 de junho.



**RT @JornalOGlobo:** Repórter da Globo News é atingido por bala de borracha no #protestorj, diz emissora. Mais 6 estão feridos. <http://t.co/hP...>

**RT @JornalOGlobo:** 'Prefeitura pode esperar, sua hora vai chegar', gritam manifestantes no #protestorj <http://t.co/zoEEObdQTI>

**RT @JornalOGlobo:** Organização já fala em 1 milhão na passeata do Rio; PM não confirma. <http://t.co/N0rpZlijGI> #protestorj

**RT @JornalOGlobo:** Manifestantes que tentam escapar do confronto em frente à prefeitura são encurralados em praça do Centro. #protestorj [htt...](http://t.co/zoEEObdQTI)

**RT @JornalOGlobo:** Foto: manifestante chama Dilma à luta: 'Junte-se a nós, companheira'. #protestorj <http://t.co/xutX77FRo1>

Em segundo lugar, o perfil @BrasilBatman: perfil de ativista na rede que possui tweets da época deletados em sua conta, publica mensagem sobre a divulgação das cinco grandes causas divulgadas pelo Anonymous Brasil e que ganhou forte repercussão na rede:

**RT @brasilbatman:** Começo para mudar: 5 CAUSAS #vemprarua #chupaessa #mudabrasil #ogiganteacordou #protestoSP #protestoES #protestoRJ <http://t.co/zoEEObdQTI>

O terceiro lugar, ocupado pelo @JornalODia: jornal do Rio de Janeiro que reporta sobre polícia, celebridades, esporte, Brasil e economia; atua de forma intensa na rede do dia 20 de junho com mensagens informativas sobre os protestos, operando de forma semelhante ao @JornalOGlobo, fazendo cobertura sobre os acontecimentos nas ruas, como ação de vândalos, estimativa de pessoas nas ruas, pronunciamento da presidenta Dilma, abuso de poder policial, dentre outras pautas:

**RT @jornalodia:** Correção: Vândalos saqueiam Lojas Americanas da RUA DO PASSEIO. #odianarua #protestorj #vemprarua #chupaessa #mudabrasil

**RT @jornalodia:** Concentração já vai da Candelária à Central do Brasil #odianarua #protestorj #vemprarua #chupaessa #changebrasil [http://t.c...](http://t.co/zoEEObdQTI)

**RT @jornalodia:** Megaprotesto reúne 300 mil pessoas no Centro, estima Coppe/UFRJ <http://t.co/Ha1hEkcYpA> #odianarua #protestorj #vemprarua #...

**RT @jornalodia:** Dilma avalia fazer pronunciamento em rádio e TV via @veja #odianarua #protestorj #vemprarua #chupaessa #mudabrasil

**RT @jornalodia:** Repórteres voltam para a redação com vários relatos de abusos por parte da PM #odianarua #protestorj #vemprarua #mudabrasil

**RT @jornalodia:** Vândalos depredam e saqueiam lojas americanas na Rua do Riachuelo #odianarua #protestorj #vemprarua #chupaessa #mudabrasil

**RT @jornalodia:** Não há mais manifestantes no Palácio Guanabara. Rua Pinheiro Machado liberada. #odianarua #protestorj #vemprarua #mudabrasil

Observa-se a reparação na rede do dia 20 de perfis muito presentes no primeiro dia dos protestos, dia 16 de junho, como o perfil @KetyDC, quarto maior grau de entrada, que mais uma vez aparece publicando mensagens em língua inglesa com links de imagens das ruas do Rio de Janeiro sendo tomadas por manifestantes e de matérias de canais de notícias sobre as mais de 300 mil pessoas protestando na cidade:

<b>RT @KetyDC:</b> WOW Police estimate in 300 thousands the number of protesters right now in Rio <a href="http://t.co/FOtjVWaiNq">http://t.co/FOtjVWaiNq</a> #ProtestoRJ
<b>RT @KetyDC:</b> Rio tonight (Efe) #PasseLivre #ChangeBrazil #ProtestoRJ <a href="http://t.co/rGBMxXT22Z">http://t.co/rGBMxXT22Z</a>
<b>RT @KetyDC:</b> Rio a little earlier (Reuters) #ProtestoRJ #PasseLivre <a href="http://t.co/vbGfegkwgM">http://t.co/vbGfegkwgM</a>
<b>RT @KetyDC:</b> Rio. No caption needed. (Photo: Ag. O Globo) #ProtestoRJ #ChangeBrazil <a href="http://t.co/QZ9Lw6ts2A">http://t.co/QZ9Lw6ts2A</a>

Em quinto lugar, o perfil do @Folha\_com: página atualmente inexistente no Twitter, e o sexto lugar, o canal @Rio\_News: de notícias sobre o Rio de Janeiro, também publicam sobre o andamento das manifesta es das ruas, o primeiro salienta o episódio em que o carro do SBT teria sido incendiado por manifestantes, e o segundo aponta a es da polícia, número de pessoas nas ruas e situa o estratégica de localiza o em determinados pontos da cidade:

<b>RT @folha_com:</b> Manifestantes incendeiam um carro do SBT durante os protestos no Rio. <a href="http://t.co/GkUtJdunpp">http://t.co/GkUtJdunpp</a> #protestobr #protestorj
<b>RT @Rio_News:</b> RT @marco_sa Ouvimos tiros de verdade daqui da Lapa. #protestorj
<b>RT @Rio_News:</b> RT @wtfisaa VAI HAVER UM MASSACRE NA IFCS, COMPARTILHEM, TUDO CERCADO POR POLICIAIS, CORTARAM A LUZ. REPASSEM #ProtestoRj
<b>RT @Rio_News:</b> RT @mau_mesquita Já começou a soltura de bombas em Laranjeiras. Repetindo: tem Exército, BOPE e PM por l�! #protestorj
<b>RT @Rio_News:</b> RT @predoloko 700 MIL PESSOAS NO RIO DE JANEIRO. MEUS PARABÉNS, QUEBRARAM TODOS OS LIMITES. #protestorj <a href="http://t.co/RasRehTifT">http://t.co/RasRehTifT</a>

Os perfis ativistas @LuzSecBrazil e @YourAnoNews também voltam a aparecer na rede, com mensagens criticando a manipula o da imprensa sobre a cobertura do protesto e a a o da polícia em utilizar armas tradicionais para atirar contra os manifestantes:

<b>RT @LulzSecBrazil:</b> Hashs #protestoDF #protestoSP #protestoRJ #protestoBH #protestoCE #protestoGO
<b>RT @LulzSecBrazil:</b> #globolixo manipulando só enfoca violência #protestosp #protestorj #protestodf
<b>RT @LulzSecBrazil:</b> mais uma vez #GloboLixo manipulando.... #protestodf #protestogo #protestobh #protestosp #protestorj
<b>RT @YourAnonNews:</b> Screenshot: Globo "Protesters invade isolated Sambodrome area in Rio", awning on fire, then toppled #ProtestoRJ
<b>RT @YourAnonLive:</b> Photo: HOLY SHIT! RIO NOW! #ProtestoRJ #VemPraRua #ChangeBrazil #yal <a href="http://t.co/CdJJ6Cj8fS">http://t.co/CdJJ6Cj8fS</a>

Por fim, em nono lugar, aparece o perfil da @AgenciaBrasil: veículo de jornalismo público, que realiza tweet sobre relação entre as manifestações no Brasil e a Turquia e ainda destaca a violência policial, sobretudo relacionado à agressão aos repórteres durante protesto em Niterói. Em último lugar, o perfil @Ifcardoso: advogada e usuária ativa no Twitter, publica mensagens de apoio a manifestação, destacando que 1 milhão de cidadãos estariam nas ruas, bem como a carreata de taxistas no Centro da cidade.

<b>RT @agenciabrasil:</b> Patriota rebate comparação entre #manifestações no #Brasil e na #Turquia <a href="http://t.co/gnjdKpY5EH">http://t.co/gnjdKpY5EH</a> #protestosp #protestorj ...
<b>RT @agenciabrasil:</b> Seguranças agredem repórter da @agenciabrasil no protesto em Niterói <a href="http://t.co/rWBTOGG4nj">http://t.co/rWBTOGG4nj</a> #protestorj #protestosp #pr...
<b>RT @agenciabrasil:</b> Pelo menos seis capitais têm manifestações marcadas para esta quinta #protestosp #protestorj #protestodf #protestogo <a href="http://t.co/...">htt...</a>
<b>RT @ifcardoso:</b> QUE ISSO RJ?? 1milhao! PQP! #mudabrasil #protestorj <a href="http://t.co/s6h6nbVXKr">http://t.co/s6h6nbVXKr</a>
<b>RT @ifcardoso:</b> Os taxistas estão fazendo CARREATA no centro!!! @LeiSecaRJ #protestorj <a href="http://t.co/ihgQhsoSI5">http://t.co/ihgQhsoSI5</a>

## Modularidade

Quanto à formação de comunidade a rede também apresenta estrutura menos densa, com 242 clusterizações (Figura 29), sendo a maior delas formada ao redor do @JornalOGlobo, que agrupa 188 nós e 187 arestas, recebendo todos os retweets de sua comunidade, e a segunda maior, com 118 nós e 122 arestas, ressalta uma comunidade diversa com perfis com baixo grau de entrada, mas que interagem entre si compartilhando mensagens, sobretudo as publicadas pelo perfil @Rio\_News.



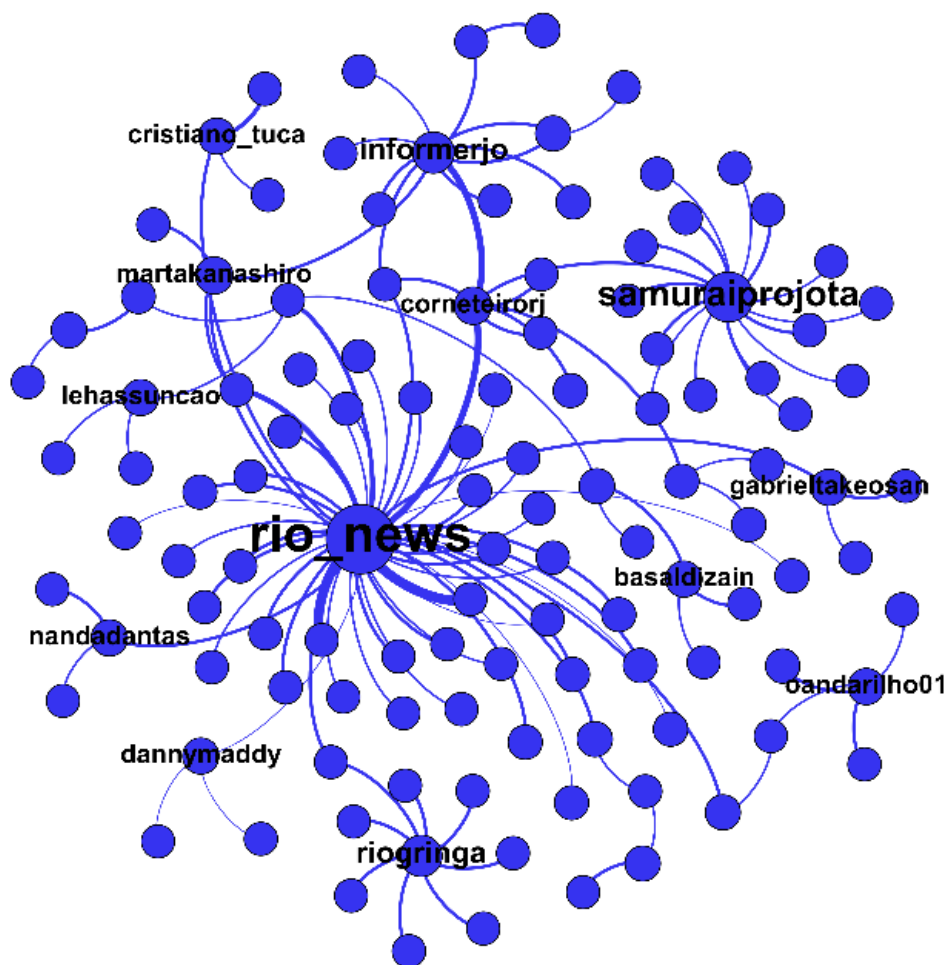
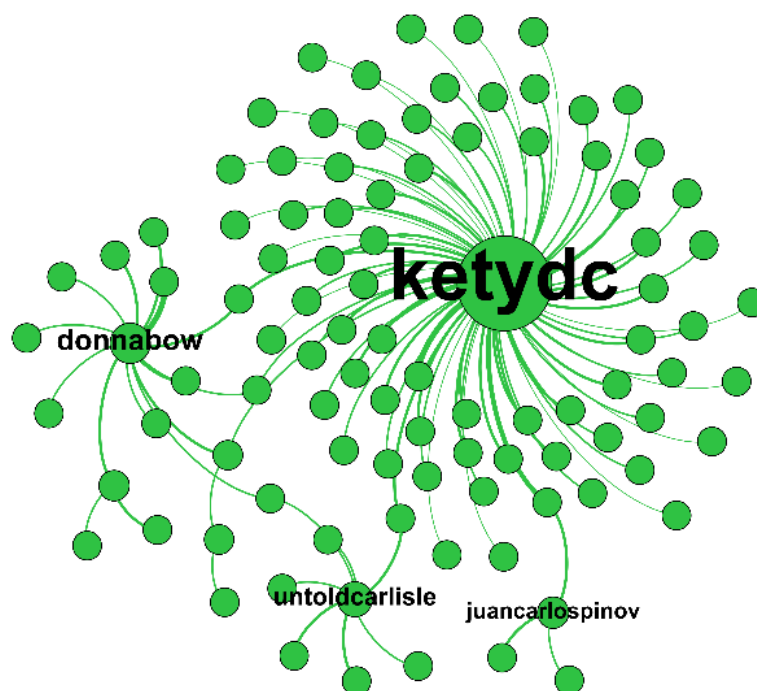


Figura 30 - Segunda maior comunidade no dia 20 de junho

Por último, a comunidade que apresenta como destaque o perfil @KetyDC (Figura 31), conta também com uma rede de conversação no seu entorno, que entre si compartilham mensagens utilizando o inglês como língua oficial, divulgando, sobretudo, imagens dos protestos, dos manifestantes, de bandeiras levantadas durante os dias de manifestação e ainda de fotos e vídeos das ruas totalmente tomadas pelos cidadãos.



**Figura 31** - Quinta maior comunidade do dia 20 de junho

O panorama geral da rede do dia 21 aponta, portanto, para uma mescla de atores entre ativistas e perfis de cunho noticioso, que vão desde a grande mídia até perfis cujo objetivo é a divulgação de localização, situação de ruas e avenidas, além de tráfego local de veículos e passagem de cidadãos em determinados pontos. Nota-se uma forte presença da grande mídia que busca realizar transmissões ao vivo e mensagens com discurso e formação das mensagens de forma semelhante a cobertura das manifestações que já estavam sendo realizadas pelos próprios manifestantes, presentes nas ruas, ou aqueles que acompanhavam pelo Twitter de suas casas, com o uso da hashtag #ProtestoRJ.





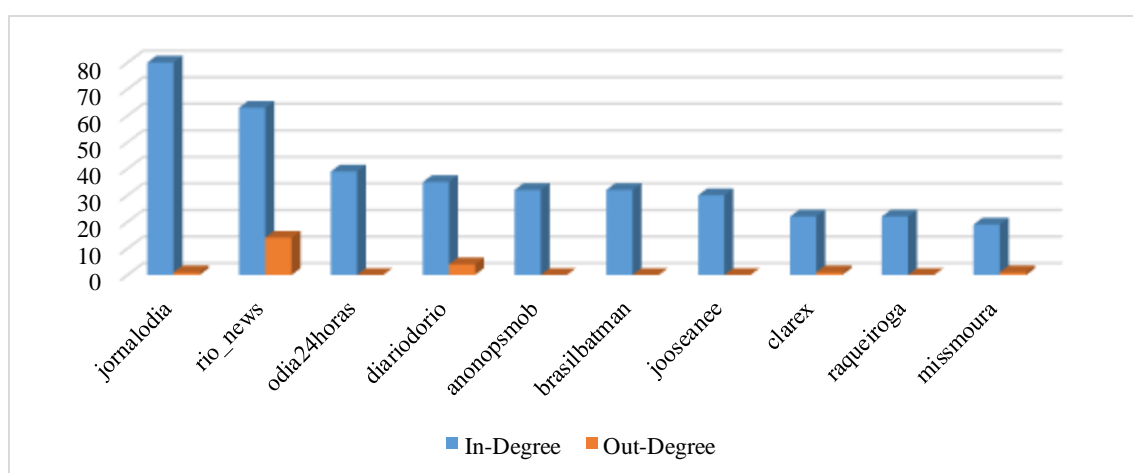
Nacional de Mobilidade Urbana, uma proposta para destinar 100% dos recursos de petróleo para a educação e o projeto de importar médicos do exterior com intuito de ampliar a rede de atendimento do SUS<sup>33</sup>.

A noite do Rio de Janeiro no dia 21 de junho foi ainda marcada por violência e protestos, na região metropolitana, sendo a Rodovia Presidente Dutra fechada e 40 mil manifestantes protestando nas ruas de Duque de Caxias. Durante o confronto um policial do Bope é morto.<sup>34</sup>

Na rede, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Alerj, presidida por Marcelo Freixo presta auxílio às vítimas de violência, solicitando que imagens, vídeos ou relatos sobre os abusos policiais, sobretudo na manifestação no Maracanã, sejam enviados ao Ministério Público e à Defensoria Pública.

Em relação à formação da rede nota-se que a esta encontra-se pouco densa, contabilizando 1354 nós e 1317 arestas, demonstrando mais uma vez o grande número de retweets que são realizados na direção (Figura 32) de um único usuário, formando assim uma única aresta ou conexão. Há ainda forte presença de perfis pontuais, que possuem ligações fracas, com apenas um usuário na rede, caracterizando uma rede mais esparsa, sem conexões fortes.

### Grau de Entrada: dia 21 de junho



**Tabela 6** - 10 maiores perfis com alto valor de grau de entrada no dia 21 de junho

<sup>33</sup> Disponível em <[http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed755\\_um\\_ensaio\\_sobre\\_o\\_mes\\_de\\_junho\\_de\\_2013/](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed755_um_ensaio_sobre_o_mes_de_junho_de_2013/)>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

<sup>34</sup> (TEIXEIRA, 2014)



Dentre os perfis de maior grau de entrada no dia 21 de junho, nota-se a presença significativa de canais de mídia e de divulgação de informações sobre o Rio de Janeiro. A começar pelo perfil de maior grau de entrada, o @JornalODia, que publica mensagens sobre o desenrolar dos protestos em Nova Iguaçu e Barra da Tijuca, assim como de ação da polícia e de atos de vandalismo pela cidade. O mesmo discurso também é encontrado nos tweets do @Rio\_News, que aparece em segundo lugar como maior grau de entrada.

**RT @jornalodia:** Em Nova Iguaçu, radicais fecham a Dutra no sentido São Paulo e jogam pedras em ônibus da viação Evamil #protestorj #vemprar...

**RT @jornalodia:** Barra da Tijuca: concessionária de automóveis é invadida e carros são depredados #odianarua #protestorj #vemprarua

**RT @jornalodia:** Bope detem cerca de 12 pessoas (pelo menos 7 menores) após vandalismo na Barra <http://t.co/99nUyXfuKy> #protestorj #vempraru...

**RT @jornalodia:** Tumulto na Ayrton Senna. Ônibus e carros voltam pela contra-mão. Barra Music chegou a ser invadido #protestorj #vemprarua #...RT @Rio\_News: RT @clarex Tá ficando claro, a polícia NÃO QUER prender bandido. Bandido faz o que quer. Manifestante vai em cana. #protestoRJ

**RT @Rio\_News:** Temos informação de #ProtestoRJ em: Ipanema, Barra da Tijuca, Freguesia (Ilha do Governador) e Terminal Menezes Cortes (Centr...

**RT @Rio\_News:** RT @lellik Aqui no #protestorj da Barra. Tão chegando uns vândalos pra acabar com uma manifestação, até então, tranquila.

Em terceiro lugar, com o perfil @Odia24horas não é diferente o tom das mensagens, com publicações sobre interdições de ruas e avenidas e funcionamento de linhas de ônibus. O perfil do @DiarioDoRio: canal de notícias da cidade, ocupa o quarto lugar e publica sobre a beleza dos protestos na região, a participação de artistas globais e a forte segurança encontrada nos arredores de Ipanema.

**RT @odia24horas:** #Protestorj Devido manifestação, o ônibus de integração Barra Expresso via Nova América / Del Castilho (614) está impedido...

**RT @DiarioDoRio:** E Ipanema há muitos policiais, enquanto na Barra deixam invadir concessionária... #protestorj

**RT @DiarioDoRio:** Barra parada não é novidade. Vista aérea da Av. das Américas #protestorj <http://t.co/jMOEk31rGa>

**RT @DiarioDoRio:** Fernanda Lima e sua família estão na manifestação em Ipanema. #ProtestoRJ #protestorj

**RT @DiarioDoRio:** Mais um belo momento em Ipanema que a Tv não mostra <http://t.co/XBtQIuZKyp> #protestorj

Em seguida, os perfis ativistas @AnonOpsMob e @BrasilBatman, quinto e sexto maior grau de entrada, respectivamente, publicam mensagens de apoio aos protestos, com divulgação de imagem das ruas do Rio de Janeiro lotadas de manifestantes, bem como publicação das 5 causas, que já havia sido divulgada pelo perfil @BrasilBatman.

**RT @AnonOpsMob:** Rio. No caption needed. (Photo: Ag. O Globo) #ProtestoRJ #ChangeBrazil <http://t.co/oHZ3X4PUBY>

**RT @brasilbatman:** Começo para mudar: 5 CAUSAS #vemprarua #chupaessa #mudabrasil #ogiganteacordou #protestoSP #protestoES #protestoRJ

Em sétimo lugar, o perfil @Jooseanee: aparentemente de usuária padrão no Twitter, publica link sobre imagem que retrata a manifestação no Brasil, que foi compartilhada diversas vezes na rede, por diferentes perfis, mas que neste dia também ganha repercussão, sendo compartilhada 44 vezes. Com o oitavo maior grau de entrada, o perfil @Clarex: também usuária comum no Twitter, publica criticando a ação de vândalos, afirmando que a polícia não queria prender bandidos:

**RT @jooseanee:** A imagem mais perfeita das Manifestações no Brasil: <http://t.co/gWCFCKul0c> #mudabrasil #protestorj

**RT @clarex:** Tá ficando claro, a polícia NAO QUER prender bandido. Bandido faz o que quer. Manifestante vai em cana. #protestoRJ

Por fim, os perfis em nono e décimo lugar, @Raqueiroga: roteirista, ator, diretor e dublador, com atuação forte no Twitter, e @MissMoura: publicitária e especialista em mídias digitais, publicam alertas sobre atuação da polícia, que lança bombas contra manifestantes, bem como mensagens relativas à situação dos alunos que ficaram presos no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, além de mensagens sobre a situação do protesto na Barra da Tijuca, alertando os manifestantes a saírem dos locais de protesto.

**RT @raqueiroga:** REPASSEM! #ProtestoRJ RT @MarceloFreixo: Nesse momento os alunos do IFCS estão indo para o metro. A OAB está acompanhando.

**RT @raqueiroga:** #ProtestoRJ Tropa de choque joga bomba e atira em direção a hospital que atende manifestantes no Rio: <http://t.co/vpPODRG6hk>

**RT @MissMoura:** Pessoal da Barra, a galera da CDD está entrando para barbarizar. Hora de irem pra casa #ProtestoRJ

**RT @MissMoura:** VENDO PELA GLOBO NEWS. TIREM SEUS AMIGOS DA MANIFESTAÇÃO DA BARRA. Os caras da CDD estão roubando as lojas #PROTESTORJ

## Modularidade

Sobre a formação de comunidades esta data apresenta o menor número dentre os outros dias analisados, com 181 clusterizações (Figura 33) e a maior delas com 74 nós e 75 arestas, ou seja, todos os retweets foram realizados em torno de um perfil, o canal do @JornalOGlobo, característica também presente no dia anterior. Como segunda maior comunidade encontra-se perfis ao redor do usuário @Rio\_News, que assim como o Jornal O Globo apresenta uma rede bolha forte ao seu redor, republicando todos os tweets do canal no Twitter.

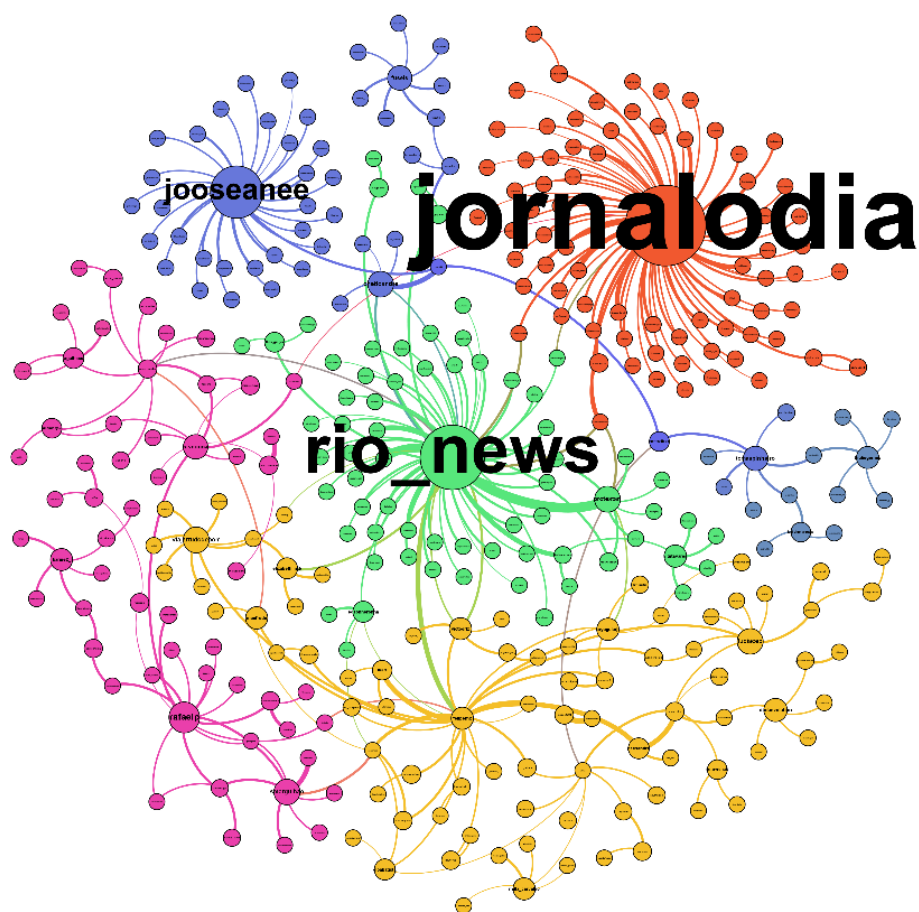


Figura 33 - Cinco maiores comunidades do dia 21 de junho



se fosse manifestante teria baixado a porrada, tiro. #protestorj”; “RT @luciaccep: #vempraruacabral MANIFESTANTES NA CARA DO GOL, EM FRENTE A CASA DO CABRAL LEBLON CITY KKKKK #PROTESTORJ” e “RT @Dudaevolution: "@Rio\_News: RT @DiarioDoRio De acordo com Julia Assis chegou Caveirão no Leblon com um povo esquisito. #protestorj”.

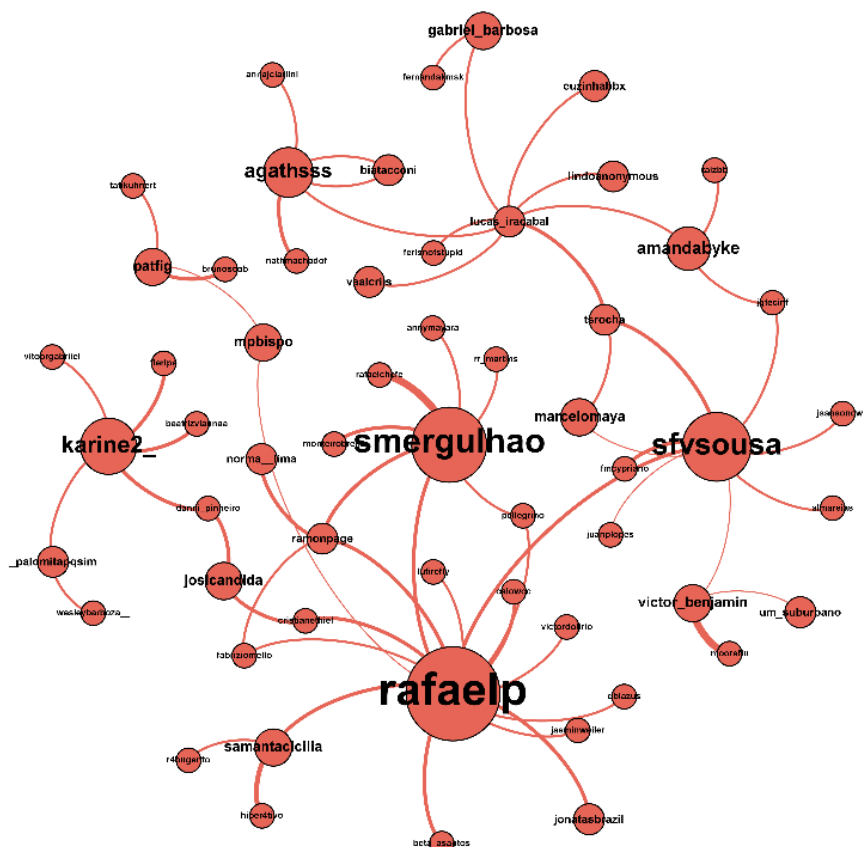


Figura 35 - Quarta maior comunidade do dia 21 de junho

A quarta maior comunidade do dia 21 de junho (Figura 35) apresenta um conteúdo com forte carga emocional, com mensagens dos usuários que buscavam ressaltar o aspecto “real” dos protestos, ou seja, com tweets que destacavam pontos que estariam sendo deixados de lado pela cobertura tradicional das manifestações, como a mensagem publicada pelo usuário @Smergulhao que divulga link dizendo: “Veja o que aconteceu ontem no Rio, a partir dos olhos de alguém que estava lá”, cujo conteúdo era um áudio relatando os acontecimentos nas ruas da cidade. Também com carga afetiva, por exemplo, o perfil @Rafaelp revela a situação da desigualdade no país, com mensagem afirmando: “O asfalto sentiu ontem o que as favelas sentem há muito tempo. #protestorj”.

Além deste tipo de conteúdo há também tweets refletindo sobre a situação da violência e do estado das demandas sociais no país, como segurança pública e saúde.

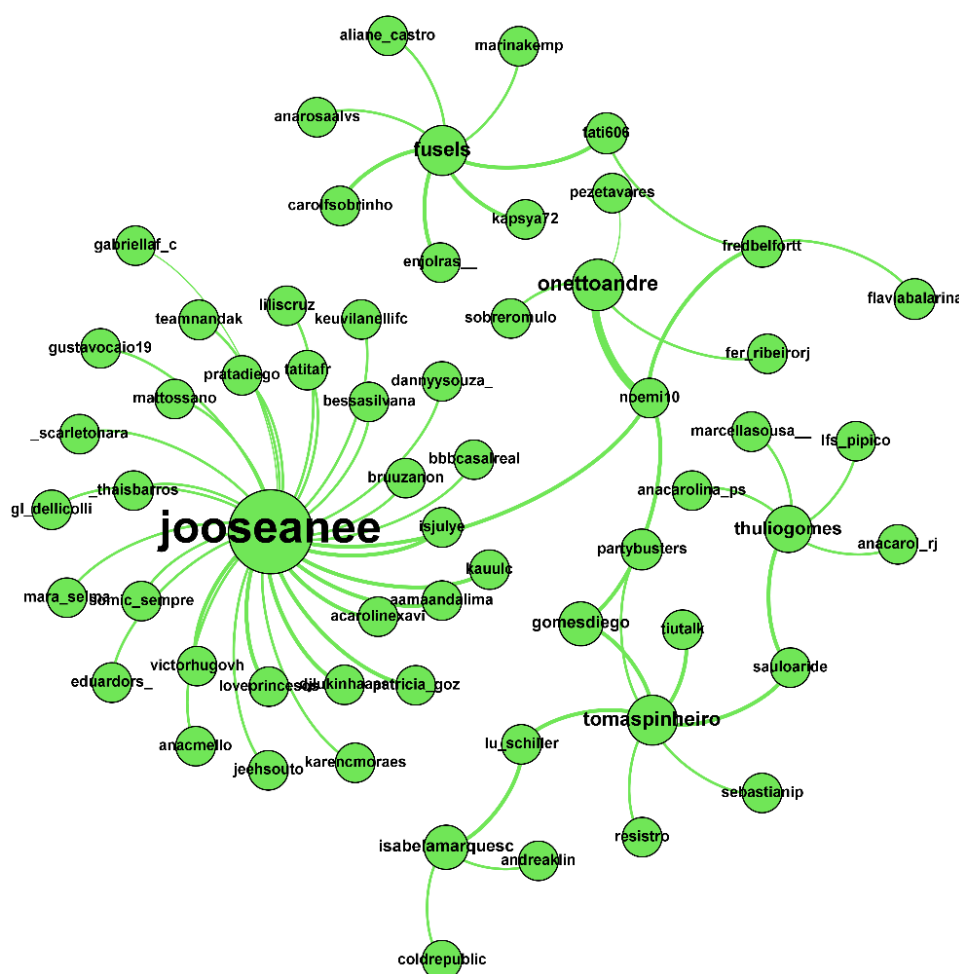


Figura 36 - Quinta maior comunidade do dia 21 de junho

A comunidade em verde (Figura 36), a quinta maior do dia, apresenta discussões sobre o protesto que na data acontecia na Barra da Tijuca, com informações da rua referentes ao andamento da manifestação. Além disso são compartilhadas imagens sobre as ruas sendo tomadas pelos manifestantes e mensagens que pediam apoio e uso de determinadas tags para continuar ativa a mobilização.

De forma geral o dia 21 de junho, último dia de protesto analisado no trabalho, apresenta forte conteúdo territorial, com veículos noticiosos divulgando informações mais uma vez sobre interdição de avenidas e ruas, e situação de organização da cidade após os protestos que marcaram a intensa semana de confrontos no Rio de Janeiro. Além disso há grande reflexão de perfis e crítica à dura ação policial, com relatos de abusos,

agressões e diversos acontecimentos que marcaram o #ProtestoRJ como sinônimo de violência policial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A onda de protestos que invadiu o Brasil no ano de 2013 repercutiu não somente nas ruas, mas influenciou na forma como os cidadãos brasileiros passaram a reivindicar seus direitos, em uma mobilização que conseguiu conquistar seu objetivo final, no caso das Jornadas de Junho de 2013, a redução da tarifa do transporte público. Como aponta Malini (2011) o Twitter expressa um canal em que é possível se comunicar de forma simples e acessível, em um verdadeiro radar de assuntos quentes dos momentos e que chamam a maior atenção do usuário, assim “ele se converteu no sistema nervoso de nossas sociedades, e devemos aprender a utilizá-lo” (MALINI, 2011b).

Ainda refletindo sobre a articulação entre política, rede e Internet, Malini (2013) explica que a rua se apresenta como uma caixa de ressonância, produzindo emoção que é transmitida ao vivo neste tipo de canal de rede social. Promove-se um processo de comoção pública, que espalha de nó em nó, perfil em perfil, timeline por timeline, algo como um sistema nervoso, relacionados à emoção e à comoção produzida diretamente da rua. De fato, junho de 2013 demonstrou o uso dessa ferramenta de comunicação pela “multidão”, diferentes singularidades, perfis que em conjunto compartilhavam a hashtag #ProtestoRJ e mantinham acesa a chama de mobilização e alerta ao redor dos principais acontecimentos ao redor do protesto.

Durante a análise temporal de rede entre os dias 16 a 21 de junho de 2013 vimos os regimes de atenção se movimentando entre grandes perfis, populares, que apresentam um alto número de seguidores e de influência na rede. Ao mesmo tempo, houve também grande concentração de discussões centrais sobre o #ProtestoRJ, que em micronarrativas, ou seja, comunidades formadas por perfis menores, mas altamente conectados entre si, apresentavam uma forte troca de informação e discussão acerca de temáticas como violência policial e informações territoriais, datando os pontos de encontro e organização das ruas, e, ainda, orientando os manifestantes a tomarem o melhor caminho durante os protestos.

Sobre os perfis populares, com alto valor de grau de entrada, o que observamos é que estes funcionam como centros transmissores, ou seja, as informações são republicadas sem gerarem maiores transformações. Assim, como destacam Bruno, Nascimento e Mazotte (2013) falam pouco e para muitos. Isso significa que com poucos tweets, normalmente variando entre 1 e 2, estes perfis se destacam na rede, por ser altamente republicado, mas não por sua mensagem gerar grandes discussões e



questionamentos. Dessa forma, eles são muito retuitados (alto valor de grau de entrada) mas possuem baixa interação com outros perfis (não retuitam ninguém, possuindo baixo ou valor nulo de grau de saída).

Por outro lado, comunidades com perfis com valor menor de grau de entrada, mas altamente conectados entre si, se destacam por interagirem fortemente em sua rede de conexões, sendo mediadores de grande número de postagens de diferentes atores, constituindo, portanto, ponto de mediação, tradução, em termo da Teoria Ator-Rede (BRUNO, NASCIMENTO E MAZOTTE, 2013). O foco de atenção nessa rede recai sobre a troca de informações entre perfis que possuem forte conectividade entre si, que apesar de menores, povoam a rede com postagens sendo difundidas por diferentes usuários, e, além disso, também republicam a informação que outros perfis publicam, gerando assim um fluxo conversacional mais horizontal entre as comunidades, num modelo “todos-todos” e não “um-muitos”.

Ao encontro da análise realizada pelas autoras Bruno, Nascimento e Cazotte (2013) sobre os dias de #ProtestoRJ, observa-se que esses atores menores, que possibilitam a rede de interação mais forte entre os perfis na rede, apresentaram uma função diferente daquela exercida por perfis de alta popularidade. Os perfis menores possuem um conteúdo com forte carga emocional e afetiva, em constantes análises, críticas e apoio aos acontecimentos mais significativos durante as manifestações, o primeiro deles, a violência, um dos assuntos mais retratados por estes perfis, direcionava a atenção para compreender os abusos policiais, divulgar informações de auxílio aos manifestantes e orientações para que a situação não se repetisse, em segundo lugar, se estabelecia uma rede de solidariedade e mobilização, com perfis que divulgavam sobre os pontos de encontro, locais em que a Polícia Militar agia fortemente, bem como notícias gerais sobre o tráfego na cidade, além, é claro, de mensagens de cunho convocativo, chamando perfis a tomarem as ruas em apoio aos manifestantes.

Os perfis de alto valor de grau de entrada, por outro lado, apesar de se destacarem por sua alta popularidade ou número de retweets recebidos, em poucos casos demonstravam serem usuários que ao mesmo tempo em que narravam na rede os acontecimentos também estavam nas ruas. Eram, portanto, em sua maioria, perfis ciberativistas, que de suas casas publicavam mensagens de apoio ou crítica às manifestações, o que demonstra, portanto, a dependência, em redes de mobilização social, de perfis que não estão de fato no protesto, mas acompanham e difundem suas realizações.

A análise cronológica dos dias de protesto foi fundamental para que conseguíssemos compreender os focos de atenção e suas alterações durante a semana no Rio de Janeiro. A começar, com o dia 16 de junho, o destaque para os perfis de alto valor de grau de entrada é dado para usuários com popularidade já conquistada na rede, ou seja, são perfis que possuem uma média alta de republicação de suas publicações. Assim, com pouco tweets esses perfis se destacam por mensagens de alerta, levantamento de algumas pautas dos protestos, ação da polícia, além de imagens e mensagens com cunho de convocar a rede para os anseios das ruas. Ao mesmo tempo, ao analisar as maiores comunidades formadas por essa data, além daquelas também formadas por perfis com alto valor de grau de entrada, observamos a presença de micronarrativas de avaliação e crítica à ação policial, em uma rede de discussão sobre o forte abuso de poder policial que os manifestantes estariam sofrendo nas ruas. Outra observação importante sobre o dia 16 de junho refere-se ao termo #VemPra Rua, que ainda não existia nesta data, termo este utilizando praticamente durante todo o mês, mas que passou a ser difundido a partir do dia 18 de junho, quando foi promovido pelas hashtags de protestos, como #ProtestoBH, #ProtestoBSB, #ProtestoRJ, dentre outros, o que significa que o #VemPraRua é produto de hashtags difundidas pela própria rua.

No dia 17 de junho o cenário não é muito diferente, perfis populares também se destacam, mas agora levantando críticas a alguns acontecimentos nas ruas. A palavra “vandalismo”, termo esse criado pela mídia como forma de criminalizar os manifestantes, aparece e é duramente rebatida por alguns perfis, que buscam separar os manifestantes “pacíficos” dos “vândalos”, separação esta fruto da linguagem criada pela grande imprensa como forma a legitimar certo tipo de protesto a ser aceito pela sociedade em geral: a manifestação “pacífica”. No geral, nota-se que estes perfis populares seguem analisando a manifestação de suas redes, elogiando o número de envolvidos, pontuando o uso de armas letais pelos policiais, além de relatos de adesões e organização do protesto em si. As micronarrativas presentes nas cinco maiores comunidades do dia 17 de junho são maiores nesta data, que discutem sobre as ações de vandalismo e reação policial, além daquelas que formavam uma rede de apoio e auxílio para os manifestantes nas ruas, outra formada por perfis anônimos de hackers que discutiam ações de derrubada de sítios online, e ainda, àquelas que condenavam fortemente a atitude da Polícia Militar frente às manifestações. Deve-se ressaltar, durante os dias de protesto, o grande número destes perfis anônimos, que assim se caracterizam como forma de resguardar sua identidade e

assegurar com que as devidas críticas e alertas a população sobre informações dos protestos fossem repassadas sem sofrerem censura ou represália.

No dia 18 de junho a rede apresenta estrutura um pouco mais diversa, com perfil de mídia, pela primeira vez, sem gerar grandes discussões, dentre os principais perfis com alto valor de grau de entrada. Nesta data alguns perfis populares incentivam o uso da hashtag #ProtestoRJ, em apoio aos protestos, assim como o uso de outras como #ProtestoBH e #ProtestoSP, como forma de chamar a atenção para as manifestações que aconteciam em diferentes partes do país. No geral, são mensagens de apoio e mobilização, convocando os cidadãos a fazerem sua parte, compartilharem histórias, além, é claro, em menor grau, mas também presente, de relatos de violência policial. Nesta data as comunidades também apresentam como característica uma rede formada por um-muitos, ou seja, perfis-bolha, que ao redor de si possuem uma rede de republicadores.

O dia 19 apresenta como característica a busca de espaço pela grande mídia, veículos tradicionais de comunicação, como @Guardian e @JornalOGlobo, dentre os perfis de maior popularidade. Entretanto, ambos os perfis realizam apenas um tweet, o primeiro com pedido de uso de tags e envio de fotos para o canal, em uma espécie de jornalismo cidadão, e o segundo, com pedido de reconhecimento de uma das manifestantes para realização de matéria jornalística. Outros perfis, porém, de cunho noticioso, divulgavam informações sobre trânsito na cidade, redução da tarifa de ônibus, e de andamento dos protestos, uma vez que a principal pauta, a redução tarifária, já havia sido cumprido na data. As micronarrativas mais fortes nesta data, além dos assuntos já abordados pelos perfis de maior popularidade, abordam diferentes avaliações sobre os protestos, como condenações aos supostos “atos de vandalismo”, e ainda, a situação de algumas demandas sociais da cidade, como saúde e educação. Há também, como em todos os dias, uma forte crítica à violência policial e à necessidade de luta pela liberdade de manifestação dos cidadãos.

O dia 20 de junho, dia de maior número de pessoas nas ruas, apresenta, ao contrário do esperado, uma concentração menor de mensagens, se comparado ao dia anterior. Esse fato pode, a princípio, ter três explicações: 1- a relação entre conexão e desconexão, ou seja, o sinal de 3G nas ruas tinha péssimo funcionamento, o que pode ser representativo de que aqueles que estavam nas redes mobilizaram-se em direção às ruas; 2- a rede esvaziou-se por cumprimento da pauta original dos protestos, a redução tarifária; ou 3- o software utilizado para coleta, o YourTwapperKeeper, ainda em fase inicial de testes, não foi capaz de realizar a coleta de grandes volumes de dados realizados no dia

20 de junho. De toda forma, o que se observa nesta data é a grande presença de perfis de mídia, de cunho noticioso, buscando narrar os protestos como os manifestantes, ao vivo, datando pontos de encontro, confrontos, violência policial, dentre outras informações. Quanto às micronarrativas e também em relação aos perfis de maior grau de entrada há nesta data uma mescla de atores entre ciberativistas e perfis de mídia, que vão desde os grandes veículos de comunicação até perfis cujo objetivo é a divulgação de localização, situação de ruas e avenidas, além de tráfego local de veículos e passagem de cidadãos em determinados pontos.

Por fim, no dia 21 de junho, a rede se territorializa, datando locais e pontos de manifestações, no geral, eram perfis populares noticiosos, como @JornalODia, @Rio\_News, que divulgavam informações sobre desenrolar dos protestos, depredações em locais públicos, dentre outros assuntos. Apesar dessa característica geral do dia demonstrar uma forte presença de mensagens direcionadas às informações sobre as ruas, há também comunidades que repercutem entre si o posicionamento da Polícia Militar, em uma avaliação sobre a ação da PM durante os dias de protesto. Observou-se também uma forte carga emocional formada por uma comunidade que destacava a “verdadeira cobertura dos protestos”, enfatizando que a mídia não teria mostrado tudo que teria acontecido nas ruas da cidade.

No geral a análise dos seis dias de protesto demonstrou a temática da violência como uma forma dominante de captura de atenção e comoção durante a manifestação no Rio de Janeiro. Nota-se que a partir do momento em que a violência policial se fez presente nas ruas, a rede é mobilizada em prol dessa pauta, seja condenando o “vandalismo”, seja apontando a violência da atuação policial. Os regimes de atenção, sobretudo se analisarmos de perto os grandes perfis, de maior grau de entrada, e as maiores comunidades, micronarrativas, perpassam o tempo todo sobre a temática da violência: orientando manifestantes com táticas e estratégias de atuação na rua, indicação de melhores caminhos para escaparem de cercos policiais, ou até mesmo pontuando casos específicos de violência, que mereciam destaque e atenção da rede. Vale a pena notar, portanto, que a temática central dos protestos: a redução da tarifa de transporte público e o pedido de melhorias para a situação geral do país, ficam em segundo plano, no momento em que a violência aparece e toma forma durante essa semana de protesto. A atenção, portanto, funciona nessa rede de duas formas diversas, perfis de alto grau de entrada captam a atenção pelas discussões mais gerais, sem aprofundamento, mas com temáticas que levam os indivíduos a compartilharem as mensagens pela sua forte carga emocional

relacionada à violência. Por outro lado, o movimento da micronarrativa aponta a importância de, em comunidades menores, mas altamente conectadas, existirem discussões de temáticas mais incidentes durante o protesto e a tentativa de execução de ações necessárias para auxílio àqueles que estariam atuando nas manifestações, a exemplo das orientações de direcionamento de ruas, localização dos policiais, dentre outras informações que eram repassadas dessas comunidades para as ruas.

Podemos destacar ainda durante este período certas características gerais sobre as ações entre as redes e as ruas e a produção de conteúdo pelos perfis em rede. Primeiramente, deve-se pontuar a forte tendência de perfis em rede produzirem certo padrão de conversação e transformação da audiência em uma espécie de “GPS” humano para ativistas, ou seja, buscando pautar e informar os manifestantes nas ruas sobre as melhores táticas, locais de acesso, pontos de fuga e de proteção durante os protestos. Em segundo lugar vemos a importância dos “live tweets” para propagação da urgência da informação, realizados por diversos perfis nas ruas, mas também de forma precursora pelo canal de mídia @TerraAoVivo, em uma narrativa que muito se assemelha ao trabalho dos próprios Ninjas, que tiveram o papel de funcionarem como canal de mídia alternativo durante as manifestações no Brasil. Deve-se pontuar que no dataset do #ProtestoRJ a Mídia Ninja não esteve presente pela não utilização desta hashtag específica durante o período, na época era utilizada pelo grupo a hashtag #ProtestoBR. Em terceiro lugar, vemos que mídia não participa da disputa narrativa do protesto no Rio de Janeiro até a propagação de informações sobre as manifestações realizadas pelo veículo de comunicação estrangeiro, o @Guardian, que com o uso da hashtag #ProtestoRJ incentiva a mídia brasileira a utilizar a partir de então as categorias indexadoras do movimento. Por fim, deve ser ressaltada a questão da violência, que incide forte nos protestos no Rio de Janeiro e é a temática de grande repercussão e discussão durante todos os dias de manifestação. A rede demonstra ainda que o #ProtestoRJ vai além das próprias manifestações do rio, deslocando-se para o subúrbio e região metropolitana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. In: Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

ALVAREZ-HAMELIN, J.I; DALL'ASTA, L; et al. **K-core decomposition**: a tool for the visualization of large scale networks. 27 abril 2005. Disponível em < <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00004807v1> >. Acesso em: 05 jan. 2015.

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ontologia da liberdade na rede**: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 286-294, setembro/dezembro 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8196>>. Acesso em: 23 jul.2012.

ARNAUT, Rodrigo Dias et al. **Era Transmídia**. Revista Geminis: Ano 2, n.2, 2011. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/93/pdf> >. Acesso em: 10 abr.2015.

BACHINI, Natasha; CHICARINO, Tathiana. **Ciberindignação**: a apropriação da internet para mobilização política. In: Anais do V Seminário Nacional Sociologia e Política, 14, 15 e 16 de maio de 2014, Curitiba –PR.

BIFO, Franco. **A fábrica da infelicidade**: trabalho cognitivo e a crise da *new economy*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BRUNO, Fernanda; NASCIMENTO, Liliane; MAZOTTE, Natália. **#ProtestoRJ: atores menores fazem a rede**. 5 ago. 2013. Disponível em: < <https://medialabufrj.wordpress.com/2013/08/05/protestorj-atores-menores-fazem-a-rede/>>. Acesso em: 05 jan.2016.

BRUNO, Fernanda. **Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede**. In: Famecos. v. 19, n. 3. 2012.

CALIMAN, Luciana Vieira. **Os valores da atenção e a atenção como valor**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812008000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed. v.1: **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Comunicación y Poder**. Traducción de María Hernández. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CITTON, Yves. **Le capitalisme entraîne une crise de l'attention**. Libération, 2014. Disponível em <[http://www.liberation.fr/societe/2014/09/26/le-capitalisme-entraîne-une-crise-de-l-attention\\_1109327](http://www.liberation.fr/societe/2014/09/26/le-capitalisme-entraîne-une-crise-de-l-attention_1109327)>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

COCCO et al. Introdução: conhecimento, inovação e redes de redes. In: COCCO et al. **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

COCCO, Giuseppe; MALINI, Fábio. **Circular para produzir: novos mecanismos de socialização do conhecimento**. In: Revista Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro: IETS, 2002.

CORSANI, Antonela. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. In: COCCO et al. **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

COSTA, Rogério da. **Inteligência coletiva: comunicação, capitalismo cognitivo e micropolítica**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 37, dezembro de 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4801/3605>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.

COSTA, Rubens Antonio Andrade. **Os movimentos sociais de junho de 2013 e a Câmara Municipal do Rio de Janeiro**. Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Rio de Janeiro, 2015.

CURTY, Renata Gonçalves. Plataforma para o Conhecimento Coletivo. In: TOMAÉL, Maria Inês.(Org). **Fontes de Informação na Internet**. Londrina: EDUEL, 2008. p.53-78.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna**. São Paulo: Cosa Naify, 2013. 384 pp.

DAVENPORT, Thomas.H.; BECK, John.C. **A Economia da Atenção: compreendendo o novo diferencial de valor dos negócios**. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier: 2001.

DE SOUZA, Paula Falcão. **A geneologia das lutas multidinárias em rede: o vem pra rua no Brasil**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de Tecnologias da Comunicação e Estéticas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FERREIRA, Suzana Andrade. **A internet como meio de comunicação política e construção de imagem no Brasil democrático**. Compolítica Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, IV Encontro da Compolítica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I (A vontade de saber)**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FREITAS, Leandro Q. **Medidas de centralidade em grafos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GOMES, Wilson. Participação política online: Questões e hipóteses de trabalho. In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W; MARQUES, F. P. J. A. **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v.03, 214-222, set/dez, 2005.



HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Trad. Clóvis Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

JACOMY, Mathieu. et al. **A Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization**. 29 ago.2011. Disponível em: < [http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2\\_Paper](http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2_Paper) >. Acesso em: 04 mai. 2013.

JENKINS, Henry. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling** (Well, Two Actually. Five More on Friday), 2009. Disponível em: < [http://henryjenkins.org/2009/12/the\\_revenge\\_of\\_the\\_origami\\_uni.html](http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html) >. Acesso em: 10 abr.2015.

JUDENSNAIDER, Elena [et al.]. **Vinte centavos: a luta contra o aumento**. 1.ed. São Paulo: Veneta, 2013.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o Social** – uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador- Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LAZARTE, Leonardo. **Ecologia cognitiva na sociedade da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 43-51, Aug. 2000. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652000000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200006&lng=en&nrm=iso) >. Acesso em: 18.mai.2015.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Introdução de Giuseppe Cocco; tradução de Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Civilização Brasileira/Record. Rio de Janeiro. 2006

\_\_\_\_\_. Para uma definição do conceito de “bio-política”. **Lugar Comum** – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, Rio de Janeiro/RJ, n. 5-6, 1999, p.81-96

\_\_\_\_\_. Trabalho e capital na produção dos conhecimentos: uma leitura através da obra de Gabriel Tarde. In: COCCO et al. **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

LEMOS, André. **Nova esfera Conversacional**. In: Dimas A. Künsch, D.A, da Silveira, S.A., et al. Esfera pública, redes e jornalismo. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2009, ISBN 978857650243-2, p. 9 – 30.

LÉVY, Pierre. O ciberespaço e a economia da atenção. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da Rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p.248-285.

MAIA, R. C. M. Sob a perspectiva da esfera civil: participação política e internet. In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W; MARQUES, F. P. J. A. **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MALINI, Fabio. **O Comunismo das Redes**. Sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Rio de Janeiro: 2007.

\_\_\_\_\_. **O imaterial e o afetivo nas mídias digitais: contribuições de Antonio Negri para os estudos de rede**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/106804978416198500649120157591852647444.pdf>>. Acesso em: 20 mar.2015.

\_\_\_\_\_. **Cobertura colaborativa nas redes sociais: entre a emergência e a programação**. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2011a, Rio de Janeiro. [Trabalhos apresentados]. Disponível em: <<http://fabioimalini.com/wpcontent/uploads/2011/09/artigo-final-Malini-sbpjor.doc>>. Acesso em 20 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. **Twitter se converteu no sistema nervoso de nossas sociedades**. 2011b. Disponível em <<http://www.labic.net/blog/traducoes/twitter-se-converteu-no-sistema-nervoso-de-nossas-sociedades/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista: Fábio Malini sobre as redes sociais, as manifestações e transparência no Brasil. 2013. **Americas Society Council of the Americas**. Disponível em <<http://www.as-coa.org/articles/entrevista-f%C3%A1bio-malini-sobre-redes-sociais->

[manifesta%C3%A7%C3%B5es-e-transpar%C3%Aancia-no-brasil](#)>. Acesso em: 16 jan.2016.

MALINI, Fábio; CANCIAN, Allan. **#Spanishrevolution: internet e narrativas das lutas sociais no Twitter**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, 2011.

MARAZZI, Christian. A crise da new economy e o trabalho das multidões. In: Cocco, Giuseppe, HOPSTEIN, Graciela. **As multidões e o império** – entre a globalização da guerra e a universalização dos direitos. Rio de Janeiro: DPA, 2002.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de Redes Sociais** – aplicação nos estudos de transferência da informação. Brasília, v.30, n.1, p.71-81, jan/abr. 2001.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil**. Opinião Pública, Campinas, vol.12, 2006, p 164-187.

NEGRI, Antonio. Finitude da comunicação/ infinitude do desejo. In: PARENTE, André (org.). **Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

\_\_\_\_\_. **5 lições sobre Império**. DP&A Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e Política na Atualidade**. In: Estudos Gerais da Psicanálise – Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2013.

NICOSIA, Vincenzo. **Modularity for community detection: history, perspectives and open issues**, Dipartimento di Matematica e Informatica, 2008, Catania, Itália. Disponível em: <<http://supernet.isenberg.umass.edu/fulbright-catania/workshop-talks/nicosia-nagurneydaniele-workshop.pdf>>. Acesso em: 20 abril. 2013.

NUNES, Rodrigo Guimarães. As manifestações renovarão os mecanismos existentes, ou criarão novos? (entrevista). **Instituto Humanitas Unisinos**. 17 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/528306-as-manifestacoes-renovacao-os-mecanismos-existentis-ou-criacao-novos-entrevista-especial-com-rodrigo-nunes->>. Acesso em: 15 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. A organização dos sem organização. Oito conceitos para pensar o inverno brasileiro. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 12 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3036>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

O'REILLY, Tim. **O que é a Web 2.0** - Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. 2005. Disponível em: <<https://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>>. Acesso em 20 outubro de 2012.

PASQUINELLI, Matteo. **O algoritmo do PageRank do Google**: Um diagrama do capitalismo cognitivo e da exploração da inteligência social geral. 2009. Disponível em <[http://matteopasquinesi.com/docs/Pasquinesi\\_PageRank\\_pt.pdf](http://matteopasquinesi.com/docs/Pasquinesi_PageRank_pt.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Capitalismo Maquínico e Mais-Valia de Rede: notas sobre a economia política da máquina de Turing. **Lugar Comum** – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, Rio de Janeiro/RJ, n. 39, 2013, p.13-36.

PELBART, Peter Pál. **Poder sobre a vida, Poder de vida**. Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: Universidade Nômade, 2002

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, A.R; OTAZU, V.J.O. **Redes Complexas: Medidas e Métricas**. Monografia (Bacharel em Ciência da Computação) – Coordenadoria do Curso de Ciência da Computação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2011.

SINGER, André. **Brasil, Junho de 2013**. Classes e ideologias cruzadas. Novos Estudos CEBRAP. n97, p.23-40, nov. 2013a.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes inteligentes**. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

ROSINY, Stephan. **The Arab Spring: Triggers, Dynamics and Prospects**. German Institute of Global and Area Studies. 2012, nº1, ISSN 186203581.

TAVARES, Wellington; DE PAULA, Ana Paula Paes. Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas no Ciberespaço. In: **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, jan. /mar. 2015, v.4, n.1, p .209-230.

TEIXEIRA, Antonio Claudio Engelke Menezes. **Internet e Democracia: Cooperação, Conflito e o Novo Ativismo Político**. 2014. 296f. Tese (Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

TORET, Javier. **Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas: el sistema rede 15m, um nuevo paradigma de la política distribuida**. IN3 Wordking Paper Series, Internet Interdisciplinary Institute, 2012.

VENTURINI, TOMMASO. **Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory**. Online, 2009. Disponível em: <[http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso\\_venturini/Diving\\_in\\_Magma.pdf](http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/Diving_in_Magma.pdf)>. Acesso em: 22 de jun.2014.

WARREN-SCHERER, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, 2006, v. 21, n.1, p. 109-130, jan. /abr.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 29, n. 2, Nov. 2000. ISSN 1518-8353. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>>. Acesso em: 18 mar. 2015.